

...E AS LÍNGUAS?

Anthony Hoekema

CONTEÚDO

PREFÁCIO

CAPÍTULO 1

A HISTÓRIA DO FALAR EM LÍNGUAS

DO ANO 100 A 1900 D.C.	7
1. O MONTANISMO.....	8
2. O TESTEMUNHO DE IRENEU (APROXIMADAMENTE 130 - 200 D.C.).....	8
3. TERTULIANO (APROXIMADAMENTE 160 - 220 D.C.).....	10
4. CRISÓSTOMO (APROXIMADAMENTE 345 - 405 D.C.).....	10
5. SANTO AGOSTINHO (354 - 430 D.C.).....	11
6. A IDADE MÉDIA.....	11
7. OS MENINOS PROFETAS DE CEVENNES	12
8. OS JANSENISTAS.....	13
9. A IGREJA CATÓLICA APOSTÓLICA.....	13
10. OUTROS GRUPOS	14
O MOVIMENTO PENTECOSTAL	14
O NEOPENTECOSTALISMO.....	17

CAPÍTULO 2

O SIGNIFICADO DO FALAR EM LÍNGUAS PARA OS PENTECOSTAIS	20
--	----

CAPÍTULO 3

UMA AVALIAÇÃO BÍBLICA DO FALAR EM LÍNGUAS	27
1. PASSAGENS DOS PROFETAS APRESENTADAS PELOS PENTECOSTAIS QUE SEGUNDO ALEGAM APOIAM O FALAR EM LÍNGUAS.	27
2. PASSAGENS APRESENTADAS PARA DEMOSTRAR QUE O FALAR EM LÍNGUAS TINHA QUE PERMANECER NA IGREJA.	29
3. PASSAGENS APRESENTADOS PARA PROVAR QUE HÁ UM BATISMO DO ESPÍRITO DISTINTO E POSTERIOR À REGENERAÇÃO, DO QUAL O FALAR EM LÍNGUAS É A EVIDÊNCIA FÍSICA INICIAL.....	31
4. A DISCUSSÃO DA GLOSSOLÁLIA EM I CORÍNTIOS 12-14.....	43

CAPÍTULO 4

UMA AVALIAÇÃO TEOLÓGICA DO FALAR EM LÍNGUAS	54
1. NÃO PODE SER DEMONSTRADO CONCLUSIVAMENTE QUE OS DONS MILAGROSOS DO ESPÍRITO, QUE INCLUEM A GLOSSOLÁLIA, CONTINUAM NA IGREJA.	54
2. A DOCTRINA DISTINTIVA DAS DENOMINAÇÕES PENTECOSTAIS QUE É BÁSICA EM SEUS ENSINAMENTOS SOBRE A GLOSSOLÁLIA, A SABER, QUE TODO CRENTE DEVE BUSCAR UM BATISMO DO ESPÍRITO SANTO POSTERIOR À CONVERSÃO, NÃO TEM BASE NAS ESCRITURAS.	59
3. A TEOLOGIA DO PENTECOSTALISMO ENSINA ERRONEAMENTE QUE UMA BÊNÇÃO ESPIRITUAL DEVE SER ATESTADA POR UM FENÔMENO FÍSICO.	61
4. NO PENTECOSTALISMO ESTÁ IMPLÍCITA UMA ESPÉCIE DE SUBORDINAÇÃO DE CRISTO AO ESPÍRITO SANTO QUE NÃO ESTÁ EM HARMONIA COM A ESCRITURA.	61
5. A TEOLOGIA DO PENTECOSTALISMO TENDE A CRIAR DOIS NÍVEIS DE CRISTÃOS: OS QUE TEM RECEBIDO O BATISMO DO ESPÍRITO E OS QUE NÃO O TEM RECEBIDO.	62
6. A TEOLOGIA DO PENTECOSTALISMO IMPLICA QUE A IGREJA TEM ESTADO SEM CONDUTOR, SEM PODER ADEQUADO, SEM A PLENA LUZ, E SEM UMA EXPERIÊNCIA CRISTÃ COMPLETA DESDE OS FINS DO SÉCULO I ATÉ O PRINCÍPIO DO SÉCULO XX.	63

CAPITULO 5

O QUE PODEMOS APRENDER DO MOVIMENTO QUE FALA EM LÍNGUAS	66
BIBLIOGRAFIA	79
LIVROS.....	79
<i>OBRAS ESCRITAS POR PENTECOSTAIS:</i>	79
<i>OBRAS ESCRITAS POR NÃO PENTECOSTAIS:</i>	79
<i>OBRAS EMINENTEMENTE HISTÓRICAS:</i>	80
PERIÓDICOS.....	81

PREFÁCIO

O propósito principal deste livro é fazer uma avaliação bíblica e teológica do fenômeno de falar em línguas. Inclui uma breve síntese histórica da glossolália, assim como um capítulo que aborda o que a igreja pode aprender do movimento que fala em línguas.

Inicialmente, devo deixar claramente estabelecido que me sinto muito agradecido pelo que Deus está realizando por meio desses cristãos de convicções pentecostais, especialmente nos campos missionários do mundo. Considero os pentecostais e neopentecostais irmãos em Cristo, e portanto, o que direi acerca de seus pontos de vista sob a questão das línguas, será com espírito de amor cristão. Gostaria que meus amigos pentecostais vissem este livro como um diálogo teológico com eles, que tem o propósito de alcançar uma melhor compreensão do que a Palavra de Deus ensina sobre o tema em questão.

Baseei minha exposição dos ensinamentos pentecostais e neopentecostais primeiramente em seus próprios escritos, especialmente em dois livros doutrinários de autores das Assembléias de Deus, publicados em castelhano pela Editorial Vida: *O que isso significa?* de Carl Brumback e *O Espírito Mesmo Concedeu* de Ralph M. Riggs. Tentei ser o mais justo e exato possível, mesmo assim reconheço que posso ter incorrido em alguma incorreção. Sentirei agradecido se me chamassem atenção para tais inexatidões.

Este livro nasceu de uma série de conferências dadas no Seminário Teológico Batista Conservador de Denver, Colorado, em outubro de 1964. Estou profundamente agradecido pelo convite para estas conferências e pela cordial hospitalidade a mim deferida.

Desejo expressar meu apreço por todas as pessoas que me enviaram material, proporcionaram informação e responderam às minhas cartas. Estou endividado com vários autores que escreveram sobre glossolália, e diversos amigos com os quais discutimos o tema. Gostaria também de agradecer aos meus alunos do Seminário Calvino, cujas questões suscitaram meu interesse neste tema.

Sobretudo, dou graças ao Senhor que me capacitou para fazer este estudo. Que este livro magnifique o Pai que nos escolheu, ao Filho que morreu por nós e ao Espírito Santo que habita em nós.

ANTHONY HOEKEMA

CAPÍTULO 1

A HISTÓRIA DO FALAR EM LÍNGUAS

Os anos recentes têm testemunhado um notável avivamento do interesse num fenômeno comumente conhecido como “falar em línguas”. O nome mesmo não nos diz muito; obviamente todo falar se faz com a língua. O que há de extraordinário em “falar em línguas”?

O falar em línguas, ou glossolalia, para usar a expressão técnica, é a emissão espontânea de sons num idioma em que o falante jamais aprendeu e nem sequer o entende. Este falar em línguas é praticado normalmente em certos tipos de grupos religiosos.

No entanto, o surpreendente é que, ainda que por relativamente muito tempo o falar em línguas esteve majoritariamente limitado às igrejas pentecostais, a partir de 1960 este fenômeno tem-se estendido às principais denominações da cristandade. O falar em línguas entrou nas igrejas episcopais (a alta), presbiterianas, metodistas, batistas, luteranas e reformadas. Quando a glossolalia saltou das igrejas com fachada de armazém e de tabernáculos pentecostais para os santuários góticos e as salas de casas particulares, os telégrafos começaram a soar, as máquinas de escrever trabalharam incessantes e as prensas rodaram pressurosamente. Da noite para o dia o falar em línguas converteu-se em notícia de primeira página.

Apesar do falar em línguas em grande escala não se iniciou antes do surgimento do pentecostalismo em 1906, o fenômeno havia-se apresentado anteriormente dentro e fora da igreja cristã. Contudo, dentro da Igreja e até os princípios do Século XX, o falar em línguas somente foi encontrado ocasionalmente, e isso entre grupos minoritários.

Para entender as atuais manifestações de glossolalia¹ devemos conhecer algo de sua história. Ao apresentar esta breve história não vou discutir o falar em línguas fora da igreja cristã, apesar de que alguém possa encontrar muitos paralelos interessantes a este fenômeno entre os devotos de religiões não cristãs. Tampouco quero neste momento discutir as referências bíblicas à glossolalia, uma vez que serão consideradas num capítulo adiante. Começarei essa breve síntese histórica no ano 100 d.C., aproximadamente, porque esta data marca o fim aproximado do que poderíamos chamar história bíblica e o começo aproximado do que normalmente chamamos História da Igreja. O tratamento histórico será realizado visualizando três fases distintas: o período que vai do ano 100 ao 1900 d.C., o movimento pentecostal e o neopentecostalismo.

DO ANO 100 A 1900 D.C.

Ao fazer esta síntese, o que nos surpreende é a falta de freqüência da glossolalia na história da igreja cristã. Também nos chama a atenção o fato dos grupos em que se falava em línguas eram grupos minoritários, que com freqüência

¹ Esta palavra, derivada do grego *glossa*, língua e *lalia*, falar, será usada como sinônimo de falar em línguas.

encontravam-se sob perseguição. Ao examinar esta história, vemo-nos de encontro com a seguinte pergunta: Somos obrigados a supor que as modernas aparições de glossolália são a continuação do dom carismático de línguas como ocorreu, por exemplo, em Corinto? Ou é possível que haja explicações psicológicas para este fenômeno que tornam a primeira suposição desnecessária e, sobretudo errônea?

1. O Montanismo

Os escritores pentecostais às vezes se referem ao montanismo como um movimento na igreja antiga do Século II que se lhes assemelha. Um destes autores expressa deste modo: *“Uma seita da igreja antiga que pode se classificada de pentecostal é a que foi fundada por Montano da Frigia, que defendia uma estrita disciplina eclesiástica e cria que a igreja receberia um novo batismo pentecostal”*. O mesmo autor cita Eusébio, o historiador da igreja do Século IV, para assinalar que Montano *“foi arrebatado em espírito, e introduziu-se numa espécie de frenesi e êxtase irregular, delirando, falando e proferindo coisas estranhas”*. Duas companheiras de Montano, Priscila e Maximila, também falaram *“numa espécie de extático frenesi”*.

Entretanto, se é citado o montanismo como um precedente para o pentecostalismo, trata-se de um precedente pouco feliz, uma vez que a Igreja condenou-o considerando heréticos os ensinamentos de Montano. Sua posição era que havia chegado a Era do Espírito, e que o Espírito agora falava por meio de Montano. Ele recebia novas revelações que suplementavam e aumentavam a Bíblia. Considerando que então se iniciara a era final, Montano e seus associados conclamaram as pessoas para se reunirem em Pepuza, Frigia, para esperar o fim do mundo. Montano e seus seguidores foram excluídos da Igreja porque se julgou que a pretensão dele de haver recebido revelações superiores à Bíblia era contrária à finalidade da Escritura. Portanto, ainda que não se possa negar que entre os montanistas ocorreu o falar em línguas, o fato de ter ocorrido entre os membros deste grupo não é propriamente uma grande recomendação.

2. O Testemunho de Ireneu (aproximadamente 130 - 200 d.C.)

A passagem de Ireneu que mais é citada como indicativa da continuação da glossolália na igreja antiga se encontra em *Contra as Heresias*, V, 6, 1:

Por esta razão, o Apóstolo declara: “Falamos sabedoria entre perfeitos”, denominando “perfeitos” a quem tem recebido o Espírito de Deus, e que por meio do Espírito de Deus falam em todos os idiomas, como ele² mesmo falava. De igual maneira, nós também ouvimos de muitos irmãos na igreja que possuem dons proféticos, e que por meio do Espírito falam toda classe de línguas, e trazem à luz coisas que estão escondidas dos homens, e declaram os mistérios de Deus para o benefício geral, aos quais também o Apóstolo denomina “espirituais”, sendo espirituais porque participam do Espírito, e não porque tenham sido despojados de sua carne e se tenham convertido em seres puramente espirituais.

Os pentecostais citam freqüentemente esta passagem para provar que no Século II d.C. havia pessoas que falavam “toda classe de línguas”. Contudo, tanto

² Ainda que neste ponto a tradução do grego para o inglês põe *Himself* (Ele mesmo), com maiúscula, obviamente é um erro, posto que a referência é a Paulo e não ao Espírito.

P. Feine quanto G. B. Cutten assinalam que, dado que a palavra traduzida por “toda classe de” é um termo algo obscuro (a palavra grega dada por Eusébio é *paritodapais*), não é certeza que Ireneu esteja falando de idiomas estrangeiros ou de expressões extáticas que não fossem idiomas específicos conhecidos.

No entanto, consideremos esta passagem com um pouco mais de cuidado. Vale fazer os seguintes comentários:

(1) Quando em II. 32. 4. descreve-se os dons milagrosos do Espírito ainda na igreja de seu tempo, Ireneu menciona o exorcismo, a previsão do futuro, visões, profecias, curas e até a ressurreição de mortos (ainda que B. B. Warfield diz que esta última se refere somente a pessoas ressuscitadas dentre os mortos nos tempos apostólicos e dos quais Ireneu teve notícias). Como se vê, nesta lista dos dons do Espírito, Ireneu não menciona o falar em línguas. Porque não? Se o dom tivesse existido em seu tempo, poderíamos esperar que o mencionasse juntamente com o de profecia e de curas.

(2) Na passagem citada anteriormente, V, 6, 1, o propósito principal de Ireneu não é discutir que os dons permanecem na Igreja, mas explicar que as expressões *perfeito* e *espiritual*, quando as usa o apóstolo Paulo, não menosprezando de nenhum modo o valor do corpo humano. O argumento geral desta seção tem a ver com a doutrina da ressurreição do corpo, doutrina que os gnósticos negavam. Portanto, o que Ireneu diz aqui acerca de pessoas que “pelo Espírito falam toda classe de línguas” é puramente incidental com respeito ao seu propósito. Em outras palavras, o argumento que está apresentando teria o mesmo valor se estivesse falando tanto em relação ao Novo Testamento, como ao seu próprio tempo.

(3) Há alguma possibilidade de que Ireneu esteja falando aqui não de um fenômeno que estivesse ocorrendo em seu tempo, mas do que havia ocorrido no tempo do Novo Testamento. Evidentemente, isso é certo na primeira oração da citação em que o editor inseriu uma nota marginal que remete o leitor a 1 Coríntios 2:6; Ireneu está aqui falando de pessoas na igreja de Corinto, que pelo Espírito de Deus falavam em “todas as línguas”. A segunda oração, que descreve os irmãos da igreja que não só falam línguas, mas tem outros dons proféticos, desvenda coisas escondidas e declara os mistérios de Deus, termina com a declaração: “a quem também o apóstolo denomina “espirituais”³. A palavra traduzida “denomina” é no latim *vocat*, forma do presente do indicativo do verbo *vocare* “chamar ou nomear”. Ireneu está dizendo que a estas pessoas Paulo as chama “espirituais”. Se Ireneu quisesse dizer que certas pessoas de seu tempo eram pessoas as quais Paulo chamaria espirituais se ainda estivesse vivo, porque não expressou isso de uma forma muito mais clara? E porque Ireneu não usou o perfeito do subjuntivo em vez do presente do indicativo? É também significativo que os dons espirituais dos quais fala a segunda oração são precisamente os descritos na Primeira Epístola aos Coríntios, o que alude à primeira oração da citação. Portanto, é possível que Ireneu, não esteja aqui falando acerca de um fenômeno ocorrido em seus dias, mas simplesmente acerca do ocorrido nos tempos do Novo Testamento.

³ Infelizmente, não temos o texto grego desta parte. No entanto, o texto latino diz: quos et spirituales Apostolus vocat (Migne, *Patrologia Graeca*, VII, 1137). Note-se que *et* precede à palavra *spirituales*. O argumento é este: aqui temos uma palavra diferente da que o apóstolo usa para um grupo similar de pessoas. Dai que uma melhor tradução seria “a quem o apóstolo também chama espirituais”.

(4) Ademais, devemos admitir que Eusébio, o historiador da igreja, entendeu que Ireneu descrevia algo que estava ocorrendo no Século II. E as palavras iniciais da citação parecem dar ao leitor essa impressão: “De igual maneira, nós também ouvimos⁴ de muitos irmãos na igreja... que por meio do Espírito falam toda classe de línguas...”. As palavras “De igual maneira” e a repetição de “falar em línguas” (que já havia sido mencionado na oração precedente) fariam pensar que “Ireneu está-se referindo a algo que ocorria em seu tempo. Se é assim, temos evidência para a continuação do dom de línguas no Século II, ainda que não se nos diz se estes que falam línguas eram montanistas ou membros das igrejas regulares e fica então o problema do significado da expressão aos quais também o apóstolo denomina espirituais”.

3. Tertuliano (aproximadamente 160 - 220 d.C.)

Há uma passagem de Tertuliano que indica que em seu próprio grupo era comum certo tipo de falar extático. Em seu livro *Contra Márcion* desafia a Márcion para que lhe mostre os seguintes fenômenos:

Que *Márcion* então mostre, como dons de seu deus, alguns profetas que não falem por sentido humano, mas com o Espírito de Deus, que predizem o futuro, e manifestem os segredos do coração; que mostre um salmo, uma visão, uma oração apenas que seja pelo Espírito, num êxtase, isto é, num arrebatamento (amentia), quem quer que haja experimentado uma interpretação de línguas; mostre-me também, que alguma mulher de língua jactanciosa de sua comunidade que profetize, alguma dentre essas suas irmãs especialmente santas. Pois agora, todos estes sinais (de dons espirituais) se produzem em meu partido sem nenhuma dificuldade...

Acerca desta citação devemos anotar duas coisas: (1) Quando Tertuliano escreveu *Contra Márcion* era montanista. Já temos visto o fato de que a glossolália ocorria entre os montanistas o que dificilmente pode-se constituir em um argumento que a apóie. (2) Em toda a passagem nada se diz da glossolália, ainda que se mencione a interpretação de línguas. Menciona-se o falar em êxtase, falar num arrebatamento (amentia, sugere que a mente consciente não tem o controle, mas não se afirma especificamente que isso incluía o falar numa língua desconhecida. Alguém poderia falar em êxtase num idioma conhecido).

4. Crisóstomo (aproximadamente 345 - 405 d.C.)

Crisóstomo, pai da Igreja do Século IV, dá claro testemunho de que não havia glossolália na igreja de seu tempo. Ao comentar a discussão de Paulo sobre o falar em línguas em 1 Coríntios 12 e 14, diz: “Tudo isso é muito obscuro, mas a obscuridade produz-se da nossa ignorância dos fatos que se referem à sua cessação, que havendo ocorrido então, agora já não mais sucedem”.

⁴ No entanto, cabe destacar que no texto latino o verbo ouvir está no tempo perfeito: *audivimus*, isto é, ouvimos. Em relação a isso é significativo o comentário de Warfield: “A juventude de Ireneu passou-se em companhia de discípulos dos apóstolos...” (*Miracles Yesterday and Today*, [Milagres no Passado e no Presente] p. 25). Ireneu poderia simplesmente estar informando do que ainda jovem havia ouvido daqueles que haviam estado com os apóstolos.

5. Santo Agostinho (354 - 430 d.C.)

Agostinho também testemunhou que não se observava glossolália na igreja de seu tempo. Porque na *Sexta Homília Sobre I João* escreveu:

Nos primeiros tempos, o Espírito Santo caiu sobre os que creram e eles falaram em línguas “segundo o Espírito os concedia que falassem”. Eram sinais adaptados para seu tempo. Porque correspondeu àquela demonstração do Espírito em todas as línguas para assinalar que o evangelho de Deus seria transmitido por meio de todas as línguas, por toda a terra. Aquilo foi feito como uma demonstração ou sinal, e passou. Na imposição de mãos para que as pessoas recebam o Espírito Santo, devemos agora esperar que falem em línguas? Ou quando pomos as mãos sobre os infantes [nota do editor: os neófitos ou novos convertidos], espera-se que alguns de vós venhais a falar em línguas; e acerca do não falar em línguas, espera-se que haja alguém tão insensato para dizer que alguém não tem recebido o Espírito Santo, pois que se o tivesse recebido haveria de ter falado em línguas como era naqueles tempos?

Também afirmou em outro escrito: *“Porque, há alguém que espera nestes dias que em quem se impõem as mãos para que recebam o Espírito devam imediatamente começar a falar em línguas?”*.

Portanto, parece que no tempo de Crisóstomo não há evidências de glossolália na igreja oriental, e que no tempo de Agostinho não há sinais de falar em línguas na igreja ocidental⁵. Neste ponto, uma pergunta nos sentimos impulsionados a formular: Se a glossolália é um dom do Espírito tão importante como os pentecostais e neopentecostais de hoje afirmam, porque Deus permitiu que simplesmente desaparecesse da igreja? Temos encontrado a glossolália entre os montanistas, mas lá estava associada com um movimento sectário que negava que as Escrituras estivessem encerradas no cânon. A declaração de Ireneu que muitos citam, como temos visto, poderia ser a descrição do falar em línguas em tempos do Novo Testamento mais do que um fenômeno ocorrido nos dias dele.

6. A Idade Média

George Barton Cutten, autor de *Falando em Línguas*, é louvado pelos que estudam este tema como o mais antigo historiador da glossolália no idioma inglês. Seu comentário sobre a relativa ausência de glossolália durante a Idade Média é muito interessante: “É realmente surpreendente... que nesta era de maravilhas (o período medieval) haja aparecido com tão pouca frequência (o dom de línguas)” (p. 37).

Diz-se que certa quantidade de indivíduos do período medieval falou em línguas, particularmente em idiomas que nunca haviam aprendido. Diz-se que São Vicente Ferrer (1357-1419) falou a gregos, alemães e húngaros em seu dialeto

⁵ Um proeminente autor pentecostal cita Agostinho dizendo: “Todavia fazemos o que os apóstolos praticavam quando punham as mãos sobre os samaritanos e pediram que o Espírito Santo descessem sobre eles pela a imposição de mãos. Espera-se que os convertidos falem novas línguas” (Carl Brumback - *O quer dizer isso?*, pp. 103, 104, Editorial Vida, Florida). A mesma citação encontra-se em *With Signs Following* (Estes Sinais Seguirão) de Stanley Frodsham (p. 254, edição de 1946) e em *They Speak With Others Tongues* (Eles Falavam em Outras Línguas, p. 83) de John L. Sherrill. No entanto, e nenhum caso se faz referência à documentação desta afirmação. Em face da citação documentada apresentada acima, que deixa uma impressão completamente oposta, podemos ter a certeza de que Agostinho realmente disse o que Brumback e Frodsham disseram que disse?

valenciano nativo e estes o entenderam. Diz-se que São Luís Bertrand (1526-81) converteu a 30.000 índios sul-americanos de diversas tribos e dialetos pelo uso do dom de línguas. Também informa-se que São Francisco Xavier (1506-52) teve o dom de línguas de forma tão notável que pôde pregar aos nativos da Índia, China e do Japão em seus próprios idiomas, ainda que jamais os tivessem estudado. Cutten chega a indicar, no entanto, que estes informes contradizem o testemunho do próprio Xavier e as declarações explícitas do historiador José Acosta. Este afirma que Xavier tinha que trabalhar arduamente para dominar o japonês e outros idiomas que estudou. O artigo sobre Xavier na Enciclopédia Britânica menciona especificamente que ele favorecia o esforço que os missionários faziam de estudar os idiomas nativos. Quando vemos, como se deu no caso de Xavier, o processo de floreamento da história dos santos com lendas fantásticas, damo-nos conta de que temos que ter muita sobriedade para com outros relatos medievais acerca do dom milagroso de línguas estrangeiras.

No tempo da Reforma algumas das melhores mentes da Europa esquadriharam diligentemente as Escrituras para re-descobrir os padrões neo-testamentários de doutrina e vida. No entanto, nenhum dos reformadores achou que o falar em línguas pertenceria à categoria dos dons normais que Deus tem outorgado permanentemente à Sua Igreja.

7. Os Meninos Profetas de Cevennes

Ao seguir adiante na direção do período moderno, devemos notar brevemente o que se diz sobre a glossolália dos assim chamados “Pequenos Profetas de Cevennes”. Depois da revogação do Edito de Nantes em 1685, muitos protestantes saíram da França e a vida se fez cada vez mais difícil para quem ficou. Desde 1685 até princípios do Século XVIII os pobres camponeses huguenotes de Cevennes, região do Sul de França, tiveram que suportar terríveis provações e cruéis perseguições. Durante as perseguições, muitos destes campônios converteram-se em profetas. É especialmente interessante notar que um grande número destes profetas eram crianças. Estes profetas de Cevennes caíam em êxtase e pronunciavam frases que acreditavam ser inspiradas pelo Espírito Santo. Dizia-se que alguns deles haviam falado em hebraico e latim, sem que jamais tivessem aprendido esses idiomas. Um deles disse que o Espírito de um anjo ou de Deus mesmo havia feito uso de seus órgãos da voz; estava certo de que um poder superior falava por seu intermédio.

Dizem-se outras cosas interessantes sobre estes *camisardos*, como também se lhes chamou, diz-se que apareciam luzes no céu que os conduziam a lugares seguros, e vozes que cantavam para lhes dar alento. Warfield sublinhou que, em comum com os antigos montanistas, prediziam a pronta vinda do Senhor e o estabelecimento de seu reino sobre a terra, pretendendo que a difusão dos dons espirituais, evidentes em seus movimentos, fosse a preparação e sinal de seu iminente regresso. Warfield também nos fala da pregação de um tal Doutor Emes, morto no dia 22 de dezembro de 1707, que teria que se ressuscitar no 25 de março de 1708. Infelizmente, o Dr. Emes não ressuscitou, pelo que os profetas tiveram que publicar um panfleto dando “As razões de Squire Lacy por que Dr. Emes não ressuscitou”.

Quando refletimos no significado da glossolalia como se apresentou entre os

profetas de Cevennes ou *camisardos*, notamos várias semelhanças entre eles e os montanistas do Século II. Perguntamo-nos, até que ponto essas experiências eram alucinatórias, uma vez que as alucinações podem ser freqüentes em tempos de angústia ou perigo. No que diz respeito ao falar em línguas, Cutten assinala: “Não encontramos nada neste ou em casos similares que não possam ser explicados por leis psicológicas conhecidas”.

8. Os Jansenistas

Diz-se com freqüência que houve glossolalia entre os jansenistas do Século XVIII na França. O artigo sobre o jansenismo na Enciclopédia Britânica explica que o falar em línguas era praticado pelos membros mais extravagantes do grupo, os quais com o tempo foram desqualificados pelos jansenistas de maior reputação.

9. A Igreja Católica Apostólica

Uma manifestação mais extensa de glossolalia apareceu no Século XIX na chamada Igreja Católica Apostólica fundada por Edward Irving (1792-1834). A glossolalia começou neste grupo quando duas pessoas começaram a falar em línguas desconhecidas na Escócia. Irving, que era então pastor de uma congregação londrina, queria estes dons para sua igreja e desde então começou a orar por eles. Depois de um tempo, a glossolalia ocorreu em seu grupo. Ainda que ao princípio tivesse a intenção de manter o falar em línguas como um exercício privado, logo Irving permitiu que os glossolalistas exibissem em público seu dom. Depois disso, como dizia Thomas Carlyle, amigo íntimo de Irving, os serviços de sua igreja converteram-se numa verdadeira Babel.

Ao princípio pensou-se que estas línguas eram idiomas estrangeiros verdadeiros. Mary Campbell, a jovem que foi a primeira a falar em línguas na Escócia, pretendia falar o idioma das Ilhas Palaos. Esta pretensão, segundo um escritor, era “certa... com poucas probabilidades de serem postas em dúvida com autoridade”. No entanto, mais adiante a opinião era que os idiomas eram sinais sobrenaturais e não idiomas específicos.

Para uma avaliação completa da glossolalia entre os irvingistas, como se chamou os seguidores de Irving, convidamos o leitor que a fazê-la mediante a leitura do Capítulo 4, do livro de Warfield, *Miracles Yesterday and Today* (Milagres, Ontem e Hoje). Neste capítulo Warfield conta de certo Robert Baxter que se fez membro da igreja de Irving em 1831. Durante um tempo, Baxter tomou parte ativa no movimento. Mas quando não se cumpriram as profecias que haviam feito, os seus olhos foram abertos. Rompeu publicamente com o movimento dizendo a Irving que estava convencido de que “todos falávamos por um Espírito mentiroso e não pelo Espírito do Senhor”. Baxter chegou a publicar um livro, em que expressou sua desilusão com os dons sobrenaturais supostamente outorgados à congregação de Irving. Warfield segue dizendo que até Mary Campbell confessou mais tarde que a algumas de suas impressões pessoais ela havia dado o nome de voz de Deus. Podemos concluir observando que não se recebe uma impressão muito favorável da glossolalia ao estudar a história da Igreja Católica Apostólica.

10. Outros Grupos

Poderíamos seguir adiante apontando que já havia glossolália entre os quakers (*tremedores*) e entre os primeiros *mórmons* (o artigo 7 dos artigos de fé dos mórmons inclui o dom de línguas para os mórmons). Poderíamos observar que mais para frente houve manifestação de línguas entre alguns dos convertidos de Whitefield e Wesley, e que houve glossolália no grande avivamento dos Estados Unidos e nos avivamentos da Escócia e País de Gales. Poderíamos, além disso, tomar nota de alguns exemplos de glossolália na Rússia e Armênia. Mas já se tem feito um esboço suficiente desta história para provar que a glossolália tem ocorrido apenas ocasionalmente no passado, e que não se tem encontrado nos grandes segmentos da igreja cristã histórica, mas em grupos minoritários, alguns deles definitivamente heréticos. Portanto, a glossolália não é parte da grande tradição do cristianismo histórico, mas um fenômeno isolado que tem ocorrido esporadicamente sob circunstâncias anormais.

O silêncio comparativo destes muitos séculos de história quanto à glossolália deveria fazer pensar seriamente quem pretende que o dom de línguas seja um dos dons permanentes do Espírito para a sua igreja. A voz da história da igreja parece dizer-nos que o Espírito não tem seguido outorgando este dom ao povo de Deus, ao tempo em tem seguido guiando a sua igreja em toda a verdade. Os pentecostais contra-argumentam que a razão do virtual desaparecimento deste dom da igreja é que durante esses séculos o povo de Deus estava pecando contra Deus⁶. Os cristãos não criam completamente em todas as promessas de Deus⁷, e o amor de muitos se esfriara. Contudo, a dificuldade desta interpretação é que se constitui em uma grande acusação contra 1800 anos de história eclesiástica. Devemos crer honestamente que nenhum cristão dos séculos passados, mártires, missionários, guerreiros ou santos, teve a classe de fé, amor e dedicação mostrada pelos crentes pentecostais de hoje? Foi toda a história da igreja desde o ano 100 até 1900 uma história de apostasia?

O MOVIMENTO PENTECOSTAL

Em outubro de 1900, Charles Parham, ex-ministro metodista, inaugurou uma escola bíblica em Topeka, Kansas. Parham havia sido cativado pelo movimento de santidade que então estava em seu apogeu; cria que a santificação era uma segunda e definida obra da graça que destruía completamente o pecado inato. Também estava convencido de que depois que alguém tenha obtido uma santificação real e a unção que permanece, ainda faltava um grande derramamento de poder que os cristãos teriam que experimentar.

Antes do Natal de 1900, Parham, que devia sair por três dias, pediu aos seus estudantes que procurassem na Bíblia se haveria alguma evidência do que ocorre com o batismo do Espírito Santo - bênção que cria ainda dever receber o crente convertido e santificado⁸. Quando Parrana voltou, ficou maravilhado ao constatar

⁶ Carl Brumback, O que quer dizer Isso?, pp. 333, 338.

⁷ Ralph M. Riggs, O Espírito Mesmo, pp. 99 -101.

⁸ Note-se a idéia que há por trás desta concepção: além da conversão e da santificação, há uma terceira obra da graça.

que os quarenta estudantes haviam chegado a uma conclusão idêntica: “Quando caiu a bênção pentecostal, a prova indiscutível em cada ocasião foi que eles falaram em outras línguas”. A partir daí, o grupo começou a buscar ativamente o batismo do Espírito Santo, acompanhada da evidência que é um extático falar em línguas.

Em 1º de janeiro de 1901 (ou seja, como nos lembram os pentecostais, no começo mesmo do Século XX), a senhorita Agnes Ozman, uma das alunas de Parham, foi a primeira deste grupo que falou em línguas depois que Parham lhe impôs as mãos. Os pentecostais chamam a esta experiência de o começo do moderno avivamento pentecostal.

Logo, outros estudantes começaram a falar em línguas, como também o fez o próprio Parham. Este se convenceu de que todo o cristão deveria receber o batismo do Espírito Santo que ele e seus estudantes haviam recebido, e que deveriam falar em línguas como evidência de haver recebido este batismo. Parham agora começou a levar “a mensagem pentecostal” ou “a mensagem do evangelho pleno”, como também foi chamado, e o pregou em várias cidades: Kansas City, em Kansas; Lawrence, em Missouri; El Dorado Springs, em Missouri, Galeria, em Kansas; Joplin, em Missouri; Orchard e Houston, no Texas. Em 1905, Parham estabeleceu um instituto bíblico em Houston, Texas.

Entre os que estudaram no instituto de Houston e se convenceram da verdade da mensagem de Pentecostes estava W. J. Seymour, pregador negro do movimento de santidade. Aproximadamente neste tempo visitou Houston, Neeley Terry, mulher negra de Los Angeles, que assistiu à igreja do Sr. Seymour e recebeu o batismo do Espírito Santo e o dom de línguas. Ficou tão impressionada com Seymour que persuadiu a igreja em Los Angeles a qual pertencia para que convidasse o irmão para pregar. No entanto, a primeira mensagem de Seymour em Los Angeles produziu tal hostilidade que o pregador visitante encontrou as portas fechadas para ele quando regressou para o culto da tarde. Impávido, Seymour começou a pregar numa casa. Em 9 de abril de 1906, sete pessoas foram batizadas com o Espírito Santo e começaram a falar em línguas. Estes acontecimentos chamaram tanto a atenção que o grupo logo se mudou para um edifício na Rua Azusa, que anteriormente havia sido igreja, mas que por ora era uma cocheira. Neste lugar de poucas pretensões, Seymour seguiu dirigindo cultos que tiveram a assistência de crescentes números de pessoas de diversas denominações e raças. As reuniões se seguiram durante três anos, e chegaram a ser o centro do movimento pentecostal. De todo o país veio gente à missão da Rua Azusa para receber o batismo do Espírito e a evidência das línguas⁹.

Após isso seguiram anos de rápido crescimento. O assim chamado avivamento pentecostal estendeu-se a Chicago, Winnipeg e New York. Pouco depois de 1906, o “evangelho pleno” podia ser achado em todos os continentes. O movimento seguiu crescendo, até que hoje se estima que haja pelo menos 26 denominações que se consideram parte do movimento pentecostal.

Consideremos brevemente alguns dos maiores corpos pentecostais dos

⁹ Como exemplo da influência mundial do avivamento da Rua Azusa basta mencionar T. B. Barratt, fundador do pentecostalismo norueguês, considerado pela maioria como o apóstolo do movimento pentecostal na Europa. Ele recebeu o batismo do Espírito e começou a falar em línguas por influência da missão da Rua Azusa (Nils Bloch Hoefi, *The Pentecost Movement* (O Movimento Pentecostal), pp. 66, 67, 75).

Estados Unidos. O maior e mais influente deles é as Assembléias de Deus com sede em Springfield, Missouri. Em abril de 1965 sua membresia total no país era de mais de 555.000. Tinham mais de 8.400 igrejas, 10.000 ministros ordenados e 5.000 licenciados nos Estados Unidos. Sua principal escola é o Instituto Bíblico Central em Springfield e seu semanário é o Pentecost Evangel. Uma idéia do tremendo alcance de sua atividade missionária pode-se deduzir do fato de que em abril de 1965 diziam ter 891 missionários no estrangeiro, 15.105 igrejas e pontos de pregação no exterior e uma membresia estrangeira (incluindo aderentes e membros em plena comunhão) de 1.472.766 pessoas. Isso significa que, de cada quatro pessoas que são membros ou aderentes das Assembléias de Deus, três estão no campo missionário, enquanto uma está nos Estados Unidos¹⁰.

A segunda igreja pentecostal em importância nos Estados Unidos é a Igreja de Deus em Cristo. É uma igreja negra fundada por C. H. Mason e C. P. Jones. Segundo Kelsey, este grupo tinha mais de 400.000 membros em 1963 contra apenas 31.000 que tinha em 1936. É uma igreja de santidade que ensina que a santidade é considerada um requisito para a salvação e para o batismo do Espírito.

O terceiro corpo pentecostal em importância é a Igreja de Deus com sede em Cleveland, Tennessee. Esta é também a igreja pentecostal mais antiga do país, havendo começado em 1886 num avivamento dirigido no sudeste do Tennessee por Richard G. Spurling, pai, e seu filho do mesmo nome. A. J. Tompson chegou a ser mais tarde o supervisor geral desta igreja, mas foi afastado em 1923. Esta também é uma igreja de santidade que ensina que à santificação segue a justificação e ao batismo do Espírito Santo segue a purificação ou santificação. Segundo cifras entregues por esta igreja em agosto de 1964, sua membresia total nos Estados Unidos e Canadá era de mais de 200.000; nestes países tinha quase 7.000 ministros (esta cifra provavelmente inclui ministros ordenados e licenciados) em aproximadamente 3.500 igrejas. No entanto, nessa data sua membresia mundial era de em torno de 400.000.

Segue em tamanho a Igreja Unida Pentecostal, que começou quando se uniram duas igrejas em 1945, e que segundo Kelsey tem 175.000 membros. É uma igreja das que se chamam "unitárias": nega que há três pessoas na Trindade, e ensinam que Pai, Filho e Espírito Santo são uma única pessoa e que essa pessoa é Jesus Cristo. Em consequência, seu ensinamento é uma espécie singular de unitarismo que se centraliza na segunda pessoa e não na primeira; este unitarismo de tipo pentecostal é conhecido também como o movimento "Só Jesus". As pessoas que têm sido batizadas no nome do Deus Trino têm que ser rebatizadas no nome de Jesus quando se fazem membros deste grupo. A maioria dos demais corpos pentecostais, as Assembléias de Deus em particular, tem repudiado firmemente este ensinamento unitário. Pode ser interessante notar que a Igreja Unida Pentecostal tem um código moral muito rígido. Oficialmente reprova coisas tais como o banho misto, a maquiagem, os desportos e as diversões mundanas, o uso da televisão, e proíbe que as mulheres cortem o cabelo. Num folheto publicado pela denominação intitulado "A Questão do Cabelo", são dadas quinze razões pelas quais as mulheres devem ter o cabelo comprido.

Outro proeminente grupo pentecostal é a Igreja Internacional do Evangelho Quadrangular (ou quadrado, ou ainda Foursquare em alguns países), fundada em

¹⁰ Estas cifras foram entregues pela sede denominacional das Assembléias de Deus em julho de 1965.

1927 por Almee Semple McPherson. Esta igreja também ensina que os crentes devem receber o batismo do Espírito Santo e que este batismo deve ser atestado pelo falar em línguas. Em 1965 este grupo dizia ter uma membresia total de 159.034 com 771 igrejas e 1647 ministros ordenados e licenciados em os Estados Unidos. Um folheto sobre missões publicado pela igreja em 1965 dá as seguintes cifras: 1368 pastores nacionais e evangelistas, 1402 igrejas e pontos de pregação no estrangeiro e 96.432 membros e aderentes no campo missionário.

Outro grupo pentecostal que deve ser considerado é a Igreja de Deus Pentecostal, pelo menos pelo fato de que Oral Roberts pertencia a ele. Doutrinariamente também é um grupo de santidade. A santificação é considerada uma segunda obra da graça instantânea (ainda que também sustentem que é progressiva). Considera o batismo do Espírito Santo como uma obra de graça adicional¹¹. Portanto, é interessante notar que as cifras entregues pelo grupo em 1946 estavam classificadas em três categorias: 26.251 membros, 8.043 salvos, 3.179 santificados e 1.724 batizados com o Espírito. Contudo, estatísticas mais recentes indicam que, em julho de 1956, a igreja dizia ter 60.665 membros, 1.331 igrejas e 2.446 ministros em os Estados Unidos. A membresia mundial total naquela data era 84.915 com 85 missionários no estrangeiro.

Mais um grupo deve-se mencionar, Assembléias Pentecostais Mundiais. Esta também é uma igreja negra que tinha uma lista de 50.000 membros e 600 igrejas em 1959. Esta igreja se opõe às sociedades secretas, às datas de festas eclesíásticas, ao uso de jóias, de meias atrativas, de cabelo cortado ou alisado e de adereços de cores brilhantes.

Estes são, pois, os principais corpos pentecostais nos Estados Unidos. Há vários outros grupos, a maior parte menores que os mencionados. Devido o crescimento rápido do pentecostalismo, não somente nos Estados Unidos, mas em países estrangeiros, este movimento com frequência é chamado "terceira força do cristianismo". Há muitas igrejas pentecostais vigorosas em países europeus como Noruega, Suécia, Finlândia, Dinamarca, Suíça, Rússia, Itália, Alemanha e Inglaterra. O pentecostalismo também é forte na América do Sul, especialmente no Brasil. As igrejas pentecostais têm sido muito ativas no trabalho missionário; Bloch-Hoell, dando cifras do ano 1954, estima que naquele tempo o contingente de missionários pentecostais era pelo menos três vezes e meia maior que o considerado "normal" no mundo protestante. Ainda que seja difícil fazer uma estimativa de quantas pessoas no mundo poderiam se chamar pentecostais, é certo que as cifras mundiais alcançam a vários milhões. Enquanto Bloch Hoell estima que haja aproximadamente seis milhões de seguidores pentecostais no mundo, incluindo as crianças, John L. Sherril julga que há mais de 8.500.000 pentecostais no mundo, mais de 2.000.000 dos quais estão nos Estados Unidos.

O NEOPENTECOSTALISMO

Resta explorar mais uma fase da história deste tema, fase que Russell T. Hitt tem denominado neopentecostalismo. Com esta expressão quero significar a passagem da glossolália para as igrejas estabelecidas. Antes de 1960, o fenômeno

¹¹ Note-se que esta igreja ensina três obras da graça distintas.

da glossolália estava confinado exclusivamente às igrejas pentecostais, no entanto, na atualidade já não é assim.

Tudo começou com Dennis Bennett, reitor da Igreja Episcopal de São Marcos em Van Nuys, Califórnia, nos arredores de Los Angeles. Por meio da influência de um casamento celebrado em uma igreja vizinha, recebeu o dom de línguas, e achou que seria uma estimulante experiência espiritual, os efeitos da qual se introduziram em sua vida cotidiana. Logo, umas setenta pessoas na congregação começaram a falar em línguas, incluindo alguns dos mais conhecidos membros da congregação. Como a igreja estava dividida pelo problema, o Rev. Bennett renunciou à reitoria em 3 de abril de 1960. A publicidade que se seguiu à sua renúncia serviu para difundir ainda mais a notícia deste novo turbilhão de línguas.

Atualmente, muitos episcopais estão praticando a glossolália. Frank Farrell informou em setembro de 1963 que, segundo se dizia, uns 2.000 episcopais estavam falando línguas somente no sul da Califórnia. A glossolália também se tem estendido pela Igreja Presbiteriana. Mais de 600 membros da Primeira Igreja Presbiteriana de Hollywood (a maior igreja local da denominação) haviam falado em línguas, segundo uma informação. Alguns membros da Igreja Reformada da América também tem começado a falar em línguas, provavelmente o mais conhecido deles seja o Rev. Harald Bredesen, pastor da Primeira Igreja Reformada de Mount Vernon, New York. O Rev. Bredesen recebeu o dom de línguas num acampamento pentecostal em Green Lane, Pennsylvania, e desde então tem sido um ativo propagandista da glossolália. Atualmente é presidente da Sociedade da Bendita Trindade, grupo que atua como ponta de lança do movimento neopentecostal, particularmente por meio de sua revista trimestral (Trindade). A visita do pastor Bredesen ao campus da Universidade de Yale foi o que acendeu a faísca de um incêndio de línguas ali.

A glossolália também se tem infiltrado nas igrejas luteranas. Provavelmente, o pastor luterano mais conhecido e que tem recebido o dom seja o Rev. Larry Christenson, pastor da Igreja Luterana da Trindade em San Pedro, Califórnia, que tem escrito bastante sobre o tema. O movimento penetrou na igreja metodista, Morton Kelsey menciona uma quantidade de ministros metodistas que tem recebido o dom de línguas e tem sido instrumentos para dá-lo a outros. O falar em línguas também tem se estendido às igrejas batistas; o Senhor Kelsey descreve a experiência de dois ministros batistas que receberam o dom e cita o Dr. Francis Whiting, diretor do Departamento de Evangelismo da Convenção Batista de Michigan, como que tenho dito que a salvação do mundo está nos dons carismáticos tais como o dom de línguas.

Ademais, cabe destacar que a glossolália tem feito sua colheita também em pequenos grupos tais como InterVarsity Christian Fellowship (grupo que em diversos países trabalha com estudantes universitários, com sede em Londres), Wycliff Bible Translators (missão dedicada à tradução da Bíblia a idiomas indígenas) e entre *Os Navegantes*. Também, o mesmo tem ocorrido em instituições bem conhecidas como Wheaton College, Westmont College e Fuller Seminary. Dentro do movimento neopentecostal, além das atividades da Sociedade da Bendita Trindade, há reuniões de pequenos grupos, denominados grupos de comunhão do Espírito Santo, que celebram reuniões e convenções de avanço cristão. Uma organização internacional denominada Associação Internacional de Homens de Negócios do Evangelho Pleno, com sede em Los Angeles, publica três revistas *Voz*, *Visão e Ponto*

de Vista. Esta organização tem uma quantidade de diretores estrangeiros além dos Estados Unidos, e *capítulos* (organizações locais) em países tão distantes como Austrália e África do Sul.

De todo o exposto, é evidente que a glossolália na atualidade está-se estendendo para muito mais além das fronteiras das igrejas pentecostais. Ainda que não haja dados disponíveis, e ainda que o falar em línguas nas outras igrejas nem sempre é admitido abertamente, é óbvio que o número dos que falaram ou falam em línguas fora das igrejas pentecostais deve ser bastante considerável. Particularmente, a difusão das línguas em igrejas não pentecostais é o que faz que a questão das línguas seja um problema tão vivo na atualidade.

CAPÍTULO 2

O SIGNIFICADO DO FALAR EM LÍNGUAS PARA OS PENTECOSTAIS

A prática de falar em línguas é comum a todos os pentecostais, como também aos que comumente denominam-se neopentecostais. Antes de proceder à avaliação do falar em línguas, devemos primeiro entender o significado da glossolália para quem a pratica.

Desde o começo deve-se notar que há diferenças de opinião entre os pentecostais sobre se a “santificação completa” é necessária antes que alguém possa receber o batismo do Espírito que é acompanhado pela glossolália¹. Por santificação completa entende-se quando alguém fica completamente imune da presença do pecado em face de uma experiência instantânea. No princípio do movimento houve muita ênfase na importância dessa santificação instantânea. Lembre-se que Charles F. Parhan, em cujo instituto bíblico começou o movimento pentecostal, era um pregador da santidade que cria na santificação completa como uma “segunda obra de graça” depois da conversão. Durante o avivamento em Los Angeles em 1906, muitas pessoas disseram haver recebido a santificação completa e conseqüentemente diziam que esta bênção era necessária antes que alguém pudesse receber o batismo do Espírito.

Entretanto, no decorrer do tempo, houve uma variação no ensinamento pentecostal. Ainda que alguns grupos pentecostais continuem com a ênfase na necessidade da santificação completa como uma experiência que deve anteceder o batismo do Espírito, de modo que o batismo do Espírito fosse considerado por eles como uma terceira obra da graça subsequente à regeneração (ou conversão) e a santificação instantânea², a maioria dos grupos pentecostais tem abandonado esta posição. Hoje em dia, a maioria das igrejas pentecostais ensina que a santificação não é uma experiência instantânea, mas um processo que segue pela vida, ainda depois que alguém recebe o batismo do Espírito. Portanto, a maioria dos pentecostais considera o batismo do Espírito como uma espécie de “segunda obra da graça” que ocorre depois da regeneração.

Mesmo assim, ambos os grupos de pentecostais concordam em que a glossolália é a evidência inicial do batismo do Espírito. Em virtude de não haver diferença de opinião entre ambos os grupos sobre o ponto que nos ocupa (isto é, o significado da glossolália), passarei por alto pela diferença de opinião sobre a questão da santificação completa que deveria seguir.

Ao determinar o significado da glossolália para quem a pratica, devemos, portanto levar em conta outra diferença de opinião que existe entre os pentecostais. Nem todos estão de acordo no ponto de a glossolália invariavelmente acompanhar o batismo do Espírito. Alguns pentecostais sustentam que, ainda que o

¹ Entende-se por “batismo do Espírito”, “batismo no Espírito”, “batismo com o Espírito” ou “batismo espiritual” (estas expressões as usaremos como sinônimas) a experiência instantânea em que uma pessoa que já é crente é completamente cheia do Espírito Santo, e assim recebe todo o poder para o serviço cristão. Todas as igrejas pentecostais devem buscar este batismo espiritual.

² Entre os grupos pentecostais que sustentam esta posição estão a Igreja de Deus, a Igreja de Deus em Cristo, e a Igreja Pentecostal da Santidade.

falar em línguas seja uma das evidências do batismo do Espírito, não é necessariamente a única evidência, e que, portanto, uma pessoa pode receber o batismo do Espírito sem falar em línguas. Alguns líderes pentecostais europeus como T. B. Barratt de Noruega e Lewi Pethrus de Suécia estão dispostos a admitir que, como uma exceção, o batismo do Espírito pode ocorrer sem glossolália. J. E. Stiles Jr., escreveu em *Cristianismo Hoje*: “Há uma crescente minoria entre pessoas do evangelho pleno que crêem que as línguas não se constituem em “única” ou “necessária” evidência do recebimento inicial do Espírito Santo. Aceitamos que é uma evidência”. Ni1s Bloch-Hoell, cujo estudo histórico do movimento pentecostal é o mais completo até agora publicado, afirma:

A opinião dominante do movimento pentecostal é a que o batismo do Espírito é acompanhado pelo falar em línguas, mas, ao mesmo tempo, permite teoricamente, a possibilidade do batismo do Espírito sem glossolália.

Vê-se então que, em que pese uma minoria de pentecostais admitir a possibilidade de batismo do Espírito sem glossolália, a maioria considera que o batismo do Espírito sem glossolália estaria incompleto ou carente de evidência³.

Mesmo que o leitor deva recordar-se que há pentecostais que não estão na posição da maioria, apresentarei o ponto de vista da maioria como típico do movimento pentecostal. Ao apresentar o ponto de vista da maioria, reproduzirei até aonde for possível, a posição sustentada pelas Assembléias de Deus, a maior igreja pentecostal dos Estados Unidos, e provavelmente o grupo pentecostal de mais influência no mundo.

As Assembléias de Deus estabeleceram seus principais dogmas doutrinários no que chamam *Declaração de Verdades Fundamentais*, que compreende 19 artigos. O artigo 7 desta declaração diz:

Todos os crentes têm o direito à promessa do Pai, a qual deveriam esperar ardente e intensamente: o batismo no Espírito Santo e no fogo, de acordo com o mandamento de nosso Senhor Jesus Cristo. Essa era a experiência normal de toda a Igreja Primitiva. Com ela chega investidura do poder para a vida e o serviço, a concessão de dons e o uso deles na obra do ministério (Lucas 24:49, Atos 1:4, 8; I Coríntios 12:1-31). Esta experiência é distinta e posterior à experiência do novo nascimento (Atos 8:12-17; 10:44-46; 11:14-16; 15:7-9). Com o batismo do Espírito Santo vêm experiências tais como a completa plenitude do Espírito (João 7:37-39; Atos 1:4-8), uma reverência mais profunda a Deus (Atos 2:43; Hebreus 12:28), uma consagração mais intensa a Deus e dedicação à sua obra (Atos 2:42), e um amor mais ativo por Cristo, por sua Palavra e pelos perdidos (Marcos 16:20).

O Artigo 8 faz as seguintes afirmações:

O batismo dos crentes no Espírito Santo é testificado pelo sinal físico inicial de falar outras línguas conforme o Espírito as concede que falem (Atos 2:4). O falar em línguas neste caso é o mesmo em essência que o dom de línguas (1 Coríntios 12:4-10, 28), mas difere em propósito e uso.

Justapondo estes dois artigos, chegamos às seguintes conclusões:

1. Todos os crentes deveriam buscar o batismo do Espírito Santo.
2. Este batismo do Espírito é distinto e posterior à experiência do novo nascimento.

³ Neste ponto somente estamos considerando a posição de membros das igrejas pentecostais. A questão dos pontos de vista dos neopentecostais será considerada mais adiante neste capítulo.

3. Este batismo do Espírito Santo outorga poder para a vida e o serviço, maior consagração, um amor mais ativo por Cristo, por sua Palavra e pelos perdidos.

4. O sinal físico inicial do batismo do Espírito é falar em outras línguas.

5. Este sinal físico inicial, ainda que seja o mesmo em essência que o dom de línguas de que fala I Coríntios 12, é diferente em propósito e uso.

Portanto, para as Assembléias de Deus - e sua posição nisso é típica dos pentecostais em geral - a glossolália é tão importante que todo crente deveria praticá-la como evidência inicial do batismo do Espírito Santo que todos devem buscar obter. Cito um proeminente autor das Assembléias de Deus:

Uma experiência deve ser recebida por todos os que querem entrar no reino - o novo nascimento... do mesmo modo, ordena-se a todos os crentes que recebam uma experiência - o batismo ou plenitude do Espírito. Novamente, as reações físicas, emocionais e intelectuais são tão variadas como os que a recebem, mas, outra vez, uma evidência acompanha uniformemente à experiência: o testemunho do Espírito através de nós em outras línguas⁴.

Ralph M. Riggs, outro escritor das Assembléias de Deus, dá dez razões por que deveríamos receber o batismo do Espírito Santo pouco depois da conversão⁵. A importância da glossolália para os pentecostais vem indicada pela seguinte declaração de Carl Brumback: "É nossa sincera crença que sem esta evidência (ou seja, a da glossolália) não pode haver um batismo completo com o Espírito Santo"⁶. Portanto, todo cristão deve buscar a glossolália, não por causa de si mesmo, mas como evidência de que se tem recebido o batismo do Espírito Santo.

Pois bem, o que é este batismo do Espírito, posterior e distinto do novo nascimento? Significa a entrada do Espírito Santo na vida de alguém como Pessoa em Seu próprio nome e direito. Ralph Riggs descreve a experiência da seguinte maneira:

Como Espírito de Cristo, Ele veio na conversão, trazendo a vida de Cristo, revelando a Cristo e o fazendo-se real. No batismo do Espírito, Ele mesmo, em Sua própria pessoa cai sobre o crente que espera e o enche. Esta experiência é tão distinta da conversão como o Espírito Santo é distinto de Cristo. Sua vinda ao crente no batismo é a vinda da terceira Pessoa da Trindade, após a vinda de Cristo, que ocorreu na conversão⁷.

Então, isso significa que alguém não recebe o Espírito Santo em nenhum sentido no momento da conversão? Pelo contrário, todo cristão tem o Espírito Santo

⁴ Carl Brumback, *O Que Quer Ser Isso?* pp. 296, 297 (as cursivas são de Brumback). Este livro me foi recomendado por Russell Spittler, membro da faculdade do Instituto Bíblico Central, como um dos dois melhores livros que apresentam os ensinamentos das Assembléias de Deus sobre a glossolália. O outro livro mencionado era o de Ralph M. Riggs, *O Espírito Mesmo*. Os outros grupos pentecostais não tem publicado estudos doutrinários tão completos como estes. Portanto, será nestes dois livros que nos basearemos principalmente para apresentar o ensinamento pentecostal sobre o batismo espiritual e a glossolália.

⁵ Ralph Riggs, *O Espírito Mesmo*, pp. 84-85.

⁶ Obra citada pp. 221, 222. Note-se também a seguinte afirmação que aparece em uma nota de rodapé de uma página: "Não é prerrogativa de nenhum autor interpretar infalivelmente as crenças de todo o movimento pentecostal acerca das línguas. No entanto, sentimos que na maioria dos casos este volume apresentará somente o que geralmente crê o movimento; e naqueles casos em que possamos apresentar uma convicção pessoal que não é aceita pelo movimento em geral, temos que ter muito cuidado em fazê-lo saber". Na página referida não há indicação de que a "crença sincera" citada acima não seja aceita geralmente pelo movimento pentecostal. O alcance do contexto, em realidade, é que esta crença é uma que todos, ou certamente, a maioria dos pentecostais sustentam em comum.

⁷ Ralph Riggs, *O Espírito Mesmo*, p. 81.

uma vez que é Ele quem deve pô-lo em contato com Cristo, e é o Espírito quem deve operar a regeneração⁸. Mas somente depois do batismo do Espírito, a Terceira Pessoa da Trindade toma o controle definitivo por direito próprio, e dispensa todo o complemento de seus dons⁹. Em suma, ainda que se receba certos frutos do poder do Espírito no momento da regeneração ou conversão, não recebe ao Espírito como pessoa que o enche completamente até o momento do batismo do Espírito Santo. A glossolália é a evidência inicial deste batismo do Espírito.

Sobre que base bíblica estão fundamentados estes ensinamentos? Principalmente, no estudo de passagens do livro de Atos que descrevem certos grupos que falaram em línguas quando o Espírito caiu ou veio sobre eles. Mais adiante examinaremos registros das Escrituras com maior detalhe.

Deve-se recordar que os pentecostais distinguem entre glossolália como evidência inicial do batismo do Espírito e como um dom que o receptor pode continuar exercendo. Assim eles dão razão ao fato óbvio de que nem todos em Corinto tinham o dom de línguas¹⁰. Numa palavra, sua posição é esta: todos os que recebem o batismo do Espírito devem falar línguas como evidência física inicial deste batismo. Nem todos os que recebem esta evidência, no entanto, seguem exercendo o dom de línguas¹¹.

Além disso, o dom de línguas opera de um modo duplo: devocional e congregacional. Como exercício devocional poderia ser usado como um meio para orar, dar graças, cantar. Pelo uso do dom nesta forma alguém se edifica a si mesmo¹². O outro uso do dom é congregacional. As línguas deveriam ser usadas nos serviços da igreja. Brumback afirma que é bom que o pregador seja interrompido ocasionalmente por uma expressão em línguas, ainda que não se propicie uma interrupção constante¹³. Donald Gee, outro escritor das Assembléias de Deus, refletindo sobre as diferenças entre os serviços pentecostais e os das igrejas protestantes regulares, expressa a questão de um modo mais bem ameno: “Melhor um pouco de desordem e o Senhor operando que a ‘ordem’ aparente da tumba e da morte”¹⁴. No entanto, quando se usam as línguas no serviço da igreja, devem ser interpretadas, por isso os pentecostais falam do dom de interpretação como um dom adicional. Sem intérprete, o que fala em línguas deve calar-se na igreja¹⁵.

⁸ Ibid., pp. 81, 123.

⁹ Ibid., pp. 123, 124. Compare-se com a declaração de Morton Kelsey, *Tongue Speaking*, p. 78: “O cristão que recebe o batismo espiritual e fala em línguas entra então em uma vida carismática em que está aberto para receber todos os demais dons do Espírito”. Kelsey reproduz aqui o ensinamento pentecostal,

¹⁰ Brumback, *O Que Quer Ser Isso?*, pp. 313-328. Segundo Bloch-Hoell, o movimento pentecostal em suas primeiras etapas não distinguiu entre glossolália como sinal do batismo do Espírito e como dom da graça. Geralmente se cria naquele tempo, segue dizendo, que a glossolália em conexão com o batismo do Espírito era um dom permanente da graça. No entanto, mais tarde se introduz a distinção descrita acima; esta distinção agora é feita comumente, se não por todos, pelo menos pela maioria dos pentecostais (obra citada p. 142).

¹¹ Segundo Bloch-Hoell, o movimento pentecostal em suas primeiras etapas não distinguiu entre glossolália como sinal do batismo do Espírito e como dom da graça. Geralmente se cria naquele tempo, segue dizendo, que a glossolália em conexão com o batismo do Espírito era um dom permanente da graça. No entanto, mais tarde se introduz a distinção descrita acima; esta distinção agora é feita comumente, se não por todos, pelo menos pela maioria dos pentecostais (obra citada p. 142).

¹² Brumback, obra citada, pp. 329-348.

¹³ Ibid., p. 393. Sobre o uso congregacional das línguas, veja-se as páginas 349-358.

¹⁴ Riggs, obra citada, pp. 189-200.

¹⁵ Brumback, obra citada, pp. 359-383. Está implícito nesta discussão que nem todas as igrejas pentecostais observam as restrições que o Apóstolo Paulo estabelece sobre o falar em línguas em I Coríntios 14:27-28.

Pode ser de interesse perguntar neste ponto: Segundo os pentecostais, como são estas línguas? São idiomas humanos reais, ou são apenas expressões extáticas que não têm similaridade com idiomas que atualmente se falam sobre a terra? Para responder a esta questão, devo, em primeiro lugar, reproduzir brevemente os ensinamentos pentecostais sobre as línguas descritas na Bíblia. Os pentecostais estão bem de acordo que as línguas faladas no dia de Pentecostes eram idiomas reais, uma vez que Lucas afirma que cada homem ouviu os discípulos em sua própria língua¹⁶. No que diz respeito à glossolália em Corinto, Brumback afirma que ainda que haja uma diferença entre as línguas em Atos e as de Corinto quanto ao propósito e operação, não há diferença entre elas quanto a sua natureza: noutras palavras, em Corinto assim como em Jerusalém, as línguas eram idiomas estrangeiros reais falados por pessoas que não haviam tido uma preparação prévia nesse idioma¹⁷.

Sobre a base do ponto de vista da glossolália na forma descrita nas Escrituras, Brumback sustenta que a glossolália na atualidade não é falar uma linguagem celestial desconhecida para o homem, mas falar um verdadeiro idioma humano que, no entanto, é desconhecido para a pessoa que fala¹⁸; ainda afirma que há casos registrados em que expressões glossolálicas têm sido identificadas como idiomas existentes, tanto por crentes pentecostais como não pentecostais¹⁹. Brumback admite que às vezes a glossolália atual não seja um idioma genuíno, mas uma pura algaravia; no entanto, esses casos são considerados fraudulentos, como uma tentativa de imitar o genuíno dom de línguas²⁰. Donald Gee, escritor pentecostal britânico, está de acordo que na atualidade a glossolália é o falar de idiomas estrangeiros genuínos. Então pareceria que a posição pentecostal geral é que a glossolália segundo se pratica na atualidade é o falar um idioma estrangeiro genuíno por pessoas que nunca tenham estudado o idioma em que falam e que não o entende no momento em que os estão falando.

No entanto, deve-se observar que nem todos os pentecostais estão de acordo neste ponto. Alguns pentecostais dizem-me em conversações privadas que a glossolália de hoje poderia ser um falar um idioma estrangeiro existente, ou falar uma língua em êxtase que não tem similar na linguagem humana. Ademais é significativo que pelo menos um dos escritores das Assembléias de Deus não compartilha do ponto de vista de que a glossolália de hoje seja sempre um idioma genuíno. Stanley Frodsham, em um livro que sempre aparece recomendado no catálogo atual da Gospel Publishing House, agência oficial de publicações das Assembléias de Deus, tem isso a dizer acerca do dom de línguas:

O filho de Deus tem o privilégio de ter uma linguagem com Deus, e nenhum homem entende esta linguagem secreta, porque ao santo lhe é permitido falar no idioma da divindade, um idioma desconhecido para a humanidade... O santo mais humilde pode desfrutar de uma conversação sobrenatural com o que fez os mundos, num idioma não compreendido pelo homem nem pelo diabo.

Seguimos adiante agora para perguntar se o ponto de vista dos neopentecostais acerca do significado e valor da glossolália é o mesmo que o que

¹⁶ Ibid., p. 13. Riggs sugere que os discípulos falaram 15 idiomas diferentes naquele dia (obra citada, p. 89).

¹⁷ Brumback, obra citada, pp. 298, 313, 314.

¹⁸ Ibid., pp. 354-355.

¹⁹ Ibid., pp. 132-133.

²⁰ Ibid, p. 129, n. 1.

se lhe dão os pentecostais segundo o que acabamos de descrever. É uma pergunta difícil de responder por que não há uma interpretação teológica autoritativa que seja obrigatória para todos os neopentecostais. No entanto, cabe destacar que o neopentecostalismo recebeu seu ímpeto inicial dos pentecostais, uma vez que vários líderes neopentecostais receberam o dom de línguas em reuniões pentecostais ou por meio da influência de pentecostais. Portanto, historicamente o neopentecostalismo nasceu do pentecostalismo.

Já se tem feito notar que há alguma diferença de opinião entre membros de igrejas pentecostais sobre se a glossolália invariavelmente acompanha o batismo do Espírito. Encontramos uma diferença de opinião similar entre os neopentecostais. Alguns neopentecostais crêem que a glossolália é uma das evidências de haver recebido o batismo do Espírito, mas que não é a única evidência nem a evidência indispensável. Para citar um exemplo, o Rev. Larry Christensom, pastor da Igreja Luterana da Trindade, em San Pedro, Califórnia, e líder do movimento pentecostal, não está de todo disposto a dizer que cada um dos que recebam o batismo do Espírito falará em línguas, de modo que se uma pessoa que não fale em línguas esteja convencida de que não recebeu o batismo do Espírito. No entanto, concede que o livro de Atos nos dá um padrão que serve de muita ajuda em nossas vidas de hoje: a saber, a recepção do Espírito é uma experiência instantânea que é acompanhada pelo falar em línguas²¹. Portanto, segue dizendo:

Consumar a experiência de alguém de receber o Espírito falando em línguas lhe dá objetividade à experiência; eu creio que esta objetividade tem um valor definitivo para o contínuo caminhar no Espírito, porque falar em línguas parece ter uma relação definida com a “poda” e “purificação” pela qual o cristão tem que passar.

Portanto, segundo Christensom, a glossolália, ainda que de um alto valor, não é a evidência indispensável de haver recebido o batismo do Espírito.

Segundo Morton T. Kelsey, reitor episcopal que escreveu um livro sobre o falar em línguas, o Rev. Tod Ewald, reitor da Igreja Episcopal de Corte Madera, Califórnia, compartilha dos pontos de vista de Christensom sobre as línguas. Kelsey segue dizendo que, em sua opinião, a maioria de quem fala línguas nas mais antigas denominações protestantes compartilham dos pontos de vista do pastor Christensom sobre as línguas e sobre a experiência do Espírito Santo, isto é, que as línguas são uma sinal do batismo do Espírito, mas não o sinal indispensável do acontecimento. Se Kelsey está correto, isso poderia significar que o ponto de vista da maioria dos neopentecostais difere da maioria dentre os pentecostais.

No entanto, não estou certo de que o Senhor Kelsey tenha razão em seu juízo. Tem-se encontrado uma quantidade de declarações de proeminentes neopentecostais que afirmam que a glossolália não é apenas uma possível evidência, mas a evidência do batismo do Espírito Santo. Por exemplo, Robert Frost, professor de biologia no Colégio Westmont, escrevendo na revista Trindade, declara que, assim como uma confissão de fé é o sinal exterior de conversão, o falar em línguas é a evidência exterior do batismo do Espírito Santo (que ele chama “o dom do Espírito de Deus em sua plenitude”). Em uma edição anterior do mesmo periódico, o Rev. Edwin B. Stube, vigário de Saint Lawrence, Sidney, Montana, e diretor da Sociedade da Bendita Trindade, afirma:

²¹ Note-se que aqui “receber o Espírito” significa ser batizado com o Espírito. Pentecostais e neopentecostais com frequência usam a expressão “receber” como sinônimo de batismo do Espírito.

No Novo Testamento, o sinal normal ou evidência do batismo do Espírito Santo é o de falar em outras línguas segundo o Espírito dá que se fale... Claramente se vê que a intenção de Deus é que todos os crentes recebam o batismo do Espírito Santo com o sinal que o Novo Testamento indica (a saber, o sinal de falar em línguas).

Jean Stone, uma diretora da Sociedade da Bendita Trindade, e editora da revista Trindade, disse isso acerca da glossolália em um editorial: "Cremos que quando um crente é batizado com o Espírito Santo, ele falará em novas línguas segundo o Espírito lhe concede que fale e que esta investidura de poder (significada pela nova língua) é uma investidura para o serviço". Neste mesmo editorial a Senhora Stone cita uma declaração oficial feita pela junta de diretores da Sociedade da Bendita Trindade em sua reunião de março de 1963. O quarto parágrafo da declaração diz:

Cremos que quando um cristão recebe o batismo do Espírito Santo prometido por Jesus (Atos 1: 5, 8), o Espírito Santo confirma isso com uma capacidade sobrenatural de falar em uma língua desconhecida para quem fala²².

Os membros da junta de diretores que aparecem na edição da revista em que consta a declaração citada são os seguintes: Rev. Harald Bredesen, Rev. David J. du Plessis, Rev. Tod W. Ewald, Donald D. Stone, o Rev. William T. Sherwood, Jean Stone, o Rev. Edwin B. Stube²³. Pareceria que uma declaração feita pelos diretores da Sociedade da Bendita Trindade aproxima-se muito do que alguém poderia esperar razoavelmente como pronunciamento oficial sobre os pontos de vista dos neopentecostais.

Portanto, concluirei que, com a possível exceção de alguns, a posição dominante do neopentecostalismo sobre a significação da glossolália é a mesma que a dos pentecostais: o falar em línguas é a evidência necessária de que alguém recebeu o batismo do Espírito Santo.

Há que se reconhecer que a maioria dos neopentecostais não propicia o falar em línguas nos serviços dominicais regulares de suas igrejas, mas preferem o exercício da glossolália em suas devoções privadas ou em pequenos grupos de oração. Também há que se admitir livremente que o falar em línguas entre os neopentecostais está muito menos carregado de emoções que nos cultos de muitas igrejas pentecostais, sejam dominicais ou durante a semana. No entanto, estas diferenças não afetam o ponto básico que agora está em discussão: a importância da glossolália como evidência do batismo do Espírito. Neste ponto, vê-se claramente que a maioria dos neopentecostais está de acordo com os pentecostais.

²² Note-se que aqui não há uma expressão qualificativa como "normalmente", "geralmente", ou "na maioria dos casos".

²³ Note-se que entre as pessoas que respaldam esta declaração está Tod Ewald, a quem o Senhor Kelsey, como vimos, o apresenta como de uma opinião diferente.

CAPÍTULO 3

UMA AVALIAÇÃO BÍBLICA DO FALAR EM LÍNGUAS

Evidentemente, reconhecemos que há muito que a igreja pode aprender do pentecostalismo e do neopentecostalismo. Ainda que este ponto seja discutido de forma mais ampla no Capítulo 5, permita-me dizer aqui que na igreja atual há uma premente necessidade de um maior enchimento do Espírito Santo, de um maior fervor em nossa adoração e um maior calor em nosso testemunho. Todos os que nos chamamos cristãos queremos viver vidas mais cheias do Espírito Santo. Todos desejamos receber bem qualquer coisa que nos ajude a andar mais plenamente no Espírito.

No entanto, nossa maior preocupação, como cristãos bíblicos, deve ser permanecermos fiéis aos ensinamentos da Palavra de Deus. Não poderíamos iniciá-los em certo tipo de experiência religiosa e logo a seguir ir reivindicando uma doutrina a partir dela. Nossas doutrinas devem estar baseadas não na experiência, mas nos ensinamentos das Escrituras. Portanto, devemos sujeitar o pentecostalismo, tanto em sua nova forma como na antiga, à prova da Escritura. Por isso, neste capítulo tenho o propósito de apresentar uma avaliação bíblica dos ensinamentos dos pentecostais e neopentecostais sobre o falar em línguas¹.

Antes, devemos lembrar que nem todos os pentecostais e muito menos todos os neopentecostais sustentam a mesma posição sobre o falar em línguas que foi esboçada no Capítulo 2. No entanto, ao fazer a avaliação bíblica tomo por base a posição sobre o falar em línguas sustentada pela maioria dos pentecostais e neopentecostais e que com toda certeza pode-se ter como típica do movimento como um todo.

Ao conduzir esta avaliação bíblica, pela ordem, tomarei os diversos grupos de passagens bíblicas que são apresentadas pelos pentecostais em sua tentativa de encontrar um apoio bíblico à glossolália.

1. Passagens dos profetas apresentadas pelos pentecostais que segundo alegam apóiam o falar em línguas.

Aqui devemos considerar duas passagens freqüentemente citadas. Os pentecostais encontram uma predição do dom de línguas em Isaías 28:11, 12. Na versão Revista e Atualizada esta passagem diz:

Pelo que por lábios gaguejantes e por língua estranha falará o SENHOR a este povo,

¹ No entanto, ao reproduzir estes ensinamentos, nos apoiamos abundantemente em escritos pentecostais, especialmente em homens tais como Carl Brumback e Ralph M. Riggs, uma vez que estes homens falam representativamente pelo movimento pentecostal, e portanto eles apresentam os ensinamentos pentecostais em maior detalhe que outros escritores. Como temos visto, a posição majoritária do neopentecostalismo acerca da importância das línguas é a mesma do pentecostalismo; geralmente não se encontra nos escritos neopentecostais os mesmos tipos de passagens e a mesma interpretação básica das passagens que se encontram na literatura pentecostal. Mas quanto a isso, cremos que o tratamento da posição pentecostal sobre as línguas também servirá como tratamento da posição neopentecostal.

ao qual ele disse: Este é o descanso, dai descanso ao cansado; e este é o refrigério; mas não quiseram ouvir.

Normalmente, ao citar esta passagem, os pentecostais deixam de lado a última frase, “mas não quiseram ouvir”. Logo começam a interpretar a passagem como se anunciasse a concessão do dom de línguas à igreja, aduzindo que, por meio deste dom, segundo o profeta, conceder-se-ia repouso ao povo de Deus². No entanto, o que se esquece é que à luz do contexto, a passagem prediz claramente a vinda dos assírios contra o povo de Israel, como castigo pela sua desobediência. O versículo 12 refere-se às advertências proféticas prévias que haviam sido desprezadas; por isso o castigo agora está a caminho: “Ao qual ele disse: Este é o descanso, dai descanso ao cansado...; mas não quiseram ouvir.” Afirmar que o repouso de que aqui se fala é produto do falar em línguas, como afirmam nossos amigos pentecostais, é torcer o sentido do texto. O uso que Paulo faz desta passagem em I Coríntios 14:21, além disso, não apóia a interpretação pentecostal. Porque o argumento de Paulo não é que o falar línguas estranhas produz repouso, mas antes, como nos tempos do Antigo Testamento, assim é agora: esta forma de falar deixa as pessoas em sua incredulidade, em seus corações endurecidos: “não quiseram ouvir, diz o Senhor”.

Outra passagem profética apresentada pelos pentecostais encontra-se no segundo capítulo, de Joel. Na última parte deste capítulo ocorre a promessa do derramamento do Espírito sobre toda carne que Pedro citou no dia de Pentecostes. Desta parte do capítulo, os autores pentecostais dirigem-se ao versículo 23 para encontrar uma referência à chuva temporã e serôdia:

Alegrai-vos, pois, filhos de Sião, regozijai-vos no SENHOR, vosso Deus, porque ele vos dará em justa medida a chuva; fará descer, como outrora, a chuva temporã e a serôdia.

Este versículo se une a Tiago 5:7, 8 que diz assim:

Sede, pois, irmãos, pacientes até à vinda do Senhor. Eis que o lavrador espera o precioso fruto da terra, aguardando-o com paciência até receba a chuva temporã e serôdia. Sede vós também pacientes, e fortalecei os vossos corações, porque a vinda do Senhor está próxima. (Edição Revista e Corrigida)

Como a passagem de Tiago refere-se à segunda vinda do Senhor, supõe-se engenhosamente que a “chuva serôdia” refira-se a um acontecimento que deve preceder imediatamente à vinda de Cristo. A chuva deve-se relacionar de algum modo com o derramamento do Espírito pregado por Joel. Então a conclusão é óbvia: - “a chuva temporã” ou a primeira chuva tem que se referir ao dom de línguas do dia de Pentecostes e na igreja primitiva, enquanto “a chuva serôdia” tem que ser a designação do movimento de línguas destes últimos tempos³. Com frequência ouve-se que os pentecostais referem-se ao avivamento pentecostal que começou em 1901 como o movimento de “chuva serôdia”. Uma implicação desta expressão, à luz das passagens de Joel e Tiago, é que o movimento pentecostal é um sinal da proximidade da vinda de Cristo e do fim do mundo. No entanto, esta interpretação da chuva temporã e da chuva serôdia carece de todo apoio bíblico, como revelará o mais elementar estudo destas passagens em seu contexto⁴.

² Carl Brumback, *O que Quer Ser Isso?* pp. 352-353; Ralph M. Riggs, *O Espírito Mesmo*, pp. 66, 79, 162.

³ P. C. Nelson, *Doutrinas Bíblicas*; Riggs, obra citada p. 96; Brumback, obra citada, pp. 134, 339.

⁴ Em Joel a chuva temporã e a chuva serôdia simplesmente são figuras simbólicas que representam as bênçãos do Senhor que seguirão às pragas e desastres descritos nos primeiros capítulos do livro. Na passagem de Tiago a

2. Passagens apresentadas para demonstrar que o falar em línguas tinha que permanecer na igreja.

Carl Brumback, em *O que Quer Ser Isso?*, refuta o argumento de que a glossolália era temporária e não tinha o propósito de seguir na igreja assinalando duas passagens que, segundo ele acha, ensinam que Deus queria que o dom de línguas continuasse. A primeira passagem é Marcos 16:17-18.

Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem: em meu nome, expelirão demônios; falarão novas línguas; pegarão em serpentes; e, se alguma coisa mortífera beberem, não lhes fará mal; se impuserem as mãos sobre enfermos, eles ficarão curados.

Aqui Jesus deixa muito claro - diz Brumback - que as línguas devem permanecer na igreja: "Estes sinais hão de acompanhar aqueles que crêem... falarão novas línguas"⁵.

No entanto, há dúvidas quanto à autenticidade desta passagem. A conclusão longa de Marcos, na qual aparece este versículo, é ausente nos dois unciais mais antigos, o Vaticano e o Sinaítico, ambos do Século IV depois de Cristo⁶. Ainda que a conclusão longa encontra-se numa quantidade de manuscritos posteriores deste Evangelho, outros manuscritos têm uma conclusão breve; pelo menos um original (Códice Régio, ou Manuscritos L) tem as duas conclusões, a longa e a curta. Também há evidências internas contra a autenticidade da conclusão longa: usam-se certas construções e frases que não se usam comumente em Marcos ou que não aparecem em todo o Evangelho de Marcos. À luz destes atos, parece altamente improvável que a conclusão longa de Marcos tenha sido parte do evangelho original. Em consequência, a maior parte dos comentaristas evangélicos considera que a conclusão longa de Marcos não é genuína, incluindo notórios conservadores como Ned Stonehouse do Seminário Westminster. Portanto, não pode ser correta nem é cortês sugerir, como Brumback, que os que têm dúvidas sobre a autenticidade de Marcos 16:15-20 são como os modernistas que tiram da Bíblia quaisquer passagens que lhes desagradam⁷. Isso não é questão de gostar ou não gostar, mas simplesmente uma questão de evidência textual precedente dos manuscritos. (Veja-se nota marginal em Marcos 16:9 na Edição Revista e Atualizada da Sociedade Bíblica do Brasil e nota de rodapé na Bíblia de Jerusalém - nota do tradutor).

No entanto, suponhamos por um momento que Marcos 16:17-18 seja uma passagem com autoridade para nós (quem sabe aceitando-a como parte da Escritura ainda que estejamos de acordo que foi escrita por uma pessoa diferente de Marcos). Ainda assim teríamos dificuldades com esta passagem. Lembre-se que a passagem não fala somente de novas línguas, mas também de pegar em serpentes e beber alguma coisa mortífera, veneno mortal. Os pentecostais não se vêem muito desejosos de aconselhar a sua gente que comece a pegar serpentes ou a tomar

figura do lavrador que espera a chuva temporã e serôdia se usa para ensinar a paciência na espera da vinda do Senhor.

⁵ Obra citada, pp. 66-78; compare-se com Riggs, obra citada, p. 173; Nelson, obra citada.

⁶ Os unciais são os manuscritos importantes do Novo Testamento que são mais antigos. Os três unciais geralmente considerados como os mais importantes para estabelecer o texto do Novo Testamento são os dois mencionados e o Alexandrino, que data do Século V d.C. Destes três somente o Alexandrino tem a conclusão longa.

⁷ Obra citada, p. 67.

veneno para provar que são crentes verdadeiros⁸. Então, como deixam de lado o pensamento de que os dois sinais que se nomeiam ao final e também seguem aos que crêem? Brumback sustenta que estes sinais milagrosos desapareceram da igreja por falta de fé do povo de Deus⁹. No entanto, o problema que há nesta explicação é que segundo Brumback os pentecostais agora têm a fé que a igreja não tinha nos séculos anteriores, e que por isso eles falam em línguas¹⁰. Mas então perguntamos, por que não pegam serpentes ou bebem venenos mortais? A única resposta que Brumback dá a esta pergunta é sugerir que na igreja primitiva o pegar em serpentes sem receber dano era feito “acidentalmente”, e que ser preservados de veneno mortal ocorre somente quando esse veneno tenha sido tomado inadvertidamente ou administrado por um inimigo¹¹. No entanto, ao examinar o texto grego de Marcos 16:18, encontramos que ainda que a declaração acerca de beber veneno esteja em forma condicional (“se beberem alguma coisa mortífera, não lhes fará dano algum”), a declaração sobre pegar em serpentes não está na forma condicional, mas no futuro do indicativo: “pegarão em serpentes”, igual à declaração sobre as línguas: “falarão novas línguas”. Portanto, segundo o texto, estes sinais seguirão aos que crêem: falarão novas línguas e pegarão em serpentes. Se o falar em línguas deve ser tomado como um sinal que confirma os crentes na fé, porque não chegar à conclusão de que o pegar em serpentes também deve ter a mesma função de sinal? Há muita razão para aceitar um sinal do mesmo modo que o outro, uma vez que em ambos os casos o verbo grego está no futuro do indicativo: *lalésousim...araúsim*. Se Marcos 16:17-18 é uma Escritura com autoridade, porque as igrejas pentecostais não tem cultos em que se pegam em serpentes?

Portanto, pelas razões esposadas, não creio que Marcos 16:17-18 prove que o dom de línguas está em vigência para a igreja de hoje.

Outra passagem apresentada por Brumback para demonstrar que a glossolália tinha que permanecer na igreja é I Coríntios 12:28¹². Esta passagem diz assim:

E a uns pôs Deus na igreja, primeiramente apóstolos, em segundo lugar profetas, em terceiro mestres, depois operadores de milagres, depois dons de curar, socorros, governos, variedades de línguas.

Estou de acordo com Brumback que estas palavras são dirigidas não apenas à igreja de Corinto, mas à igreja de todos os tempos; a referência aos apóstolos prova isso, porque certamente Deus não deu os apóstolos somente para a igreja de Corinto. Brumback vai mais adiante com seu argumento dizendo que uma vez que entre os dons de Deus se mencionam “os que têm dom de línguas”, o dom de línguas deve permanecer na igreja hoje¹³.

É isso que se prova nesta passagem? Não, de forma conclusiva. Porque o texto começa dizendo que Deus estabeleceu apóstolos na igreja. No entanto, os

⁸ No entanto, há seitas que tomam serpentes em certos estados do sul dos Estados Unidos, as que interpretam literalmente a referência a serpentes de Marcos 16:18. Nos cultos da igreja deixam livres serpentes venenosas e permitem-se que os fiéis mesmos sejam picados pelas serpentes como prova de fé (Elmer T. Clark, *The Small Sects in America - Pequenas Seitas nos Estados Unidos*, pp. 98-99).

⁹ Brumback, pp. 95-99; compare-se com Riggs, pp. 99-101. Brumback, pp. 334-340. *Ibid.*, pp. 95-96.

¹⁰ Brumback, pp. 334-340..

¹¹ *Ibid.*, pp. 99-96

¹² *Ibid.*, p. 77..

¹³ *Ibid.*, pp. 77-79

apóstolos já não estão conosco, como admite o próprio Brumback¹⁴. Podemos então estar certos de que todos os dons mencionados neste versículo permanecem na igreja de hoje? Além disso, há algumas expressões estranhas neste versículo. O que quer dizer "milagres" (*dunámeis*)? Permanecem na igreja? Nossos irmãos pentecostais afirmam que o dom de cura (*carísmatia iamáton*) permanece na igreja. Mas, podemos estar certos disso? O que quer dizer "socorros" (*antilépseis*)? Podemos estar certos de que estes dons ainda existem? O que quer dizer por "governos" (*kubernéseis*)? Leon Morris assinala que falta a compreensão da natureza exata de alguns destes dons. Ele diz: *"Podemos fazer... conjecturas... mas quando queremos reduzi-los a termos exatos, damo-nos conta que não sabemos nada acerca destes dons e as pessoas que os possuíam. Desvaneceram-se sem deixar vestígios"*. Ora, eu não estou afirmando que posso provar com esta passagem que as línguas já não existem na igreja; apenas estou dizendo que os pentecostais não podem provar irrefutavelmente com este texto que os dons aí mencionados permanecem na igreja¹⁵.

3. Passagens apresentados para provar que há um batismo do Espírito distinto e posterior à regeneração, do qual o falar em línguas é a evidência física inicial.

Aqui chegamos muito perto do coração mesmo do ensinamento pentecostal. Esta é a doutrina central que distingue as igrejas pentecostais dos demais grupos protestantes e que como temos visto, também é sustentada pela maioria dos neopentecostais. Devido o seu ensinamento sobre o batismo do Espírito Santo, há nas igrejas pentecostais uma enorme pressão para que os crentes busquem, recebam ou obtenham o batismo. Algumas vezes as pessoas agonizam durante anos com o desejo de receber este dom. Quando era estudante de seminário e vendia Bíblias em Louisiana, conversei uma vez com uma mulher que era membro de uma igreja pentecostal.

- E seu marido? - lhe perguntei.
- Ah! Ele está buscando - foi a resposta.
- Buscando? O que quer dizer?
- Está buscando o Espírito Santo.
- Quer dizer - insisti - que ele não é crente?
- Sim, é claro que é crente.
- Então não vai à igreja?
- Oh, sim, ele vai à igreja todos os domingos.
- Bom, então por que você diz que ele está buscando?
- Porque ainda não recebeu o batismo do Espírito Santo.

¹⁴ Ibid., p. 78. Os intérpretes geralmente concordam que aqui a palavra "apóstolos" não está usada no sentido amplo, segundo o qual se poderia aplicar a indivíduos como Barnabé (At. 14:14) ou Andrônico e Junias (Rom. 16:7), mas no sentido mais estreito em que se aplica somente aos doze e a Paulo. Vejam-se os comentários de Calvino, Hodge, Lenski e Grosheide.

¹⁵ Veja-se o capítulo 4 onde há uma discussão mais completa da questão da permanência dos dons milagrosos, incluída a glossolália.

- Durante quanto tempo ele está buscando?
- Por uns dez anos.

É possível imaginar-se a tensão espiritual e psicológica que um ensinamento deste tipo pode produzir. Quando alguém não recebe o batismo do Espírito Santo de imediato, faz um maior esforço. Quando depois de várias tentativas não o recebe, esse alguém se sente terrivelmente frustrado. Tenho lido de pessoas que tiveram problemas mentais porque não puderam “receber”. Os pentecostais ensinam que ainda que alguém possa até ser salvo sem o batismo do Espírito, quem não passa por essa experiência não tem uma inteira consagração nem todo o poder para o serviço; daí que sem o batismo do Espírito a vida cristã está incompleta e o seu ministério embaraçado.

Comumente estabelecem-se certas condições para obter o batismo do Espírito. O escritor Charles W. Conn, da Igreja de Deus, menciona as seguintes: separação do pecado, arrependimento e batismo, o ouvir com fé, obediência, desejo intenso, oração pelo dom. Ralph M. Riggs sugere as seguintes condições: (1) devemos ser salvos; (2) devemos obedecer - isto é, devemo-nos estar perfeitamente rendidos a Deus; 3) devemos pedir; (4) devemos crer¹⁶. Em relação a isso Riggs diz que é bom esperar ou ficar na presença do Senhor até receber esta bênção¹⁷. Por isso, os pentecostais com freqüência celebram reuniões de espera nas quais as pessoas ficam para receber o batismo do Espírito.

A questão básica que devemos enfrentar é de ordem exegética: ensina o Novo Testamento o que nossos irmãos pentecostais dizem que ensina? O batismo do Espírito é uma experiência distinta e posterior à regeneração - experiência pela qual todo o crente deverá passar, e cuja evidência inicial é o falar em línguas?

Vejam os em primeiro lugar o que ensina o Novo Testamento acerca de ser batizados com o Espírito Santo. Há quatro casos nos Evangelhos em que João Batista aparece dizendo que Jesus batizará com o Espírito Santo: Mateus 3:11; Marcos 1:8; Lucas 3:16; e João 1:33. As primeiras três são passagens paralelas; a passagem de Lucas (3:16) diz: “Eu, na verdade, vos batizo com água, mas vem o que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de desatar-lhe as correias das sandálias; ele vos batizará com o Espírito Santo e com fogo.” A referência óbvia é ao derramamento do Espírito que viria no dia de Pentecostes. Em João 1: 33 diz: “Aquele, porém, que me enviou a batizar com água me disse: Aquele sobre quem vires descer e pousar o Espírito, esse é o que batiza com o Espírito Santo.” Aqui novamente a referência é ao derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes.

Estas palavras de João Batista são citadas por Lucas em Atos 1:5 como que tivessem sido pronunciadas pelo Senhor Jesus: “Porque João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo não muito depois destes dias” - Novamente a referência óbvia é ao derramamento do Espírito no dia de Pentecostes. No segundo capítulo de Atos, Lucas descreve este derramamento, e apresenta Pedro dizendo acerca de Cristo: “Exaltado, pois, à destra de Deus, tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isso que vedes e ouvis” (At. 2:33). O derramamento do Espírito em Pentecostes, então, é o batismo do

¹⁶ Obra citada, pp. 105-111.

¹⁷ *Ibid.*, pp. 110- 111.

Espírito que João Batista e Jesus haviam anunciado. Portanto, nas passagens até aqui citadas a expressão “ser batizados com o Espírito Santo” não se refere a uma experiência que cada crente individualmente deve ter algum tempo depois de sua regeneração, mas a um acontecimento histórico que ocorreu no dia de Pentecostes.

Tinha que repetir-se este batismo pentecostal com o Espírito? Há uma referência a uma repetição deste batismo em Atos 11: 16. Pedro está em Jerusalém, relatando aos irmãos da Judéia o que havia ocorrido na casa de Cornélio em Cesaréia poucos dias antes. Enquanto começou a falar a Cornélio, diz Pedro, o Espírito Santo caiu sobre Cornélio e sobre os que estavam com ele, como sobre nós ao princípio. E agora segue o versículo 16: “Então, me lembrei da palavra do Senhor, quando disse: João, na verdade, batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo”. Temos que reconhecer que esta é uma repetição do batismo do Espírito ocorrido em Pentecostes. Ao mesmo tempo, quando Cornélio e sua casa e amigos receberam o batismo, falaram em línguas e magnificaram a Deus (At. 10:46). Teremos que indagar mais acerca do significado deste batismo com o Espírito Santo antes de podermos determinar se é para esperar que todo crente passe por uma experiência semelhante nos dias de hoje. No entanto, cabe destacar que alguém não pode usar a história de Cornélio para provar que os crentes devem ter o batismo do Espírito após a regeneração, a qual se dá mediante a fé, uma vez que neste caso a fé e o batismo do Espírito Santo ocorreram simultaneamente.

Há outro lugar onde a palavra batizar está relacionada com o Espírito Santo: I Coríntios 12:13. A verdade que se discute no contexto é a da unidade da igreja. O capítulo trata dos dons espirituais, mas já no versículo 4, Paulo argumenta que, ainda que haja diversidade de dons, há um só Espírito que distribui estes dons. No versículo 12, Paulo usa a analogia do corpo humano: “Porque, assim como o corpo é um e tem muitos membros, e todos os membros, sendo muitos, constituem um só corpo, assim também com respeito a Cristo”. Agora segue o versículo 13:

Pois, em um só Espírito, todos nós fomos batizados em um corpo, quer judeus, quer gregos, quer escravos, quer livres. E a todos nós foi dado beber de um só Espírito.

Alguns comentaristas (Calvino, Lenski, Grosheide no Novo Comentário Internacional de Eardmans) entendem que batismo aqui se refere ao batismo literal com água; vários outros (Hodge, Barnes) pensam na regeneração que então é chamada figurativamente de batismo do Espírito. No entanto, todos estes autores concordam que a passagem não se refere a um batismo do Espírito específico, distinto e posterior à regeneração, mas descreve a unidade em Cristo que todos os crentes desfrutam em virtude da obra regeneradora do Espírito Santo. Os pentecostais estão de acordo em que a primeira parte desta passagem refere-se à experiência original de salvação dos crentes a quem se dirige¹⁸. No entanto, Riggs sustenta que a segunda frase do versículo, “e a todos nós foi dado beber de um só Espírito”, refere-se ao batismo do Espírito Santo no sentido pentecostal; portanto, afirma que esta passagem fala de duas experiências: a salvação e o batismo do Espírito Santo¹⁹. No entanto, a segunda oração é, sem sombra de dúvidas, paralela à primeira, e ambas as orações enfatizam a unidade de todos os crentes, usando a palavra todos para indicar que a palavra aplica-se a todos os crentes. Se a segunda

¹⁸ *Ibid.*, p.p. 43.

¹⁹ *Ibid.*, p. p. 57.

oração omitisse alguns crentes, a argumentação de Paulo seria prejudicada, haja vista que nem todos os crentes seriam membros de um corpo. Sugerir, como Riggs, que todos os membros da igreja de Corinto haviam tido o batismo do Espírito no sentido pentecostal²⁰, vai de encontro com a designação que Paulo faz dos Coríntios como carnis e meninos em Cristo (3: 1). Ademais, sobre a premissa de que este capítulo 12 aplica-se não apenas aos coríntios, mas a todos os cristãos²¹, o versículo então ensinaria que todos os cristãos regenerados também são batizados com o Espírito no sentido pentecostal, o qual os pentecostais negam. Portanto, devemos concluir que I Coríntios 12:13 usa a expressão “em um só Espírito todos somos batizados em um corpo” como uma descrição da regeneração de todos os crentes que é simbolizada pelo batismo com água, e não descreve uma “segunda obra de graça” ou “um segundo enchimento com o Espírito” ou “uma segunda bênção”, posterior e distinta da regeneração²².

Estes são os únicos lugares no Novo Testamento que falam de um batismo com o Espírito. No entanto, os pentecostais dizem que outras passagens falam deste batismo do Espírito com termos diferentes. Por exemplo, diz-se que a expressão “selados com o Espírito” descreve o batismo do Espírito Santo²³. Diz-se que passagens tais como II Coríntios 1:22, Efésios 1:13 e Efésios 4:30 descrevem o batismo do Espírito²⁴. Consideremos algumas destas passagens, e vejamos de que forma são vistas pelos pentecostais: Efésios 1: 13 diz assim:

Em quem também vós, depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa.

Ralph M. Riggs sustenta que, nesta passagem, “selados com o Santo Espírito da promessa”, designa o batismo do Espírito Santo²⁵. Ernest S. Willians, outro escritor das Assembléias de Deus, adota a mesma posição. Segundo a interpretação pentecostal, o batismo do Espírito é uma experiência posterior e distinta do novo nascimento, uma experiência em que alguém é completamente cheio com o Espírito Santo. Conforme a base da exegese pentecostal de Efésios 1: 13, Paulo está falando aqui de uma experiência, que nem todos, mas somente alguns crentes desfrutam, que é posterior à regeneração.

No entanto, este não pode ser o sentido que Paulo dá, uma vez que ele está falando claramente de uma bênção que vem a todos os crentes. Toda a doxologia dos versículos 3 a 14 oferece um louvor a Deus pelas bênçãos concedidas a todos os crentes. Paulo começa referindo-se a todos os que recebem sua carta, quando diz: “Bendito o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos tem abençoado com toda sorte de bênção espiritual nas regiões celestiais em Cristo” (v. 3). Segue louvando a Deus por estas bênçãos espirituais nos versículos seguintes. No versículo 13, muda da primeira para segunda pessoa: “Em quem também vós”, referindo-se agora a seus leitores, sem incluir ele mesmo - no entanto, não apenas a alguns

²⁰ *Ibid.*, p.p. 57.

²¹ Os pentecostais admitem isso; veja-se Brumback, obra citada, p. 77.

²² Nota: Alguns pentecostais usam a expressão “segunda obra de graça”, para designar este batismo do Espírito. Outros preferem não usar esta expressão.

²³ Daqui em diante usarei a expressão “batismo do Espírito” ou “batismo com o Espírito Santo” para designar a posição pentecostal acerca desta experiência (a menos que no momento se indique outra coisa).

²⁴ Riggs, obra citada, p. 75.

²⁵ *Ibid.*, pp. 75, 61.

deles, mas a todos eles. “depois que ouvistes a palavra da verdade, o evangelho da vossa salvação, tendo nele também crido, *fostes* selados com o Santo Espírito da promessa”, é uma oração dirigida a todos os crentes. Dizer que a intenção aqui é dirigir-se a um grupo específico de crentes, distintos dos demais – pessoas que tiveram experiência da qual não teve a participação dos demais crentes – é fazer violência ao contexto.

O aludido “selo do Espírito” refere-se à posseção do Espírito como um “penhor” (v. 14) ou a garantia da herança da vida eterna que temos recebido pela fé. O Espírito que agora habita sela em nós, e para nós, essa herança, dá-lhe valor, atribui-nos a segurança de recebê-la. Mas esta referendação não é uma bênção de que participam uns poucos crentes; é compartilhada por todos os que crêem verdadeiramente em Cristo. Para confirmação deste ponto, veja-se outro versículo desta epístola, 4:30: “E não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção”. Em versículos anteriores deste capítulo 4, Paulo dirige-se a todos seus leitores; é permitido a nós agora supormos que o versículo 30 repentinamente venha limitar-se a um grupo seletivo deles?²⁶

Nossos irmãos pentecostais também sustentam que a expressão “cheios do Espírito” ou “cheios do Espírito Santo”, descreve um batismo do Espírito que ocorre após a conversão²⁷. Ora, é certo que a vinda do Espírito sobre os discípulos no dia de Pentecostes é descrita em Atos 2:4 com estas palavras: “Todos ficaram cheios do Espírito”. No entanto, diz-se do grupo dos crentes em Atos 4:31: “Tendo eles orado, tremeu o lugar onde estavam reunidos; todos ficaram cheios do Espírito Santo”... Muitos dos que estavam aqui devem ter feito parte do grupo que recebeu o Espírito em Pentecostes. Se “cheios do Espírito Santo” quer dizer um batismo do Espírito posterior à conversão, Atos 4:31 não tem sentido; muitos destes discípulos já haviam recebido seu batismo do Espírito (como os pentecostais reconhecem)²⁸, e não necessitavam recebê-lo novamente. Se a expressão “cheios do Espírito” significa um novo enchimento do Espírito, como eu creio, então a passagem nada diz acerca do ensinamento em discussão. Nessas palavras, Atos 4:31 permite deduzir o ensinamento de que os crentes necessitam ser cheios do Espírito repetidas vezes; mas não é justo deduzir desta passagem que depois que alguém se converte necessita ser batizado com o Espírito como uma espécie de segunda bênção.

Os pentecostais também evocam Efésios 5:18 como uma passagem que ordena aos crentes que busquem o batismo do Espírito: “E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito”²⁹. É certo que aqui se ordena aos crentes que sejam cheios do Espírito – isso nenhum cristão o nega. Mas a questão é: este enchimento do Espírito é uma específica segunda bênção

²⁶ Pode-se fazer a pergunta se a versão inglesa King James tem a melhor tradução do grego: “em quem também, depois que cresteis, fostes selados... Temos aqui um participio aoristo, *pisteusantes*, precedido do verbo aoristo definido, *esfragisthite*. Um especialista em Novo Testamento afirma que aqui *pisteusantes* é um “participio aoristo coincidente”, denotando um tempo que coincide com o do verbo principal (E. K. Simpson, *Ephesians*, Eerdmans, 1957, p. 35, nota 23, ainda que a nota poderia ser de F. F. Bruce). A ARA/SBB traduz: “havendo crido nele, fostes selados...” No entanto, gramaticalmente a versão King James é possível, posto que o participio aoristo denota um tempo anterior ao do verbo principal. A tradução da ARA/SBB é preferível, mas a argumentação apresentada não depende de uma ou de outra tradução.

²⁷ Riggs, obra citada, pp. 70-71.

²⁸ Brumback, obra citada, p. 238; Riggs, obra citada, p. 185.

²⁹ *Ibid.*, pp. 85, 107.

posterior à conversão? Um estudo cuidadoso de Efésios 5:18 revelará que nesta passagem Paulo não está falando de um batismo do Espírito que é uma segunda bênção. Em meio de uma série de exortações muito práticas ele diz: “Deixem de embriagar-vos com vinho, mas estejas continuamente cheios com o Espírito”. Ambos imperativos estão no presente. A proibição no presente (“Não vos embriagueis com vinho”) significa “deixai de fazer o que estás fazendo”; a exortação no tempo presente (“enchei-vos do Espírito”) significa “faça isso continuamente”, ou “segue fazendo isso”. Noutras palavras, o que Paulo está ordenando aqui é um estado contínuo de ser cheio com o Espírito, não uma experiência simples, de uma vez para sempre, de segunda bênção. Longe de sugerir que seus leitores não haviam recebido o Espírito, ele supõe que estão selados com o Espírito (1: 13), e agora lhes pede que estejam sempre cheios com aquele Espírito que lhes tem dado a nova vida em Cristo. Portanto, Efésios 5:18 não ensina que os crentes devem buscar um batismo com o Espírito Santo como uma experiência de segunda bênção assim de uma vez por todas³⁰.

Portanto, o único exemplo claro no Novo Testamento de um batismo do Espírito posterior a Pentecostes é o caso de Cornélio. No entanto, devemos aceitar imediatamente que há outros dois casos em que lemos de um recebimento do Espírito Santo em uma espécie de experiência pública depois de Pentecostes: em Atos 8 - onde não se menciona especificamente o falar em línguas - e em Atos 19, em que se menciona o falar em línguas e o profetizar. Os pentecostais dizem que estes três casos, os samaritanos em Atos 8, Cornélio em Atos 10 e os crentes efésios em Atos 19, tomados conjuntamente com Atos 2, constituem uma clara evidência bíblica da necessidade de um batismo do Espírito posterior à conversão. Na realidade, o argumento pentecostal em favor do batismo do Espírito fica em pé ou cai com o material que Atos apresenta, porque Brumback admite que em “I Coríntios 12-14 não há o menor apoio à idéia de que o dom de línguas esteja associado, em algum sentido direto, com o enchimento do Espírito Santo...”³¹ Assim, se não se pode provar com I Coríntios que a glossolália é a evidência física inicial do batismo do Espírito; então tem que prová-lo com o livro de Atos. Passemos em revista de forma mais detida as aludidas passagens de Atos.

No dia de Pentecostes, todos os discípulos “ficaram cheios do Espírito Santo e passaram a falar em outras línguas, segundo o Espírito lhes concedia que falassem”. (At. 2:4). Por que foi dado o dom de línguas aos 120 discípulos nesta ocasião? Podem ser dadas pelo menos duas razões: (1) sua capacidade de falar em línguas era um sinal de que verdadeiramente haviam recebido a prometida plenitude do Espírito - este sinal foi dado, a propósito, com outros dois sinais: “vento impetuoso” e as “línguas como de fogo que apareceram sobre cada um deles”; (2) sua capacidade de falar em línguas era para dar-lhes a segurança de que o Espírito Santo lhes daria a capacidade necessária para comunicar a verdade do evangelho a todo o mundo. Não estou sugerindo que os discípulos realmente usaram línguas para testificar aos estrangeiros, porque não temos evidências que assim o fizeram (ainda no dia de Pentecostes Pedro pregou, segundo parece, em aramaico, ou em linguagem comum da Palestina), mas estou dizendo que a

³⁰ É difícil ver como os pentecostais podem pretender com justiça que as duas expressões que aparecem na mesma epístola, “selados com o Espírito Santo” (1: 13) e “sede cheios do Espírito” (5:18) sejam denominações do batismo do Espírito. Porque, porque Paulo pediria a seus leitores que busquem, o que segundo 1:13 eles já tem?

³¹ Obra citada, p. 320.

glossolália serviu como um sinal alentador de que o Espírito Ihes daria o poder para testificar a todas as nações do mundo.

Portanto, o que os 120 receberam no dia de Pentecostes foram três sinais milagrosos que Ihes asseguravam que havia sido concretizada a promessa do derramamento do Espírito. O falar em línguas era apenas um desses sinais. Quando os pentecostais sustentam que a experiência dos discípulos em Pentecostes é o padrão para todos os crentes na atualidade³², por que pensam somente na glossolália e não no som do vento impetuoso e nas línguas de fogo?

Nesta ocasião, Pedro disse à multidão: “Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para remissão dos vossos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo.” (At. 2:38). Os pentecostais dizem que o “dom do Espírito Santo” aqui descrito, significa o batismo do Espírito acompanhado das línguas³³. Evidentemente, esta é uma interpretação possível. No entanto, não é provável por duas razões: (1) Ainda que lemos que muitas maravilhas e sinais eram realizados pelos apóstolos (v.43), não se diz que os 3.000 convertidos no dia de Pentecostes falaram em línguas; e (2) quando se interpreta assim, a passagem prova além daquilo que querem os pentecostais, uma vez que Pedro estaria sugerindo que o arrependimento, que faz com que alguém entre na posse da remissão de pecados, é suficiente para a recepção do batismo do Espírito - noutras palavras, que todos os crentes automaticamente recebem o batismo do Espírito Santo seguido pelas línguas. Eu prefiro crer, com Calvino, Lenski e Bruce, que “o dom do Espírito Santo” aqui significa quando o mesmo Espírito Santo infunde a bênção da salvação, sem nenhuma referência específica aos dons carismáticos tais como a glossolália. Quando assim se entende, Atos 2 não prova que todo crente deve receber um batismo do Espírito algum tempo depois de ter chegado à fé. Na realidade a exortação de Pedro à multidão sugere melhor que quando alguém se arrepende e crê recebe o Espírito Santo e não nalgum tempo depois.

O ponto em discussão tem relação com os demais incidentes de Atos que falam de receber o Espírito? Consideremos agora Atos 8:4-24. Felipe teria ido à cidade de Samaria proclamar a Cristo aos samaritanos - raça mista, parte judia e parte gentia. Os samaritanos se distanciaram da fé judaica, a religião deles era uma mescla de verdade e erro. Sendo como eram uma raça mista, e porquanto teriam até tentado obstaculizar a reconstrução do templo de Jerusalém e dos seus muros (Esd. 4:4,5), os judeus tinham razão para odiar os samaritanos e não tinham relacionamentos com eles (Jo. 4:9). Estes fatos fizeram com que o avivamento em Samaria fosse muito significativo.

Felipe não somente pregou, mas também realizou milagres: expulsou espíritos imundos e curou paralíticos. O resultado desta obra foi que muitos creram e foram batizados. Depois dois apóstolos, Pedro e João, foram enviados a Samaria. “Oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo; porquanto não havia ainda descido sobre nenhum deles,... Então, Ihes impunham as mãos, e recebiam estes o Espírito Santo.” (At. 8:15-17). Note-se que esta recepção do Espírito foi realizada pela ação dos apóstolos.

A primeira vista esta passagem parece ser uma prova firme da posição pentecostal. Essas eram pessoas que, sendo crentes, aparentemente não haviam

³² *Ibid*, pp. 229ss.

³³ *Ibid.*, pp. 293-295; Riggs, obra citada, p. 123.

recebido o Espírito Santo. Quando os apóstolos lhes impuseram as mãos eles receberam o Espírito Santo. Então os pentecostais concluem que por esta razão, os crentes hoje devem receber o batismo do Espírito em uma experiência distinta e posterior à chegada à fé³⁴.

O que aconteceu realmente em Samaria? Antes da vinda de Pedro e João, Felipe havia operado muitos milagres. Depois que os crentes samaritanos receberam o Espírito, Simão, o mago quis comprar o poder de outorgar o Espírito Santo. Ainda que não se nos diz explicitamente que os samaritanos falaram em línguas depois que os apóstolos lhes impuseram as mãos, é óbvio que tem que ter havido alguma evidência pública de que haviam recebido o Espírito. Portanto, podemos concordar com nossos irmãos pentecostais neste ponto de que os samaritanos provavelmente falaram em línguas, ainda que deve-se lembrar que Lucas não diz que o fizeram. Também pode ser que os samaritanos revelaram a presença de outros dons carismáticos: quem sabe profecia, ou dons de cura. Este último dom havia sido exercido previamente por Felipe; ao exercê-lo posteriormente um número de samaritanos, isso poderia ter causado impressão a Simão, que antes havia estado assombrando com os poderes mágicos dos discípulos.

Mas agora surge a pergunta: Por que foram concedidos dons especiais do Espírito aos samaritanos? Uma resposta, e importante, seria dizer que aqui em Samaria o poder do evangelho derrotava desse modo o poder oculto das artes mágicas. Isso seria importante devido à situação local. Mas, uma razão ainda mais importante seria esta: assim a igreja samaritana ficava em um plano de completa igualdade com a de Jerusalém, já que os samaritanos haviam recebido igualmente os dons especiais do Espírito. Assim os judeus cristãos, que tinham a tendência de olhar em menos os samaritanos, poderiam estar seguros de que os samaritanos tinham iguais direitos na igreja que eles. Por isso, poderíamos dizer que o ocorrido em Samaria foi uma espécie de extensão de Pentecostes, necessária porque a igreja agora se expandia para um território que antes era hostil. Dado o preconceito judaico contra os samaritanos, alguém poderia imaginar que se necessitava de uma tremenda demonstração do poder do Espírito para convencer os mais duros dos judeus cristãos de que era correto levar o evangelho aos samaritanos.

Esta passagem prova que todo crente deve receber o batismo do Espírito após a sua conversão? Como veremos um pouco mais adiante, no livro dos Atos há muitos casos em que estes dons especiais do Espírito não foram concedidos depois que se chegaram à fé. Portanto, obviamente, o ocorrido em Samaria foi algo excepcional. Assim, não temos direito de concluir que todo crente deve receber os dons especiais do Espírito comparáveis aos outorgados em Samaria.

Passemos agora a Atos 10:44-46, a passagem que descreve a descida do Espírito sobre Cornélio e os que estavam com ele. Enquanto Pedro estava falando na casa de Cornélio, assim diz a passagem, o Espírito caiu sobre todos os que ouviam o discurso; e os judeus que estavam com Pedro (mais adiante se diz que eram seis) ficaram assombrados, porque ouviram estes gentios falando em línguas e magnificando a Deus. No capítulo 11: 15-17 encontramos Pedro relatando estes acontecimentos diante dos irmãos de Jerusalém; lembre-se que aqui ele descreve o ocorrido como um batismo do Espírito Santo. Pedro também estabelece uma

³⁴ Brumback, obra citada, pp. 245-257; Riggs, obra citada, pp. 51, 52, 103.

semelhança com o ocorrido no dia de Pentecostes: “Pois, se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós nos outorgou quando cremos no Senhor Jesus, quem era eu para que pudesse resistir a Deus?” (vs. 17). Noutras palavras, Pedro aduz a especial concessão do Espírito sobre Cornélio e seu grupo como uma evidência inquestionável de que Deus estava aceitando os gentios em sua aliança.

Esta passagem apóia a posição pentecostal de que todo crente deve ter um batismo do Espírito posterior à conversão?³⁵ Não. Já temos notado que no caso de Cornélio a concessão do Espírito foi simultânea com a chegada deles à fé. Ademais, deveríamos observar que outra vez a concessão a Cornélio e seu grupo de certos dons especiais do Espírito (falaram em línguas e magnificaram a Deus) serviu a um propósito único. Durante séculos os judeus não haviam levado a verdade salvadora de Deus aos gentios, salvo casos muito raros. Pedro mesmo tinha tantas objeções que lhe impediam ir à casa de Cornélio que teve de receber uma visão especial e ouvir uma voz especial do céu que o convencera de que deveria ir. Necessitava-se uma poderosa demonstração do poder do Espírito para convencer os judeus cristãos ultra-conservadores de Jerusalém de que agora os gentios tinham igual oportunidade que os judeus de receber o evangelho. A barreira entre judeus e gentios era ainda maior que a que havia entre judeus e samaritanos.

Assim agora podemos ver a razão para a concessão de dons especiais a Cornélio e sua família. Era uma clara demonstração de que os gentios poderiam ser salvos e que os judeus cristãos não tinham que hesitar em receber os gentios convertidos em sua comunhão. Portanto, o ocorrido em Cesaréia foi outra extensão de Pentecostes, desta vez no círculo dos gentios. Esta foi uma extensão ou repetição de Pentecostes, o que fica completamente fora de dúvidas em Atos 11: 15, onde Lucas escreve que Pedro disse: “Quando, porém, comecei a falar, caiu o Espírito Santo sobre eles, como também sobre nós, no princípio.”, e no versículo 17 Pedro segue dizendo: “Se Deus lhes concedeu o mesmo dom que a nós.” A recepção de dons carismáticos do Espírito colocava estes gentios em igualdade com os cristãos samaritanos e com os cristãos judeus. Mas não se diz que todos os que vieram à fé naqueles dias receberam estes dons carismáticos, como veremos mais adiante. Em consequência, o fato de que Cornélio e sua casa receberam o poder de falar em línguas de nenhum modo prova que cada crente deve receber este dom.

Passemos agora para Atos 19:1-4, a passagem mais desconcertante de todas as de Atos relacionadas com a glossolália. Quando Paulo chegou a Éfeso em sua terceira viagem missionária, encontrou ali certos discípulos, uns doze no total. A pergunta que lhes fez por vezes é citada deste modo³⁶: “Recebestes o Espírito Santo depois que crestes?” (v. 2. Versão Espanhola Reina-Valera, 1909). Quando a pergunta é lida dessa maneira parece apoiar a posição pentecostal de que alguém deve receber o Espírito Santo algum tempo depois de ter-se tornado crente. No entanto, poder-se-ia perguntar com justa razão se temos de preferir aqui essa versão citada. O grego diz: *ho pneúma hágiom elábeta pistéúsantes*. Temos aqui um verbo definido no tempo aoristo (*elábeta*), seguido por um participio aoristo (*pistéúsantes*). Por consequência, reconhecemos que o tempo do participio no grego não dá idéia de tempo, e que um participio aoristo, portanto, pode expressar

³⁵ Veja-se Brumback. Obra citada, pp. 245-257; Riggs, obra citada, p. 90.

³⁶ Assim o cita Nelson, em *Doutrinas Bíblicas*. Riggs cita assim “No qual desde que crestes...” Acrescenta logo o texto na Versão Moderna, que é igual ao de ARA/SBB: “Depois... de haverdes crido em Cristo, fostes selados” (obra citada, p. 61).

um tempo contemporâneo com o verbo principal ou anterior ao do verbo principal. A determinação do tempo do particípio depende do contexto.

Portanto, em tese, a tradução da versão espanhola Reina-Valera-1909³⁷ até seria possível. No entanto, a pergunta é se o contexto exige tal tradução. Realmente, aqui o contexto não é decisivo, uma vez que os discípulos não haviam recebido o Espírito Santo no tempo em que a pergunta foi formulada. Os intérpretes da passagem geralmente supõem que receber o Espírito Santo refere-se especificamente à recepção especial de manifestações carismáticas do Espírito, tais como o falar em línguas. Se solucionarmos a questão considerando os precedentes, não podemos tampouco receber uma resposta decisiva, uma vez que em Samaria os dons carismáticos foram concedidos depois do primeiro exercício da fé, enquanto em Cesaréia estes dons foram outorgados simultaneamente com a fé.

Se houvesse a intenção de fazer questão da anterioridade da fé para a recepção do Espírito, Lucas poderia ter feito outra construção para a oração para deixar bem claro isso. A tradução mais natural da pergunta do versículo 2 é esta: "Recebestes, porventura, o Espírito Santo quando crestes?" (conforme se encontra nas versões mais modernas da Escrituras, a ARA de Almeida, por exemplo; literalmente, poderia assim traduzir "recebestes o Espírito Santo crendo? - Nota do Tradutor). Ainda que a interpretação de toda a passagem não depende da tradução deste versículo, e ainda que se admita que aquela outra tradução seja possível, creio que devemos preferir aqui a tradução da Edição Revista e Atualizada de Almeida da SBB: "Recebestes o Espírito Santo quando crestes?"

A resposta dos doze discípulos é reveladora: 'Pelo contrário, nem mesmo ouvimos que existe o Espírito Santo'. O texto grego diz literalmente: "Nem sequer temos ouvido que há o Espírito Santo". No entanto, temos uma construção similar em João 7:39, aonde o melhor texto grego diz: "Pois o Espírito até aquele momento não fora dado, porque Jesus não havia sido ainda glorificado"; aqui a generalidade dos tradutores tem dado este sentido ao versículo: "Pois ainda não havia ainda o Espírito" (BJ). Ora, o que significa a resposta deles é esta: estes crentes efésios ainda não haviam ouvido do derramamento do Espírito - noutras palavras, eram ignorantes no que dizia respeito ao ocorrido em Pentecostes.

Logo, Paulo descobriu que haviam sido batizados no batismo de João. Seria possível que eles tivessem sido batizados por Apolo, que havia chegado a Éfeso antes da chegada de Paulo, e que conhecia somente o batismo de João (At. 18:25). O batismo de João era um batismo pré-pentecostal. Agora Paulo explicou a estes crentes uma vez que Cristo havia vindo, cumprido sua missão na terra, ressuscitado de entre os mortos e derramado o Espírito Santo sobre a igreja, este batismo anunciatório era inadequado. Consequentemente, Paulo agora os batizou no nome do Senhor Jesus - este não foi realmente um rebatismo, mas seu primeiro batismo cristão, necessário porque eles haviam sido batizados somente no batismo de João. Depois que os batizou, Paulo lhes impôs as mãos, "veio sobre eles o Espírito Santo; e tanto falavam em línguas como profetizavam." (At. 19:6).

Assim, por que estes doze discípulos em Éfeso receberam o dom de línguas e

³⁷ Em todas as versões modernas existentes em português há basicamente esta tradução do versículo 2, ainda que a versão espanhola de Reina Valera, 1909 e algumas versões católicas põem "depois" em lugar de "quando". A maior parte dos comentaristas preferem a tradução de Reina Valera 1960. F. F. Bruce insiste em que a tradução "quando crestes" é "doutrinalmente importante".

o dom de profecia, dois dons especiais do Espírito Santo? Porque eles nem sequer haviam ouvido do derramamento do Espírito Santo, e portanto deviam ser convencidos sem que ficasse a menor dúvida de que este grande fato redentor havia certamente ocorrido. Ainda que Paulo provavelmente lhes falara do Pentecostes, descrevendo-lhes os sinais especiais concedidos aos discípulos naquele dia, o caminho mais seguro de convencer a estes efésios de que o Pentecostes havia ocorrido era dar-lhes dois dos dons especiais do Espírito que haviam sido outorgados aos discípulos naquele dia: glossolália e profecia. Noutras palavras, esta foi uma espécie de prolongação de Pentecostes a Éfeso, necessária devido a que um grupo proeminente de crentes ali (Bruce os chama de o núcleo da igreja dos efésios) tinha uma compreensão inadequada do cristianismo. Enquanto a glossolália em Samaria e em Cesaréia havia ocorrido por causa da igreja toda, a glossolália em Éfeso ocorreu primariamente por causa destes crentes efésios, e por amor à igreja de Éfeso da que eles eram o núcleo. Lembre-se que foi em Éfeso que Áquila e Priscila tiveram que expor mais exatamente o caminho de Deus, e que Apolo havia sido muito influente nesta cidade, Noutras palavras, pode ter havido outros em Éfeso que apenas haviam sido batizados com o batismo de João, e que portanto, também necessitavam da prova incontestável de que o Espírito Santo verdadeiramente havia sido derramado no dia de Pentecostes.

Voltando à nossa pergunta principal, o incidente ocorrido em Éfeso prova que todo crente após a sua conversão deve receber o batismo do Espírito Santo evidenciado pelas línguas? Não. Por duas razões: (1) A fé que estes crentes efésios tinham quando Paulo foi a eles não era uma fé cristã em todo o sentido, mas uma fé incompleta. (2) Havia circunstâncias especiais que fizeram com que a concessão da glossolália a esses discípulos fosse necessária; daí que não vemos justificativas para a conclusão de que a recepção do dom de línguas constitui um padrão normativo para todos os crentes.

Cumpra-me, a vista destes argumentos, fazer três observações acerca da concessão de dons especiais do Espírito aos grupos já descritos:

(1) Em cada um dos quatro casos mencionados (Pentecostes, Samaria, Cesaréia e Éfeso), o dom especial do Espírito, incluindo o falar em línguas (supondo que houve línguas entre os samaritanos), foram outorgados a grupos inteiros. Em nenhum destes casos encontramos, o que é comum entre as igrejas pentecostais, a saber, alguns na congregação recebem o batismo do Espírito, e portanto experimentam a glossolália, enquanto outros não passam por tal experiência.

(2) Nos últimos três casos que acabamos de examinar, os dons especiais do Espírito (incluindo a capacidade particular de falar em línguas) foram outorgados a pessoas que não os pediram. Foi assim em Samaria (os apóstolos oraram pedindo que os samaritanos recebessem o Espírito Santo, mas não diz que os samaritanos o pediram), em Cesaréia (aonde a vinda do Espírito sobre a casa de Cornélio foi tão surpreendente para Cornélio como para Pedro), e em Éfeso (aonde Paulo impôs as mãos aos crentes efésios, mas não diz que os efésios mesmos pediram um derramamento especial do Espírito sobre eles). Quando os pentecostais sugerem que o batismo do Espírito Santo, que deve ser seguido pela glossolália, é algo pelo qual o crente tem que lutar com Deus por meio de uma agonia em oração, estão estabelecendo um requisito que não existiu no caso dos samaritanos, nem no da casa de Cornélio ou muito menos no dos discípulos em Éfeso.

(3) Ainda que seja certo que os discípulos permaneceram em Jerusalém

enquanto esperavam o derramamento do Espírito Santo, uma vez que essa era a ordem de Jesus (Lc. 24:49), não encontramos uma passagem sequer que nos diga que os outros três grupos estiveram comprometidos com uma espécie similar de “espera do Espírito Santo”. Os convertidos samaritanos não estavam fazendo tal coisa antes da chegada de Pedro e João, e tampouco era essa a situação dos discípulos em Éfeso antes da chegada de Paulo. Cornélio, ainda que esperava que Pedro viesse, porquanto havia sido instruído mediante uma visão que dizia que deveria buscar a Pedro (10:5). Apesar disso, ele não estava esperando de forma particular o batismo do Espírito Santo, mas esperava que a mensagem do evangelho lhe fora levado por Pedro. Portanto, quando os pentecostais pedem que se participem em reuniões de “espera” - reuniões que com freqüência duram até muito tarde da noite e nas quais se esperam receber o batismo do Espírito Santo - apelando à Lucas 24:49 como apoio bíblico³⁸, estão fazendo uma aplicação imprópria desta passagem. O texto diz: “eis que envio sobre vós a promessa de meu Pai; permaneçei, pois, na cidade, até que do alto sejais revestidos de poder”. Jesus deu aos seus discípulos estas instruções em relação a um acontecimento histórico específico que estava por ocorrer: o derramamento do Espírito Santo. Converter as “reuniões de espera” em uma parte regular do programa da igreja é reduzir a uma prática normativa algo que foi ordenado em um momento específico da história como uma preparação para um acontecimento único.

Antes de deixar este material de Atos, gostaria de assinalar que à parte dos quatro incidentes descritos, não há menção de glossolália no livro de Atos. Quando os pentecostais nos dizem que estão convencidos da importância do falar em línguas pela freqüente aparição destas no livro de Atos, eles estão vendo mais glossolália em Atos do que o que o texto nos permite ver. Antes notamos que, segundo os pentecostais, a expressão “cheio do Espírito” designa um batismo do Espírito posterior à conversão, cuja evidência é a glossolália³⁹. No entanto, são encontrados os seguintes casos no livro de Atos que diz que alguém foi cheio do Espírito Santo e não há menção alguma das línguas: Atos 4:8 (Pedro ante o sinédrio), 4:31 (os crentes oram juntos - esta passagem consideramos anteriormente), 6:3 (os sete diáconos), 6:5 e 7:55 (Estevão), 9:17 (Saulo no momento de seu batismo)⁴⁰ 10, 11: 24 (Barnabé), 13:9 (Paulo em Chipre), 13:52 (os discípulos em Antioquia da Pisídia). Em Atos aplica-se somente uma vez a expressão “cheio do Espírito Santo” a pessoas que receberam o dom de línguas: Atos 2:4. Esta expressão não é usada para com os samaritanos, a casa de Cornélio, ou aos crentes efésios. Nos outros nove casos em que se usa a expressão “cheios do Espírito” em Atos, não se menciona a glossolália. Portanto, os pentecostais não estão corretos ao suporem que esta expressão sempre descreve um batismo do Espírito seguido pela glossolália.

Mas ainda há mais evidências contra a posição dos pentecostais. Repetidas

³⁸ Riggs, obra citada, pp. 110- 111. Ainda que Riggs não menciona as reuniões de “espera” diz que “ficar diante do Senhor é sempre bíblico e é o procedimento normal para receber de Deus”, unindo isso com a experiência dos discípulos antes de Pentecostes. “Receber de Deus” para ele significa receber o batismo do Espírito. Veja-se também Nelson, obra citada.

³⁹ Riggs, obra citada, pp. 70-71.

⁴⁰ Os pentecostais supõem que neste momento Saulo começou a falar em línguas, posto que mais tarde ele diz que fala em línguas mais que os coríntios (1 Co. 14: 1 S), e portanto deve ter começado a falar em línguas nalgum momento (Brumback, obra citada, pp. 251-261; Nelson, obra citada). As Escrituras dão claro testemunho de que Paulo falava em línguas. No entanto, que ele começara a falar em línguas quando foi batizado é uma suposição para o que não há prova bíblica.

vezes os pentecostais nos dizem que o padrão do livro de Atos é normativo para os cristãos no dia de hoje. No entanto, como temos visto, houve razões excepcionais pelas quais a glossolália foi outorgada em Pentecostes, Samaria, Cesaréia e Éfeso - razões por que não se aplicam a todos os crentes na atualidade. Para demonstrar este último ponto, apresento os seguintes casos do livro de Atos em que houve pessoas das quais se diz que foram conduzidas à salvação mas não se diz que falaram em línguas: 2:41 (os três mil convertidos do dia de Pentecostes), 3:7-9 (o paralítico que foi curado), 4:4 (os que se converteram depois da cura do paralítico, quando o número dos que haviam crido chegou a 5.000), 5:14 (os muitos que chegaram à fé depois da morte de Ananias e Safira), 6:7 (uma grande contingente de sacerdotes), 8:36 (o eunuco etíope), 9:42 (os muitos que creram depois que Dorcas foi ressuscitada), 11 : 21 (os que se retornaram ao Senhor em Antioquia de Síria), 13:12 (o procônsul em Chipre), 13:43 e 48 (crentes em Antioquia de Pisídia), 14:1 (crentes em Icônio), 14:21 (discípulos em Derbe), 16:14 (Lídia), 16:34 (o carcereiro de Filipos), 17:4 (os crentes em Tessalônica), 17:11-12 (os bereanos), 17:34 (os atenienses), 18:4 (os de Corinto), 18:8 (Crispo e outros coríntios), 28:24 (alguns dos judeus em Roma). Deve, pois, ter ficado claro que a evidência encontrada no livro de Atos não apoia a posição pentecostal de que a glossolália que acompanha a uma experiência de batismo do Espírito é a norma corrente para todos os crentes.

Em resumo, temos encontrado quatro vezes a expressão “batizar com o Espírito” nos Evangelhos e uma vez no livro de Atos para denominar o acontecimento histórico do derramamento do Espírito no dia de Pentecostes. Somente uma vez se usa a expressão para indicar a repetição deste batismo, em Atos 11: 16, onde se refere ao ocorrido em Cesaréia. O incidente em Cesaréia foi uma extensão do Pentecostes aos gentios, assim como o ocorrido em Samaria foi uma extensão do Pentecostes aos samaritanos, e o ocorrido em Éfeso era uma extensão do Pentecostes aos discípulos que nem sequer haviam ouvido que o Espírito Santo havia sido derramado. Em cada um destes casos houve circunstâncias especiais que fizeram necessário este tipo de extensão. No entanto, a respeito da imensa maioria que o autor de Atos apresenta como pessoas que abraçaram a fé, nada se diz no sentido de que hajam falado em línguas. Ademais, não há provas de que expressões tais como “selados com o Espírito Santo”, ou “cheios do Espírito” significam um batismo do Espírito posterior à conversão evidenciado pela glossolália. Portanto, minha conclusão é que não há evidência bíblica para a doutrina pentecostal de que todo crente deve buscar um batismo do Espírito posterior à conversão evidenciado pelo sinal físico inicial da glossolália.

4. A discussão da glossolália em I Coríntios 12-14.

Estes capítulos constituem a única seção da Bíblia em que a glossolália é discutida com detalhe; por isso é importante que conheçamos o seu ensinamento principal. Pode-se observar desde o início que se a glossolália é tão importante como os pentecostais e neopentecostais dizem que è, é estranho que o Apóstolo Paulo discuta a glossolália somente em uma de suas epístolas, e que não se façam referências ao tema em nenhuma outra epístola do Novo Testamento. Isso não significa sugerir que o tratamento da glossolália em I Coríntios 12-14 não seja importante, mas somente dizer que o falar em línguas tem um papel de menor

importância relativa no Novo Testamento.

Antes de começar a analisar o ensinamento destes capítulos, devemos enfrentar algumas questões precedentes. As línguas faladas em Corinto eram similares às que aparecem no livro de Atos? Como já temos visto, a maioria dos pentecostais parecem tomar a posição de que em quanto a sua natureza, as línguas faladas em Corinto e as de Pentecostes eram idênticas, mas diferiam em quanto aos propósitos para os que foram usadas.

Ao comparar os relatos de Atos com a discussão do tema em I Coríntios, fica claro que houve importantes diferenças entre a glossolália de Atos e a que se praticava em Corinto: 1) A glossolália de Corinto apenas podia ser compreendida quando se interpretava; no entanto, é claro que não foi assim nos casos registrados em Atos. 2) O propósito da glossolália em Corinto era edificação, seja para o indivíduo mesmo ou para a congregação (no caso das línguas serem interpretadas). No entanto, o propósito da glossolália em Atos era a validação e confirmação do derramamento do Espírito Santo. 3) A glossolália registrada em Atos ocorreu em circunstâncias muito especiais, quando era necessária uma extensão de Pentecostes. No entanto, não há indicação de que essas circunstâncias especiais se deram em Corinto. 4) Em Atos, a glossolália “parece ter sido uma experiência inicial irresistível e temporal, mas em Corinto era um dom contínuo que estava sob o controle de quem o tinha” (1 Co. 14:27, 28). 5) Em cada caso de glossolália registrado em Atos, cada pessoa do grupo afetado falou em línguas. No entanto, em Corinto nem todos falavam em línguas (veja-se I Co. 12:30).

Portanto, creio que há importantes diferenças entre a glossolália de Atos e a de I Coríntios. É difícil dizer se estas diferenças são somente de propósito e operação e não da própria natureza da glossolália, como afirma Brumback⁴¹. Os comentaristas estão muito divididos nesta questão; ainda que a maioria reconheça que as línguas do dia de Pentecostes eram idiomas estrangeiros, alguns sustentam que as línguas em Corinto era expressões extáticas diferentes dos idiomas ordinários. Parece difícil, se não impossível, emitir um juízo definitivo neste assunto. Sabemos positivamente que o dom de línguas era um dom espiritual concedido a uma certa quantidade de membros da igreja coríntia.

Depois voltaremos a considerar a questão sobre se estamos certos ao supor que a glossolália é um dos dons do Espírito que ainda ocorre na igreja de hoje. Os pentecostais insistem que o dom de línguas, assim como os demais dons milagrosos do Espírito, mencionados em I Coríntios 12:8-10 e 28, ainda subsiste na igreja da atualidade. Neste ponto concedemos aos nossos irmãos pentecostais o benefício da dúvida, supondo que tanto a glossolália seja um dos dons que o Espírito Santo ainda concede aos crentes nos dias atuais. Tomemos como pano de fundo esta suposição, e vejamos o que Paulo diria acerca da glossolália em I Coríntios 12-14.

De antemão, devemos recordar que a discussão de Paulo sobre as línguas em I Coríntios não pode ser usada para provar que a glossolália é a evidência indispensável de que alguém tem recebido o batismo do Espírito Santo⁴². Porque o

⁴¹ Obra citada, pp. 298, 316-317.

⁴² Em I Coríntios 12-14 não há a menor indicação de que o dom de línguas esteja associado, nalgum sentido direto, com a plenitude do Espírito Santo, certamente não em grau maior que os demais dons. Seu único propósito é a edificação do que fala, e quando se une à interpretação, a edificação dos que ouvem” (Ibid., p. 320).

mesmo Carl Brumback concede que a glossolália em I Coríntios não tem relação direta com o ser cheio do Espírito Santo. Lembre-se que os pentecostais distinguem entre as línguas como evidência do batismo do Espírito e as línguas como um dom que alguém pode seguir exercendo⁴³. Nossos amigos pentecostais sustentam que as referências às línguas que se encontram no livro dos Atos descrevem as línguas como “evidência”, enquanto a discussão das línguas em I Coríntios trata das línguas como um “dom”⁴⁴.

Portanto, de acordo com seu próprio reconhecimento, não se pode provar com as passagens de I Coríntios que a glossolália é a evidência do batismo do Espírito. Portanto, a defesa da glossolália como evidência do batismo do Espírito sustentar-se-á ou fracassará apenas com base naquilo que consta do livro de Atos.

Então, o que haure os pentecostais do material apresentado em I Coríntios? A idéia de que a glossolália é um valioso dom espiritual. O valor deste dom, dizem eles, é duplo: tem um propósito devocional e um propósito congregacional⁴⁵. Insistindo que Paulo nestes capítulos não desacredita as línguas, Brumback responde a vários argumentos que desestimam as línguas sobre a base do material apresentado pela epístola aos Coríntios⁴⁶ e chega a fazer uma lista de quinze afirmações de I Coríntios 14 que, segundo alega, mostram que Paulo favorecia o dom de língua⁴⁷.

Então, consideremos I Coríntios 12-14 para ver se estes capítulos dão à glossolália o alto valor que atualmente lhes atribuem os que falam em línguas. No entanto, primeiro, deveríamos questionar acerca da natureza da igreja em Corinto. A igreja de Corinto era uma igreja problema. Como alguém tem dito, causou ao apóstolo Paulo mais dores de cabeça e quebramentos de coração do que qualquer outra igreja a qual tenha ministrado. Algum dos problemas que teve que enfrentar ali foram: divisões e disputas, tolerância de franca imoralidade, apresentação de juízos públicos contra outro irmão, tentação de cair na idolatria ao comer carne oferecida aos ídolos, abusos em conexão com a ceia do Senhor e negação da ressurreição do corpo.

Com este antecedente em vista, podemos compreender que os coríntios também tinham problemas em relação aos dons espirituais. O problema deles não era que lhes faltassem dons espirituais (veja-se 1:7: “nenhum dom vos falta”), mas que abusavam deles. Segundo os capítulos 12-14, é evidente que muitos coríntios estavam colocando o dom de línguas em primeiro lugar na lista de dons espirituais, orgulhando-se de possuí-lo, e o praticava em excesso nas reuniões da congregação. A preponderância de uma espécie de falar extático, incidente entre sacerdotes e sacerdotisas em transe nos oráculos gregos (particularmente o de Apolo em Delfos que não estava longe), ajudaria a explicar o elevado valor atribuído pelos coríntios à glossolália. Agora, ao estudar o que Paulo escreveu sobre a glossolália nestes capítulos, ficará suficientemente claro que um de seus principais propósitos era

⁴³ Statement of Fundamental Truths (Declaração de Verdades Fundamentais, Assembléias de Deus), artigo 8. Veja-se Brumback, obra citada, pp. 313-328. “Falar em línguas como evidência inicial deve-se distinguir... do dom de línguas descrito em I Coríntios 12: 10” (T. F. Zimmermam, “Plea for Pentecostals” - Defesa dos Pentecostais, Christianity Today, VII (Enero 4, 1962).

⁴⁴ Veja-se Brumback, obra citada, p. 314. Veja-se nota anterior.

⁴⁵ Ibid., pp. 349-383.

⁴⁶ Ibid., pp. 177-219.

⁴⁷ Ibid., p. 204-205

mostrar que o dom de línguas não chega a ter o elevado valor que muitos dos coríntios lhe atribuía.

O que mais nos surpreende é que numa das listas de dons espirituais dadas no capítulo 12 (vs. 8-10 e 28) as línguas e a interpretação de línguas são mencionadas em último lugar. Esta posição é intencional. A avaliação que Paulo faz do dom de línguas é tão diferente da dos coríntios que, ainda que muitos coríntios fossem partidários de colocá-lo em primeiro lugar, ele o põe em último lugar. Na realidade, o que é ainda mais surpreendente é que nas outras duas listas de dons e ofícios espirituais, isto é, em Éfesios 4:11-12 e Romanos 12:6-8, não se faz a mínima menção das línguas. Na passagem de Romanos, Paulo menciona dons tais como o de exortar, dar ou repartir, presidir e usar misericórdia; certamente se o dom de línguas tivesse uma importância sobressalente entre os dons do Espírito, deveria ter sido assinalado aqui, mas não encontramos nenhum sinal. Em I Coríntios 12, Paulo está dizendo, portanto, aos coríntios: posto que há tantos dons do Espírito, por que ir ao extremo de enfatizar o menor destes dons? Seguramente, ademais, a ordem destas listas tem uma mensagem para os que falam em línguas na atualidade, os que parecem querer enaltecer até ao cume o dom de línguas como se fosse o dom espiritual por excelência.

Em I Coríntios 12:12-27, Paulo compara a igreja com um corpo de muitos membros. Seu argumento é que os diversos membros da igreja têm diversos dons e que portanto não podemos esperar que todos tenham o mesmo dom. No versículo 17, Paulo diz: “Se todo o corpo fosse olho, onde estaria o ouvido? Se todo fosse ouvido, onde, o olfato?” Poderíamos parafrasear esta passagem da seguinte forma: “Se todo o corpo fosse de faladores de línguas, onde estariam os mestres?” E no versículo 11 ele afirma que todos os dons vêm do Espírito, que distribui a cada um segundo o seu próprio querer. O peso do argumento de Paulo é: não desejeis todos vós o dom de línguas, uma vez que não sabeis se o Espírito quer dá-lo a todos vós este dom, e considerando que a igreja não será um bom corpo se todos os membros dela desempenharam exatamente a mesma função.

Pelo versículo 30 deste capítulo sabemos que nem todos os membros da igreja de Corinto tinham o dom de línguas: “Falam todos línguas?” A medida que lemos o capítulo, nos vai dando a impressão de que os que não tinham o dom de línguas se viam tentados a sentirem-se inferiores aos que falavam, uma vez que se exaltava tanto este dom. A argumentação de Paulo nos versículos 12-27, no entanto, é que uma pessoa que não tem o dom de línguas em nada é inferior à que o tem, e que a posição na igreja de quem não fala em línguas não é de inferior importância que a do que fala em línguas. Todos os membros do corpo de Cristo são necessários, e portanto um membro não pode dizer do outro: “Não precisamos de ti” (v. 21). O ensinamento da Escritura nesta passagem deveria fazer que cessasse toda a pretensão de que a posseção do dom de línguas dá a alguém uma posição de proeminência sobre os outros que não possuem esse dom. Ademais, observa-se que Paulo não disse, como pretendem nossos irmãos pentecostais, a capacidade de falar em línguas (ainda como uma experiência inicial) colocasse a pessoa em uma categoria especial de crente que tem recebido a plenitude do Espírito, à parte dos demais crentes que não o tem recebido. Tampouco neste capítulo, nem no capítulo 14, há a mais mínima sugestão de que a glossolália possa ter uma significação tão grande como a que os pentecostais lhe atribuem em conexão com o batismo do Espírito Santo.

Em 12:31 Paulo diz: “procurai, com zelo, os melhores dons.” (os dons maiores). Estas palavras sugerem que há dons de maior ou menor valor. Ao por as línguas e a interpretação de línguas no final das duas listas de dons espirituais, Paulo dá a entender que não considera o dom de línguas como um dos dons melhores ou maiores.

“E eu passo a mostrar-vos ainda um caminho sobremodo excelente”, continua dizendo Paulo e ato contínuo escreve o famoso capítulo do amor (capítulo 13). Ainda que este capítulo com freqüência se lê isoladamente, tem uma função muito importante no contexto em que está inserido. Antes de continuar a discussão das línguas, Paulo quer dizer aos coríntios, e a nós, que há algo muito mais importante, não apenas do dom de línguas, mas, do que qualquer outro dom especial do Espírito. Portanto, diz: “Ainda que eu fale as línguas dos homens e dos anjos, se não tiver amor, serei como o bronze que soa ou como o címbalo que retine.” (13: 1). Não que alguém deve pretender falar línguas angélicas; a oração é hipotética. Paulo está dizendo: suponhamos que eu tenha alcançado o ápice mesmo do falar em línguas; suponhamos que não apenas seja capaz de falar em línguas humanas desconhecidas mas também em idiomas de anjos; se não tenho amor, seria como um ruidoso sino ou como um címbalo que retine. Minha vida seria vazia, superficial, hipócrita.

A lição é óbvia. Ainda que o falar em línguas tenha algum valor, um valor limitado como veremos a seguir, é muito mais importante que nossas vidas estejam cheias de amor. Portanto, nossa primeira preocupação jamais deve ser apenas o cultivo de um dom como o de falar em línguas; sempre deve ser o cultivo do amor que é maior ainda do que a fé ou do que a esperança. Ainda que Paulo dê maior importância à profecia em detrimento das línguas no capítulo 14, o versículo 2 do capítulo 13 ensina que o cultivo do amor é muito mais importante ainda que o exercício da profecia: “Ainda que eu tenha o dom de profetizar..., se não tiver amor, nada serei.”. A mensagem insistente em todo o capítulo é: “se não tiver amor, nada disso me aproveitará” (v. 3).

Paulo começa o capítulo 14 repetindo a ênfase principal do capítulo 13: “Segui o amor e procurai, com zelo, os dons espirituais, mas principalmente que profetizeis”. Noutras palavras, quaisquer que sejam os dons que tendes, devem ser usados sempre de tal maneira que sejam uma expressão de amor; de outro modo estareis abusando deles. O uso de um dom para vosso prestígio ou honra pessoal é incorreto - certamente Paulo estava aqui pondo o dedo em uma dolorosa chaga da igreja de Corinto.

Enquanto que muitos coríntios pareciam haver preferido o dom de línguas por sobre todos os demais, Paulo põe o dom de profecia por sobre o de línguas: “mas principalmente que profetizeis”. A razão dada é realmente uma ampliação do capítulo 13: “Mas o que profetiza fala aos homens para edificação, exortação e consolação. O que fala em língua edifica-se a si mesmo, mas o que profetiza edifica a igreja” (14:3,4)⁴⁸. É evidente que as línguas que se falavam em Corinto não podiam ser compreendidas pelos ouvintes se não fossem interpretadas. Em vista da importância do amor e em vista do fato de que com nossos dons temos que servir a toda a igreja, é óbvio que a profecia⁴⁹ é superior às línguas. Porque ainda que com

⁴⁸ Cabe destacar que a palavra estranha foi colocada pelos tradutores. O original diz simplesmente “em língua” (*glossa*).

⁴⁹ O dom de profecia de que se fala neste capítulo, segundo o pensamento da maioria dos comentaristas,

as línguas nos edificamos a nós mesmos (o que é bom), por meio da profecia edificamos a toda igreja (o que é muitíssimo melhor). Logo Paulo prossegue: “Eu quisera que vós todos falásseis em outras línguas; muito mais, porém, que profetizásseis; pois quem profetiza é superior ao que fala em outras línguas, salvo se as interpretar, para que a igreja receba edificação” (v. 5). É como se eu pudesse dizer aos meus alunos no seminário: Gostaria que todos pudessem tocar piano, mas preferiria que pregassem a Palavra com poder e convicção. Calvino o expressa assim:

Ele [Paulo] observa, portanto, um meio admirável, ao estimar em nada o que era considerado útil, ao mesmo tempo em que exorta a não preferir, em seu zelo absurdo, coisas de conseqüência inferior ao que era de importância principal.

Nos versículos 6 a 13 Paulo continua mostrando que a profecia é superior ao falar em línguas. Ainda que Paulo tivesse o dom de línguas (veja-se o v. 18), ele assinala que não seria proveitoso para nenhuma igreja se ele viesse falando em línguas (v. 6). Ele compara o falar em línguas com a execução de um instrumento musical de tal modo que não haja distinção entre seus sons (v. 7), ou a tocar uma trombeta de tal modo que ninguém saiba para o que é o chamado da trombeta (v. 8). O que fala somente em línguas está desperdiçando o fôlego; está falando ao ar (v. 9). Paulo aqui usa uma expressão muito pujante, a fim de que até o último cristão de Corinto que ainda estivesse dando um valor excessivo ao dom possa finalmente ser despertado e compreendesse seu erro. Ele acrescenta outra figura: o falar em línguas é tão inútil na igreja como uma conversação entre duas pessoas, nenhuma das quais entende uma só palavra do que a outra está dizendo (vs. 10 e 11). A conclusão é óbvia: que o que fala em língua estranha deve pedir em oração a interpretação para ela, posto que sem a interpretação seu dom seria inútil na igreja (v. 13).

Na seção seguinte, versículos 14-19, Paulo aparentemente está contrastando o ponto de vista de alguns coríntios de que se deve preferir a adoração quando o entendimento de alguém está inativo, acima da adoração que inclui todo o uso dos poderes intelectuais da pessoa. Parece que em Corinto havia quem pensasse que alguém poderia de algum modo acercar-se mais do Senhor e penetrar mais profundamente no sobrenatural caso deixasse o entendimento em suspenso - o que ocorria quando alguém falava em línguas - sem usar o entendimento. No entanto, Paulo assinala que este é um erro sério. Se eu oro em uma língua, diz, discutindo ainda o que alguém poderia fazer em um culto público de adoração, meu Espírito ora mas meu entendimento fica infrutífero (v. 14). No entanto, este tipo de oração não deve ser preferido acima da oração que usa a mente: “Orarei com o espírito,

provavelmente seria uma espécie de dom carismático especial do Espírito pelo qual uma pessoa estava capacitada para transmitir mensagens de Deus, e ocasionalmente, anunciar acontecimentos futuros (por exemplo, Ágabo; veja-se At. 11:27, 28; 21:10, 11). Noutras palavras, não poderíamos identificar este dom com o que poderíamos chamar hoje dom de pregação ou de ensinamento da Bíblia. No entanto, há um paralelo entre o dom de profecia e o de pregação ou ensinamento: ambos tipos de dons capacitam ao que os possui para enriquecer espiritualmente a congregação sem a necessidade de um intérprete. Posto que aos demais se lhes diz que devem julgar ou discernir o que os profetas diziam (v. 29), deduzimos que as expressões dos profetas tinham que estar em harmonia com a verdade revelada. Ademais, Paulo exige que os profetas reconheçam que as coisas que Paulo escreve são mandamentos do Senhor (v. 37). Portanto, parece claro que os profetas não eram fontes de novas verdades para a igreja, mas “expositores da verdade já revelada” J. A. Moyer, “Prophecy, Prophets” em *The New Bible Dictionary* (“Profecia, Profetas” no Novo Dicionário Bíblico p. 1045). Estamos justificados, creio, ao chegar à conclusão de que Paulo considerará que o dom de pregação ou de ensinamento bíblica na atualidade seria um dom mais útil do que o dom de falar em línguas.

mas também orarei com a mente.” (v. 15). Creio que Paulo aqui quer dizer: Orarei na igreja com a minha mente, em um idioma que todos os adoradores possam compreender. Quando faço isso, ainda assim estarei orando com o meu espírito (o espírito que estaria exclusivamente ativo se eu orasse somente em línguas), conquanto esteja orando também com a minha mente⁵⁰. Isso é muitíssimo melhor, porque agora a pessoa ignorante que esteja na igreja circunstancialmente poderá dizer “Amém” quando eu dou graças, pois saberá o que eu digo em oração. No versículo 17 novamente é resumido todo o assunto: a oração em línguas não edifica o outro. Portanto, não é verdade que alguém adora melhor na igreja quando sua mente está em suspenso.

Detemo-nos agora por um momento no versículo 18, citado freqüentemente pelos pentecostais como o que salienta sua alta estima pelo dom de línguas: “Dou graças a Deus, porque falo em outras línguas mais do que todos vós”. Nossos amigos pentecostais dizem: Porque Paulo daria graças a Deus por este dom se não tivesse valor? O dom tinha valor, isso não o negamos, mas todo o argumento de Paulo neste capítulo é para demonstrar que o dom de línguas tem um valor muito limitado. No entanto, algum ávido falador de línguas de Corinto poderia tentar desacreditar a Paulo no que diz respeito ao seu ensino sobre as línguas, alegando que Paulo mesmo possuía tal dom, e que portanto, não podia esperar que argumentasse de forma favorável. Paulo faz frente a esta possível objeção recordando aos coríntios que ele possuía o dom, que na realidade falava em línguas mais que eles. Em vista deste fato, sua avaliação das línguas é muito mais significativa: “Contudo, prefiro falar na igreja cinco palavras com o meu entendimento, para instruir outros, a falar dez mil palavras em outra língua.” (v. 19). Novamente, a ênfase do argumento é: falar em um idioma que a gente possa entender é muito melhor e mais edificante para a igreja do que o falar em línguas. Recordamos ao leitor que estas palavras foram ditas não por alguém que não teve experiência das línguas, mas por quem falava em línguas mais do que os coríntios. É quase como se o mais famoso líder pentecostal do mundo visitasse todas as igrejas pentecostais e lhes dissesse: “Irmãos, vós sabeis que eu falo línguas mais que todos vós. No entanto, aconselho-vos enfaticamente que não exerciteis este dom nos cultos da igreja, mas que faleis em uma linguagem que vosso povo possa entender, posto que isso é muitíssimo melhor para a igreja⁵¹.”

Parece que Paulo está sugerindo que a indevida exaltação do dom de línguas é uma evidência de falta de maturidade espiritual, uma vez que inicia a seção seguinte do capítulo (vs. 20-25) dizendo: “Irmãos, não sejais meninos no juízo”. Nos quatro versículos seguintes apresenta novamente o argumento já familiar: a

⁵⁰ Outra interpretação possível destas palavras é: Seguirei orando em línguas nos cultos públicos da igreja, mas também orarei em um idioma conhecido depois de orar em línguas, de modo que a gente saiba o que se diz ao orar em línguas. No entanto, não creio que esta interpretação seja correta, posto que o propósito principal de Paulo nesta seção do capítulo é desaprovar o orar em línguas nos serviços da igreja. Ademais, note-se o que ele diz no versículo 19 sobre sua renúncia a usar as línguas em um culto da igreja.

⁵¹ Brumback tenta desprezar a avaliação das línguas que aqui se faz, dizendo que Paulo quis desacreditar apenas a glossolália sem interpretação. No entanto, quando as línguas são interpretadas, prossegue Brumback, são iguais ao dom de profecia, à luz da ensinamento de I Coríntios 14:5 (Obra citada, pp. 194, 195. Veja-se também p. 36). Eu refutaria isso observando que toda a seção de I Coríntios que estamos considerando está dedicada a demonstrar a superioridade da profecia sobre as línguas - ainda sobre as línguas interpretadas (veja-se a lista comparativa em que a profecia aparece por sobre a interpretação de línguas, 12: 10). Ademais, é precisamente Paulo, que fala línguas mais que todos os coríntios, e que presumivelmente podia encontrar quem puderam interpretá-la, quem diz: Prefiro falar cinco palavras com meu entendimento (isto é, não em língua, ainda quando a língua seja interpretada)... do que dez mil palavras em língua desconhecida”.

profecia é superior às línguas. O versículo 21 nos ensina que as línguas estranhas não puderam conduzir os israelitas ao arrependimento no tempo do Antigo Testamento. O versículo 23 nos ensina que o falar em línguas no tempo do Novo Testamento apenas conseguirá que os incrédulos digam: “Eles perderam a cabeça...”. Os versículos 24 e 25 argumentam que o exercício do dom de profecia tem muito mais possibilidade de conduzir um crente ao arrependimento do que o exercício da glossolália.

Havendo estabelecido os valores comparativos da profecia e da glossolália nos versículos 1-25, Paulo agora segue dando algumas instruções acerca das reuniões públicas (vs. 26-33). Reconhece que na igreja de Corinto diversas pessoas tem diversos dons espirituais. Nestes versículos temos um interessante quadro da natureza dos cultos de adoração na igreja primitiva. “Quando vos reunis, um tem salmo, outro, doutrina, este traz revelação, aquele, outra língua, e ainda outro, interpretação.” (v. 26). Portanto, é claro que diversos membros da igreja estavam dispostos a exercitar seus dons no culto público. No entanto, Paulo insiste que “seja tudo feito para edificação” (v. 36). O propósito principal de qualquer dom espiritual não pode ser jamais o realce do prestígio do adorador, nem sequer sua própria edificação, mas sempre deve ser a edificação da igreja.

Agora é de interesse particular para nós o que Paulo diz aqui sobre o exercício do dom de línguas. Não despreza de tudo as línguas, mas as admite somente sob bem definidas restrições. Não podem falar em línguas mais do que duas ou três pessoas em uma só reunião; não devem falar ao mesmo tempo, mas por turnos; e toda a expressão em línguas deve ser seguida de uma interpretação (v. 27). Se não há intérprete presente, ninguém falará em línguas no culto (v. 28). Notem que Paulo proíbe definitivamente certos tipos de glossolália: a que se faz por motivos carnis, a que se faz apenas para realçar o prestígio pessoal do falante, a que causa confusão no culto e a que se faz sem interpretação. Também reparem que Paulo apenas permite a glossolália quando serve de edificação à igreja.

Os pentecostais observam corretamente que as restrições também existem para a profecia: os profetas também devem falar dois ou três (v. 29). Sobre a base desta restrição, Brumback alega que Paulo, portanto, não está realmente pondo a profecia em uma posição de superioridade com respeito às línguas interpretadas⁵². Ainda que é válido dizer que aqui se impõem limitações similares sobre os que falam línguas e os profetas, segue sendo certo que a ênfase básica do capítulo 14 é dar um valor superior à profecia que à glossolália. O fato de a glossolália e a profecia ser permitidas no culto público da igreja, ainda que sujeitas a restrições bem definidas, de nenhum modo invalida o argumento principal de todo o capítulo: a superioridade da profecia às línguas.

Paulo faz um resumo no versículo 39: “Portanto, meus irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar e não proibais o falar em outras línguas”. Muito apraz aos pentecostais citar a última frase dizendo que apoia firmemente sua causa. De pronto lhes concedemos que Paulo não proíbe o falar em línguas. No entanto, o que está implícito na argumentação anterior é que não podemos esperar que toda pessoa receba ou receba este dom. O que tem sido a ênfase primária através de todo o capítulo, e está implícito nas palavras do versículo 39, é que o dom de

⁵² Obra citada, pp. 194, 195, 205, 206.

profecia deve ser desejado de forma mais intensa do que o dom de línguas. Porque ainda que a declaração sobre a glossolália está em forma negativa “não proibais”, o mandato positivo de Paulo é “procurai com zelo profetizar” (“desejai ardentemente o dom de profetizar” - Versão Moderna).

A conclusão que devemos ter de nosso exame de I Coríntios 12-14 é que Paulo definitivamente não atribui ao dom de línguas o elevado valor que os pentecostais e neopentecostais atribuem na atualidade. Parece que quando os coríntios fizeram sua lista dos dons espirituais puseram a glossolália em primeiro lugar, enquanto que na lista que Paulo faz ocupa o último lugar. Paulo rechaça o modo de pensar de quem vê na capacidade de falar em línguas uma vantagem espiritual de importância excepcional. De nenhum modo a glossolália é o mais elevado dos dons do Espírito, isso ensina Paulo aqui, porque, em primeiro lugar, a profecia é mais valiosa que o dom de línguas, e, segundo, o cultivo do amor é muito mais importante que o exercício das línguas ou da profecia. Sem o amor, na realidade, todos os dons especiais do Espírito são inúteis (1 Co. 13:1-3).

Como se tem observado, nenhum destes capítulos dá algum apoio à doutrina que sustenta que a glossolália é a evidência indispensável de que alguém recebe o batismo do Espírito Santo. Se essa doutrina fosse certa, seria de esperar que nalgum momento Paulo interrompesse sua discussão sobre os dons espirituais dizendo algo como: “Eu sei que o Espírito não dará a todos o dom de línguas. Mas, contudo, compreendas que todos vós deveis falar em línguas pelo menos uma vez na vida como evidência de que haveis recebido o batismo do Espírito Santo. Poderia ocorrer que depois disso não sigais falando em línguas, mas todos deveis tentar fazê-lo pelo menos uma vez. Porque não podeis ter a segurança de que haveis sido cheios do Espírito de Deus a menos que falem em línguas”. No entanto, nos escritos de Paulo nada há neste sentido, e nada há sobre isso nestes capítulos. Se Paulo tivesse aceitado a doutrina que estamos analisando, é seguro que deveria ter dito algo a respeito nestes capítulos, os únicos em que expõe a significância da glossolália.

Na realidade, considerando de forma desapassionada, I Coríntios 12-14 proporciona mais evidências de que a doutrina ora examinada não é verdadeira. Porque, enquanto os pentecostais nos dizem que a glossolália é um sinal de que o crente recebeu o batismo do Espírito⁵³, Paulo diz especificamente que as línguas são um sinal “não para os crentes, mas para os incrédulos” (14:22). Ademais, a ênfase de toda a discussão da glossolália nestes capítulos é que a prova mais segura de estar cheio do Espírito é abundar em amor uns pelos outros. Na realidade, em vez de sugerir que a capacidade de falar em línguas é um sinal de maturidade, de cristianismo de estatura completa, Paulo dá a entender uma idéia completamente oposta. A igreja de Corinto é a única no Novo Testamento que sabemos tinha tantos que falavam em línguas; no entanto, é precisamente aos coríntios a quem Paulo se dirige como “a meninos em Cristo” e como sendo mais carnis (1 Co. 3:1, 3). Alguém teria que realizar um trabalho muito difícil para provar que era exceção os que falavam em línguas em Corinto, em sentido prejudicial, e que aos demais não se aplicavam estas caracterizações, haja vista que nos capítulos 12-14 Paulo deixa implícita a idéia de que os que falavam em línguas eram responsáveis pela muita confusão e falta de edificação mútua que havia na igreja.

⁵³ O sinal física inicial, artigo 8 das Verdades Fundamentais das Assembléias de Deus.

Como temos visto, os pentecostais apresentam sua defesa do batismo do Espírito Santo evidenciado pela glossolália sobre a base dos relatos de acontecimentos de glossolália que se encontram no livro de Atos. Logo passam para I Coríntios, não para buscar uma confirmação bíblica para o batismo do Espírito, mas em busca de uma validação bíblica para a prática do dom de línguas, fazendo uma cuidadosa distinção entre o dom de línguas e as línguas como sinal inicial do batismo do Espírito. No entanto, não deverá mais aconselhável o procedimento inverso? Se alguém deseja conhecer o ensinamento doutrinal do Novo Testamento, deve ir em primeiro lugar ao livro dos Atos, que é histórico? As epístolas diferem de Atos em que são fontes primárias de instrução doutrinal. Como vimos a primeira Epístola aos Coríntios de nenhum modo confirma o ensinamento de que todo crente deve experimentar um batismo do Espírito posterior e distinto da regeneração, batismo que deve ser evidenciado pelo falar em línguas. I Coríntios é a única epístola que trata da questão da glossolália. Não deveria isso decidir a questão? No livro de Atos, Lucas narra a história da igreja primitiva neo-testamentária. Seu propósito principal não é o de ensinar doutrina, mas relatar história. Então, pergunta-se, hermeneuticamente é justificável usar o livro de Atos como uma fonte primária para uma doutrina central da igreja - particularmente quando, segundo reconhece um proeminente escritor pentecostal⁵⁴, - a doutrina que pretende ver ensinada no livro de Atos não tem apoio no ensinamento de Paulo em I Coríntios?

Antes de deixar o material de Coríntios é necessário considerar um ponto mais. Justificam estes capítulos de I Coríntios o uso da glossolália com fins devocionais? Com freqüência os pentecostais⁵⁵ e neopentecostais sustentam isso. O segundo grupo não fomenta o falar em línguas em cultos da igreja, mas põe sua maior ênfase no valor da glossolália nas devocionais privadas e nas reuniões de pequenos grupos.

Em resposta, devemos reconhecer, em primeiro lugar, que Paulo não proíbe a glossolália. No entanto, ele recomenda a profecia acima das línguas, porque a profecia é de maior benefício para a congregação, e porque a lei do amor sugere que devemos estar mais desejosos de fazer o que beneficia à congregação mais do que o que nos beneficia apenas a nós mesmos. A pessoa que se vê mais preocupada em cultivar um dom pelo qual vai edificar a si mesma em vez de edificar a congregação seria culpável de um certo egocentrismo espiritual.

Ademais, deve-se observar que em nenhum lugar Paulo diz realmente a seus leitores que devem buscar o dom de línguas. Os pentecostais sempre assinalam I Coríntios 14:5a como quem ensina isso: "Eu quisera que vós todos falásseis em outras línguas". Mas esta primeira oração não deve ser separada de seu contexto. Ao lê-la junto com o resto do versículo, estas palavras deixam uma impressão completamente diferente: "Eu quisera que vós todos falásseis em outras línguas; muito mais, porém, que profetizásseis; pois quem profetiza é superior ao que fala em outras línguas..." e no versículo 39, aonde se resume toda a discussão, ainda que não proíbe as línguas, Paulo positivamente ordena a profecia: "Portanto, meus

⁵⁴ Brumback, obra citada, p. 320: "Em I Coríntios 12-14 não há a mais leve indicação que o dom de línguas esteja associado em nenhum sentido direto com o enchimento do Espírito Santo . . ." a edição castelhana de Brumback diz "Batismo" em vez de "enchimento".

⁵⁵ Por exemplo, Brumback pp. 349-358; Riggs, obra citada, p. 176.

irmãos, procurai com zelo o dom de profetizar e não proibais o falar em outras línguas”.

Brumback cita com aprovação I Coríntios 14:4: “O que fala em outra língua a si mesmo se edifica”, assinalando que justifica a glossolália para edificação pessoal⁵⁶. Mas o argumento enfático dos versículos 4-5, que deve ser tomados de forma completa, é fazer que o falar em línguas seja menos desejável que o profetizar: “O que fala em outra língua a si mesmo se edifica, mas o que profetiza edifica a igreja. Eu quisera que vós todos falásseis em outras línguas; muito mais, porém, que profetizásseis...”. Segundo esta passagem, a edificação de si mesmo é muito inferior à edificação da igreja; por isso deve-se buscar o dom que seja melhor.

Os pentecostais sempre citam I Coríntios 14:14, 15 para justificar o uso da glossolália com propósito devocional⁵⁷. No entanto, como vimos antes, provavelmente Paulo está discutindo o uso das línguas no culto público e não o uso devocional das línguas. Ademais, a interpretação mais provável do versículo 15 não é que Paulo favoreça o orar em línguas no culto da igreja, mas que favoreça o orar em uma língua conhecida, a fim de que seu espírito e sua mente estejam ativos.

Como temos visto, os pentecostais alegam que o que fala em línguas não entende o que está dizendo. Sobre a base do ensinamento geral da Escritura acerca da oração, alguém poderia perguntar se porventura temos alguma certeza de que a oração devocional em línguas é superior à oração devocional no idioma próprio de alguém. Que valor tem a oração em línguas na devocional privada se alguém nem sequer sabe que está pedindo? Na realidade, se alguém não sabe o que está dizendo no momento, como pode saber com certeza que está orando? A Bíblia nos ensina a orar pedindo coisas tais como o alimento (Mt. 6: 1 I), perdão de pecados (Mt. 6:12), sabedoria (Tg. 1: 15), fortalecimento (Ef. 3:16) e assim sucessivamente. Mas, como poderia alguém pedir especificamente estas coisas em oração se não sabe o que está dizendo quando ora? Quando Cristo ensinou a seus discípulos a orar, não lhes ensinou a orar em um idioma desconhecido; mas antes lhes deu um modelo de oração em um idioma que eles entendessem (Mt. 6:9-13; Lc. 11:24). Que base temos para chegar à conclusão de que uma oração que nós não entendemos possa ser superior à oração que nosso Senhor nos ensinou?

Concluimos que, ainda que Paulo nestes capítulos de I Coríntios atribui certo valor à glossolália, este valor fica cuidadosamente limitado. Estes capítulos não deixam a impressão de que a glossolália seja o sine qua non da maturidade cristã, o dom que é indispensável para uma devocional pessoal vibrante, quente, para a intercessão fervente ou para a vida cristã vitoriosa completa. A impressão predominante que alguém recebe do estudo cuidadoso destes capítulos é que se alguém está buscando antes os melhores dons, provavelmente não buscará a glossolália.

⁵⁶ Obra citada, pp. 204, 358.

⁵⁷ *Ibid.*, pp. 349.

CAPÍTULO 4

UMA AVALIAÇÃO TEOLÓGICA DO FALAR EM LÍNGUAS

Temos considerado certas passagens bíblicas acerca das quais os pentecostais baseiam a afirmação de que cada crente deverá buscar o batismo do Espírito Santo que inicialmente é evidenciado pela glossolália, e temos encontrado que a evidência bíblica que apelam não apoia o seu ensinamento. Agora, consideraremos a glossolália à luz dos ensinamentos de toda a Bíblia, e à luz da herança teológica do cristianismo histórico. Noutras palavras, assim como fizemos uma avaliação bíblica da glossolália, agora avaliaremos o movimento das línguas de um ponto de vista teológico. Farei esta análise por meio de uma série de afirmações que sintetizam juízos teológicos.

1. Não pode ser demonstrado conclusivamente que os dons milagrosos do Espírito, que incluem a glossolália, continuam na igreja.

Quando alguém examina a lista de dons espirituais que se encontra em I Coríntios 12:8-10 e 28, fica inteiramente claro que alguns destes dons eram de natureza milagrosa. Indubitavelmente, os “dons de curar” (*carísmata lamátom*, v. 9) e o de “operações de milagres” ou o “poder de fazer milagres” (BJ; no Gr. *energémata dunámeom*, v. 10) ficam dentro desta categoria e provavelmente vários outros. Na realidade, muitos escritores (como John Owen e Charles Hodge) afirmam que toda a lista de dons espirituais que se encontra em I Coríntios 12:8-10 consiste de dons sobrenaturais ou milagrosos. Uma distinção que freqüentemente se faz dentro da categoria dos dons espirituais é o de dons ordinários e extraordinários do Espírito. Quando consideramos a lista de dons dada em Romanos 12:6-8, por exemplo, ficamos com a impressão de que Paulo ali está enumerando os dons ordinários do Espírito, dons que não necessariamente incluem o elemento sobrenatural ou milagroso: profecia, ministério, ensinamento, exortação, contribuição, presidência e o exercício da misericórdia¹. É também significativo que noutra lista dos ofícios dados por Cristo à sua igreja, a de Efésios 4: 11, não são mencionadas as curas, milagres, línguas ou interpretação de línguas.

Pentecostais e não pentecostais reconhecem que o dom de línguas (assim como seu companheiro dom de interpretação de línguas) era um dom sobrenatural e extraordinário. e desde logo, isso imediatamente suscita a pergunta: Permanecem na igreja estes dons extraordinários do Espírito depois do período apostólico? John Owen, cujo “*Discurso sobre os Dons Espirituais*”, em sua obra monumental *Sobre o Espírito Santo*, é o tratamento mais completo que se pode encontrar sobre o tema, expressa a opinião da maioria dos teólogos conservadores quando diz:

¹ Se por profecia aqui se entende um dom milagroso que compreendia a capacidade de receber revelações diretas de Deus, seria uma exceção à declaração feita anteriormente. No entanto, é possível que a palavra profecia segundo se usa aqui signifique simplesmente o dom de pregar a palavra, posto que os demais dons mencionados no contexto imediato não são do tipo sobrenatural ou milagroso.

Tampouco temos testemunhos indubitáveis de que algum dos dons que eram verdadeiramente milagrosos, e que estavam acima das faculdades do homem, tenha sido comunicado a alguém depois da expiração do tempo da geração dos que conviveram com Cristo na carne, ou de quem receberam o Espírito Santo por seu ministério (*On the Holy Spirit*, pp. 474-475).

Em uma página posterior ele afirma que estes dons milagrosos foram necessários para permitir que o evangelho fosse ouvido, quando foi proclamado pela primeira vez, uma vez que os preconceitos dos homens apenas podiam ser vencidos por esta demonstração de poder milagroso.

Também podemos destacar a posição de Benjamim B. Warfield acerca dos dons milagrosos do Espírito ou *carísmata*, como com freqüência são chamados. Sustenta que estes dons especiais do Espírito foram dados para identificar os apóstolos como mensageiros de Deus. Os apóstolos não apenas tinham estes dons, tinham também autoridade para outorgá-los a algumas pessoas. Warfield continua dizendo que não há um caso registrado de que estes dons foram outorgados a alguém pela imposição de mãos de outra pessoa que não fora apóstolo². Em conseqüência, Warfield chega à conclusão de que estes dons terminaram na igreja depois da morte dos apóstolos:

Eles (estes dons milagrosos) eram parte das credenciais dos apóstolos como agentes autorizados por Deus na fundação da igreja. Sua função deste modo os confinava à igreja distintivamente apostólica, e necessariamente deixaram de existir com ela (*Warfield, Miracles Yesterday and Today -Milagres, Ontem e Hoje*, p. 21).

Agora, como respondem nossos amigos pentecostais a estas objeções contra a continuação das línguas? Já foi considerada a evocação deles a Marcos 16:17-18 e I Coríntios 12:28 para apoiar a posição de que o dom de línguas tinha o propósito de permanecer na igreja, e como foi visto, estas passagens não nos impulsionam a aceitar essa conclusão. Nesse sentido que Brumback afirma que não temos uma declaração conclusiva do Senhor de sua intenção de fazer que as línguas e outros poderes cessassem pouco depois do estabelecimento da igreja³. Isso é certo. Mas, é uma prova convincente? No sermão do monte, Jesus deu instruções acerca da forma adequada de levar ofertas ao altar - referência óbvia ao modo judaico de adoração. Em nenhuma parte lemos especificamente que ele aboliu o altar judeu e seus sacrifícios, no entanto, estamos seguros de que este modo de culto já não é requerido em nosso tempo. Ademais, em I Coríntios 12:28, aonde se menciona o dom de línguas, Paulo afirma que Deus estabeleceu apóstolos na igreja. No entanto, nossos amigos pentecostais estão de acordo em que esta passagem não nos obriga a afirmar que deve haver homens na igreja de hoje que tenham o ofício de apóstolo. Então, como podem estar seguros de que quando Paulo fala aqui de diversos gêneros de línguas temos que ter a certeza de que ainda há pessoas na igreja atual que possuem este dom especial do Espírito?

Eu creio que há algumas considerações de grande peso para sustentar que os dons especiais do Espírito, como o dom de línguas, já não operam na igreja de hoje. Vejamos algumas destas considerações⁴.

² O caso dos samaritanos é citado em particular para efeito de confirmação, uma vez que em Samaria os dons especiais do Espírito não foram outorgados até que os apóstolos tivessem descido de Jerusalém (Warfield, p. 23).

³ O que Quer Ser Isso?, pp. 65, 66.

⁴ Incidentalmente, não creio ser aceitável que alguém evoque em relação ao que ora se discute I Coríntios

A. Certas passagens da Escritura associam especificamente os dons milagrosos do Espírito com a obra dos apóstolos. A primeira destas a que dirigimos nossa atenção é Atos 14:3: “Entretanto, demoraram-se ali muito tempo, falando ousadamente no Senhor, o qual confirmava a palavra da sua graça, concedendo que, por mão deles, se fizessem sinais e prodígios”. Estas palavras descrevem as atividades de Paulo e Barnabé em Icônio durante a primeira viagem missionária de Paulo. Note-se que estes sinais e maravilhas foram concedidas por Deus a estes apóstolos⁵ com a finalidade de confirmar a mensagem do evangelho de que eram portadores. No grego o particípio dativo *didonti* (dando) segue ao particípio dativo *marturounti* (testificando) com o propósito de dar explicação. Noutras palavras, o sentido da oração é que Deus deu testemunho às palavras de sua graça concedendo sinais e prodígios por meio das mãos dos apóstolos. As maravilhas que os apóstolos fizeram eram um testemunho de Deus de que eram verdadeiramente mensageiros de Deus.

Como temos visto, a igreja de Corinto estava ricamente dotada de dons especiais do Espírito. É altamente significativo notar que Paulo em sua segunda carta aos Coríntios, provavelmente escrita pouco depois da primeira, diga: “Pois as credenciais do apostolado foram apresentadas no meio de vós, com toda a persistência, por sinais, prodígios e poderes miraculosos” (2 Co. 12:12). No contexto Paulo está defendendo seu apostolado. Para provar que verdadeiramente era um apóstolo, Paulo aqui lembra aos seus leitores os sinais, prodígios e milagres que foram feitos por meio dele, reivindicando para estas manifestações do poder do Espírito “credenciais do apóstolado”. Não sugere enfaticamente esta passagem que os dons especiais do Espírito não eram para que permanecessem na igreja, mas que se consistiam nas credenciais dos apóstolos, como Warfield afirma?

Encontramos outra referência à importância como credencial dos dons especiais em Romanos 15:15-19

Entretanto, vos escrevi em parte mais ousadamente, como para vos trazer isto de novo à memória, por causa da graça que me foi outorgada por Deus, para que eu seja ministro de Cristo Jesus entre os gentios, no sagrado encargo de anunciar o evangelho de Deus, de modo que a oferta deles seja aceitável, uma vez santificada pelo Espírito Santo. Tenho, pois, motivo de gloriar-me em Cristo Jesus nas coisas concernentes a Deus. Porque não ousarei discorrer sobre coisa alguma, senão sobre aquelas que Cristo fez por meu intermédio, para conduzir os gentios à obediência, por palavra e por obras, por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo; de maneira que, desde Jerusalém e circunvizinhanças até ao Ilírico, tenho divulgado o evangelho de Cristo.

Paulo aqui recorda aos irmãos de Roma que foi pela graça de Deus que foi feito ministro de Cristo aos gentios, e que portanto, gloria-se em Cristo Jesus mais do que em si mesmo. Segue recordando a seus leitores as coisas que Cristo operou por seu intermédio para conduzir os gentios à obediência “por palavra e por obras, por força de sinais e prodígios, pelo poder do Espírito Santo”. É claro que os sinais e maravilhas que se concederam que Paulo fizesse eram meios pelos quais Cristo lhe deu poder para conduzir os gentios à obediência, e assim foram

13:8: “as línguas cessarão”. Porque o mesmo versículo diz que também “cessarão as profecias e a ciência”, e o contexto posterior esclarece que o contraste aqui não é entre a idade apostólica e a era que segue, mas entre o período que está antes da segunda vinda e o que segue depois da segunda vinda, “quando virá o que é perfeito” (v. 10).

⁵ Barnabé também é chamado apóstolo no versículo 14.

inseparavelmente conectados ao seu ministério de apóstolo aos gentios.

Hebreus 2:3, 4 lança uma luz muito clara sobre a questão do propósito dos dons especiais do Espírito:

Como escaparemos nós, se negligenciarmos tão grande salvação? A qual, tendo sido anunciada inicialmente pelo Senhor, foi-nos depois confirmada pelos que a ouviram; dando Deus testemunho juntamente com eles, por sinais, prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo, segundo a sua vontade.

Segundo esta passagem, a palavra de salvação foi anunciada inicialmente pelo próprio Senhor Jesus Cristo. Logo foi confirmada ao escritor e aos leitores desta epístola pelos que ouviram o Senhor. Os “que a ouviram” pode-se referir aos apóstolos ou a um círculo mais amplo que os apóstolos; a referência a sinais e prodígios no versículo seguinte, no entanto, faz que seja muito provável uma referência limitada aos apóstolos. O tempo do particípio no versículo 4 que se traduz “testificando” é presente, indicando que o testemunho que se apresenta era contínuo. Agora, como Deus deu testemunho com os apóstolos acerca da autenticidade da mensagem do evangelho? Por meio de “sinais e prodígios e vários milagres e por distribuições do Espírito Santo” (v. 4). A palavra distribuições, literalmente, significa repartimentos (*merismois*); é claro que se refere aos diversos dons do Espírito como os descritos em I Coríntios 12, e sem dúvida inclui a glossolália. Então a função de todos estes dons especiais ou *carismatas* do Espírito é descrita aqui como de confirmação: Deus continuamente dava testemunho por meio destes dons, e portanto, confirmava a mensagem de salvação à segunda geração de leitores da Epístola aos Hebreus.

Das passagens que já temos discutido, aprendemos que o propósito e função dos dons milagrosos especiais do Espírito era confirmar os apóstolos como verdadeiros mensageiros de Deus, e deste modo confirmar o evangelho da salvação. Sendo este o caso, podemos entender por que estes sinais milagrosos tinham que ser tão importantes como evidência no tempo apostólico. Mas, sendo este o caso, também podemos entender por que estes sinais milagrosos deviam desaparecer quando os apóstolos desapareceram do cenário. Se os sinais milagrosos tinham o propósito de acreditar os apóstolos, já não eram necessários depois que os apóstolos cumpriram sua tarefa.

No entanto, os nossos amigos pentecostais apressam em dizer: estes dons milagrosos especiais do Espírito ainda são necessários para os fins de evangelização.

...A igreja, em seu estudo dos métodos de evangelização da igreja primitiva, tem passado por alto uma parte vital, isto é, a confirmação divina da mensagem com sinais milagrosos. O fato da igreja desde os dias apostólicos não buscar e receber tal confirmação tem sido um fator de importância em sua lentidão no cumprimento da Grande Comissão⁶.

Aqui argumenta-se que se uma igreja pode manifestar fenômenos milagrosos, tais como a glossolália, chamará muito mais atenção e será muito mais abençoada em seu programa evangelístico e missionário do que quando faltam estes fenômenos. No entanto, a resposta a esta pretensão é precisamente esta: a igreja atual já não necessita deste tipo de confirmação de sua mensagem. Nos dias dos apóstolos era necessário que a mensagem fosse confirmada por sinais

⁶ Brumback, obra citada, p. 387.

milagrosos. Mas atualmente temos a Bíblia completa, incluindo todo o Novo Testamento. Sustentar que a igreja ainda necessite dos sinais milagrosos para confirmar a mensagem do evangelho é, parece-me, desconhecer o caráter completo das Escrituras. As palavras de Abraão ao rico na parábola podem ser lembradas aqui: “Se não ouvem a Moisés e aos Profetas, tampouco se deixarão (os irmãos do rico) persuadir, ainda que ressuscite alguém dentre os mortos” (Lc. 16:31).

B. A forma como Paulo trata a glossolália em I Coríntios 12-14 sugere que este dom já não se necessita urgentemente na igreja. Como temos visto, Paulo conclusivamente rebaixa o dom de línguas nestes capítulos. A ênfase principal de sua discussão é que o dom de profecia deve ser buscado com maior fervor que o dom de línguas. Deixa bem claro que nos cultos públicos da igreja deve-se preferir a profecia ao invés do dom de línguas. Ainda que permite um uso restringido da glossolália no culto, todavia esse falar em línguas deve ter interpretação. Uma pessoa que estude com cuidado esta carta logo compreenderá, pelas declarações de Paulo, que a congregação seria mais edificada se qualquer mensagem fosse dada por meio de profecia do que se fosse veiculada por meio de línguas, e que portanto ficaria muito melhor sem a prática de falar em línguas e logo a interpretação seria simplesmente eliminada.

No diz respeito a testificar a pessoas de fora da igreja, Paulo diz que as línguas são um sinal, não para os que crêem, mas para os que não crêem. Assim a glossolália tem algum valor ao testemunhar a autenticidade da mensagem do evangelho ante os incrédulos. Mas ainda com o propósito de testificar aos incrédulos, Paulo segue dizendo nestes capítulos que a profecia é superior às línguas. Porque é muito mais provável que um incrédulo seja levado à fé por meio da profecia do que por meio das línguas (14:24,25).

Não estou sustentando que Deus não poderia haver continuado com o dom da glossolália na igreja, se essa fosse a sua vontade. Apenas estou dizendo que o valor muito limitado que Paulo atribui a este dom em I Coríntios 12-14 sugere que parecia haver escassas razões para que este dom continuasse.

C. O fato de não haver referências à glossolália nas demais epístolas do Novo Testamento à parte de I Coríntios também sugere fortemente que este dom não foi dado com o propósito de que permanecesse na igreja. Se Deus tivesse a intenção de conservar a glossolália na igreja, particularmente se este dom fosse servir de canal condutor de ricas bênçãos à igreja, seria de esperar que houvesse referências a respeito noutras epístolas do Novo Testamento além da de I Coríntios. mas não encontramos tais referências. Ainda que em I Coríntios Paulo discute a glossolália, como vimos, ele não volta a referir-se a ela em outra epístola sua. Pelo livro de Atos sabemos que todos os apóstolos falaram em línguas no dia de Pentecostes. No entanto, não encontramos referência alguma à glossolália nas epístolas escritas por Pedro, Tiago, João, Judas e o autor de Hebreus. Ainda que há muitas referências nessas epístolas à obra do Espírito, o testemunho do Espírito e o fruto do Espírito, não há referências à glossolália.

Ademais, é altamente significativo que a habilidade de falar em línguas não se menciona entre os requisitos de diáconos e anciãos ou bispos em I Timóteo 3:1-13 e Tito 1:5-9. Certamente, se o dom de línguas tinha que ficar na igreja, alguém esperaria encontrá-lo entre os requisitos de quem iria ocupar os ofícios na igreja. O fato de que as epístolas pastorais que acabamos de mencionar foram escritas muito

depois de I Coríntios, sugere que já por este tempo a glossolália poderia ter desaparecido da igreja.

D. A ausência quase total da glossolália na história da igreja do ano 100 até 1900 d.C. é muito dificilmente compatível com a pretensão de que Deus queria que o dom de línguas permanecesse na igreja. Já vimos outrora que há muito poucos relatos de glossolália na história da igreja daqueles anos. Alguns relatos que temos são de duvidosa autenticidade; outros tem a ver com grupos que eram definitivamente heréticos como os montanistas. Ainda quando todos os casos de glossolália atribuídos a este período pudessem ser verdadeiros, os grupos que praticaram a glossolália ainda seriam poucos e muito esparsos no do tempo de uns e de outros. Simplesmente, não se pode negar que, falando em geral, a glossolália era virtualmente desconhecida nos grupos mais representativos do cristianismo até aproximadamente 1900.

Compreendo que o argumento da história não é completamente convincente. Desde logo, é concebível que Deus, por razões que ele bem conhece, decidiu privar à igreja da glossolália durante dezoito séculos e então, no princípio do Século XX, haja restaurado novamente este dom à igreja. Mas quando os pentecostais sustentam que uma igreja que não tem manifestações de línguas carece de uma das mais ricas fontes de bênçãos previstas por Deus para seu povo⁷, nos sentimos confundidos pelo imenso abismo que existe na história da glossolália. Se o falar em línguas é uma bênção tão grande como nossos irmãos pentecostais sustentam, porque esteve virtualmente ausente da igreja entre os anos 100 e 1900? Empobreceu Deus deliberadamente a seu povo?

As considerações apresentadas sugerem fortemente que os dons milagrosos do Espírito, tais como a glossolália, já não existem na igreja de hoje. Podem nossos amigos pentecostais provar de forma conclusiva, pelas Escrituras e pela história da igreja, que estes dons milagrosos ainda estão conosco?

2. A doutrina distintiva das denominações pentecostais que é básica em seus ensinamentos sobre a glossolália, a saber, que todo crente deve buscar um batismo do Espírito Santo posterior à conversão, não tem base nas Escrituras.

Já temos visto que as passagens do livro de Atos as quais os pentecostais comumente apelam não apoiam esta doutrina. Recebe esta doutrina apoio de outras passagens das Escrituras? Pelo contrário, o ensinamento de que uma pessoa regenerada ainda tem que passar por um batismo do Espírito em virtude do qual recebe a plenitude do Espírito está baseada em uma má compreensão da obra do Espírito. Quando o Espírito nos regenera, entra em nossas vidas, não como um poder mas como uma pessoa. Paulo expressa este pensamento de forma muito clara em Romanos 8:9: "Vós (o regenerado, o crente), porém, não estais na carne, mas no Espírito, se, de fato, o Espírito de Deus habita em vós". Paulo agrega na oração seguinte: "E se alguém não tem o Espírito de Cristo, esse tal não é dele". Noutras palavras, se alguém pertence a Cristo, tem o Espírito de Cristo, e se tem o Espírito de Cristo, o Espírito está habitando nele. Agora, que mais pode fazer o Espírito do que habitar nele? Por que haveria de ser necessário que o Espírito seja

⁷ Ibid., pp. 349, 388-399.

outorgado sobre a pessoa numa “segunda bênção” ou “segunda obra de graça” ou “batismo do Espírito” quando o Espírito já está morando dentro do crente? O mesmo ensina I Coríntios 3:16: “Não sabeis que sois santuário de Deus e que o Espírito de Deus habita em vós??”

Na realidade, em nenhum lugar do Novo Testamento encontramos os crentes pedindo tal batismo do ou no Espírito Santo, e em nenhum lugar encontramos os apóstolos dando mandamento aos discípulos no sentido de buscar o dito batismo. Mas sim encontramos Paulo dizendo aos Gálatas: “Se vivemos no Espírito, andemos também no Espírito” (Ga. 5:25). A implicação é clara: nascemos de novo, temos o Espírito, uma vez que somente o Espírito pode nos regenerar. Se é assim, argumenta Paulo, então no mesmo Espírito ou pelo mesmo Espírito em quem vivemos devemos caminhar. Paulo não diz: “para esperar o batismo do Espírito para que podeis caminhar nele”. Ele diz: “Andeis de forma mais completa no Espírito ou pelo Espírito que vós já tendes, que já vos foi dado no coração novo, com o qual vós já vives”.

Sem dúvida é verdade que necessitamos lutar continuamente para ter uma maior plenitude do Espírito. Mas isso não significa que depois de termos sido regenerados devemos esperar que o Espírito seja quem tome o próximo passo. Mas antes, se me permite expressá-lo assim, o próximo passo cabe a nós: devemos render-nos mais plenamente ao Espírito que já habita conosco⁸. Essa, como temos visto, é a ênfase de Efésios 5:18: “E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito”. O presente do imperativo, *plerousthe*, significa “sede continuamente cheios”, “permaneçais sendo cheios”. A passagem assinala uma luta de toda a vida, não por uma experiência de um momento. Tampouco Paulo implica com isso que os leitores da Epístola aos Efésios ainda não tivessem o Espírito, porque em 1: 13 havia escrito: “... tendo nele também crido, fostes selados com o Santo Espírito da promessa”.

Portanto, ainda que não quiséssemos, temos que chegar à conclusão de que a teologia do pentecostalismo neste particular está baseada mais sobre a experiência do que sobre a Escritura. Russell T. Hitt, editor de Eternity (Eternidade) expressa assim:

Todo ensinamento deve ser julgado por nós pela Palavra de Deus. Muitos que tem tido recentemente uma experiência pentecostal tem problemas para dar uma explicação bíblica adequada para o que tem ocorrido. Ao invés disso testificam de uma experiência, e levantam um estranho esquema doutrinal baseado no livro dos Atos para apoiar a duvidosa doutrina do “batismo do Espírito” (*Eternity*, julho 1963, página 7).

Mas não podemos basear a doutrina primariamente na experiência. Tenho ouvido os mórmons dizerem que se convenceram que Joseph Smith era um verdadeiro profeta de Deus porque tiveram uma maravilhosa experiência espiritual na religião mórmon. Se a experiência é básica para a doutrina, como se poderia provar que os mórmons estão em erro, ou, o que se poderia dizer dos budistas, hindus ou muçulmanos?

⁸ Aqui não pretendo sugerir que podemos nos render a nós mesmos de forma mais completa ao Espírito por nossas próprias forças. Nós podemos fazer isso somente pelo poder de Deus (Jo. 15:5; Fil. 4:13). Mas meu argumento é: não necessitamos esperar uma experiência adicional de batismo do Espírito Santo antes de nos rendermos completamente ao Espírito.

3. A teologia do pentecostalismo ensina erroneamente que uma bênção espiritual deve ser atestada por um fenômeno físico.

Diz-se que falar em línguas é a evidência física inicial de haver sido batizado com o Espírito Santo. Mas, como pode um sinal físico ser a prova de um estado espiritual? Os pentecostais assinalam quatro casos no livro de Atos em que o falar em línguas demonstrou que o Espírito havia sido recebido em sua plenitude (ainda que no caso dos samaritanos não se menciona o falar em línguas), mas estes casos estiveram associados com Pentecostes ou com uma extensão de Pentecostes, como temos visto; e, ademais, há muitos casos no livro de Atos onde não se faz menção das línguas, e isso em casos em que se nos diz que as pessoas foram cheias do Espírito Santo. Ademais, ainda os pentecostais reconhecem que o falar em línguas ocorrido em Corinto não tinha relação direta alguma com o ser cheios do Espírito⁹. Então, como podem nossos amigos pentecostais afirmar com tanta certeza que a glossolália é atualmente a evidência indispensável do batismo do Espírito?

Ora, não ensina a própria Bíblia que a prova de ser cheio do Espírito não é física, mas espiritual? Paulo diz acerca disso em Gálatas 5:22-23 “Mas o fruto do Espírito é: amor, alegria, paz, longanimidade, benignidade, bondade, fidelidade, mansidão, domínio próprio”. Um dos maiores perigos do pentecostalismo e do neopentecostalismo, parece-me, é que a pessoa chega a estar cada vez mais preocupada por dons do Espírito e cada vez menos pelo fruto do Espírito. Pelo lado negativo, o nosso Senhor mesmo disse, contudo, que profetizar ou operar milagres em si não provam que uma pessoa está verdadeiramente cheia do Espírito

Muitos, naquele dia, hão de dizer-me: Senhor, Senhor! Porventura, não temos nós profetizado em teu nome, e em teu nome não expelimos demônios, e em teu nome não fizemos muitos milagres? Então, lhes direi explicitamente: nunca vos conheci. Apartai-vos de mim, os que praticais a iniquidade (Mt. 7:22-23).

Nessa diretriz Santo Agostinho escreveu as seguintes palavras há mais de 1500 anos, que são tão adequadas agora como o foram então:

Nos primeiros tempos o Espírito Santo caiu sobre os que creram, e eles falaram em línguas que não haviam aprendido, “segundo o Espírito lhes dava que falassem”. Estes eram sinais adaptados para o tempo... Então, agora o testemunho da presença do Espírito não é dado por meio destes milagres. Por que meio é dado? Como chega alguém a saber que tem recebido o Espírito Santo? Que Ihe pergunte ao seu próprio coração se ama ao seu irmão, o Espírito de Deus mora nele (Homilia sobre I João).

4. No pentecostalismo está implícita uma espécie de subordinação de Cristo ao Espírito Santo que não está em harmonia com a Escritura.

Notamos anteriormente que Ralph M. Riggs descreve o batismo do Espírito Santo com palavras que implicam uma espécie de subordinacionismo:

Esta experiência (de batismo do Espírito) é tão distinta da conversão como o Espírito Santo é distinto de Cristo. Sua vinda (a do Espírito) sobre o crente no batismo é a vinda da Terceira Pessoa da Trindade, após a vinda de Cristo, que

⁹ Brumback, obra citada, p. 320.

ocorre na conversão¹⁰.

O que é o que Riggs diz aqui? Que a conversão é somente a vinda de Cristo, mas que o batismo do Espírito é a vinda do Espírito Santo. Se alguém não tem chega ao pedestal mais elevado da escalada espiritual até que venha receber o batismo do Espírito, é evidente que recebeu somente a Cristo e ficou apenas num subnível espiritual.

Noutro lugar, este mesmo escritor, depois de explicar que o Espírito Santo é o Diretor Pessoal da igreja, pergunta:

Como podemos viver e atuar efetivamente sem nosso Cabeça e Líder designado por Deus? Que desconcertante e frustrante é para o plano e propósito de Deus se nós não cooperarmos desde o começo de nossa experiência cristã recebendo a plenitude do batismo do Espírito Santo¹¹.

A implicação é clara: se alguém não recebeu o batismo do Espírito, está vivendo sem o Líder estabelecido por Deus. Pode receber a Cristo no momento da conversão, mas todavia está sem Líder! Ter somente a Cristo no coração é ter um cristianismo inferior, de segunda categoria!

Quanta diferença do que a Bíblia ensina! Cristo ensina de outro modo: “Ele (o Espírito Santo) me glorificará, porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar” (Jo. 16:14). Exaltar a obra do Espírito é digno de louvor, mas exaltar o Espírito acima de Cristo é um erro comparável com a subordinação de Cristo ao Pai de que eram culpáveis os antigos arianos.

O comentário de Kurt Hutten é acertado:

A teologia pentecostal tem absolutizado a doutrina do Espírito Santo ... Ao fazê-lo nega o testemunho da Escritura. Porque, segundo as Escrituras, o Crucificado e Ressuscitado é e segue sendo o centro que domina e penetra todo o demais. E segundo a Escritura, Cristo e o Espírito Santo não podem ser separados; a obra de um não pode distinguir-se da do outro em qualidade ou categoria. Não há obra do Espírito Santo fora da cruz; apenas há uma obra do Espírito sob a cruz (Seher, Gruebler, *Enthusiastem*, p. 520).

5. A teologia do pentecostalismo tende a criar dois níveis de cristãos: os que tem recebido o batismo do Espírito e os que não o tem recebido.

Os pentecostais deixam bem claro que a pessoa que não recebeu o batismo do Espírito Santo não chegou ao nível de cristão em toda sua plenitude, os escritores pentecostais fazem uma clara distinção entre batismo do Espírito e conversão¹² e entre batismo do Espírito e santificação¹³. Somente as pessoas batizadas no Espírito, dizem, tem sido seladas com o Espírito¹⁴ e tem o penhor do Espírito¹⁵. O batismo do Espírito é descrito como o poder que vem do alto - poder

¹⁰O Espírito Mesmo p. 81.

¹¹Ibid., p. 83.

¹² Ibid., p. 81.

¹³ P. C. Nelson, Doutrinas Bíblicas.

¹⁴ Riggs., p. 75.

¹⁵ Ibid., p. 76.

que é chamado o sine qua non do serviço cristão¹⁶. Isso implicaria que as pessoas que não tem recebido o batismo do Espírito - a grande maioria dos que se denominam cristãos - não tem um poder adequado para o serviço cristão. Um escritor pentecostal descreve o batismo do Espírito como a vinda do equipamento divino para a batalha contra o diabo¹⁷; a implicação disto é tem-se a impressão que o vasto exército de cristãos ordinários, não pentecostais, saem precipitadamente à batalha como soldados sem preparação e sem armas.

Uma pequena reflexão revelará o quão devastador pode ser este ponto de vista do cristianismo de dois níveis para a unidade da igreja. Não estou acusando os pentecostais de dizerem que uma pessoa não pode ser salva sem o batismo do Espírito Santo, mas o que estou observando é que sua teologia deixa uma grande multidão de cristãos ordinários, e um pequeno grupo de cristãos muito especiais. Isso é muito pouco fiel às Escrituras. Paulo diz em Gálatas 3:28: "Dessarte, não pode haver judeu nem grego; nem escravo nem liberto; nem homem nem mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus". No entanto, os pentecostais deveriam interromper Paulo neste ponto: "Mas, Paulo, esqueceste da distinção entre cristãos que são batizados no Espírito e os que não o são?" Ainda mais, sugerir que somente as pessoas batizadas pelo Espírito são seladas com o Espírito, tem o penhor do Espírito, e tem sido equipadas com poder do alto, é dizer que há uma grande quantidade de passagens do Novo Testamento que realmente não tem mensagem para a imensa maioria dos crentes desde os dias apostólicos.

6. A teologia do pentecostalismo implica que a igreja tem estado sem condutor, sem poder adequado, sem a plena luz, e sem uma experiência cristã completa desde os fins do Século I até o princípio do Século XX.

H. J. Stolee, em *Speaking in Tongues* (Falando em Línguas), originalmente publicado em 1936, diz:

Sempre tem sido uma característica dos movimentos fanáticos o ignorar e ainda negar a continuidade do cristianismo. O decorrer dos séculos é considerado virtualmente como um fracasso total.

É triste dizer-lo, mas tal tendência também é evidente no pentecostalismo. Antes vimos que, segundo os escritores pentecostais, a razão pela qual a glossolália desapareceu quase totalmente da igreja nos séculos que se estendem entre 100 d.C. e 1900 foi a falta de fé por parte do povo de Deus. Observemos mais de perto este assunto. Carl Brumback alega que ainda que Deus pôde ter feito aos homens responsáveis pela verdade do batismo do Espírito durante toda a era da história da igreja desde a idade apostólica, não aplicou estritamente suas normas durante todo o período porque seu povo, pelo pecado e o fracasso, havia-se feito incapaz de conformar-se com ditas normas¹⁸. Muitas verdades do Novo Testamento estiveram totalmente eclipsados durante a Idade Média¹⁹. Estas verdades em parte foram

¹⁶Ibid., p. 82.

¹⁷ Ibid., p. 84.

¹⁸Brumback, obra citada, p. 325.

¹⁹Ibid., p. 335.

restauradas pela Reforma, mas a Reforma não foi completa²⁰. Certas porções da verdade ficaram escondidas para os reformadores, esperando outro momento para sua revelação plena. Entre as grandes verdades que não foram completamente reveladas aos reformadores estava a doutrina do batismo do Espírito Santo²¹. Em princípios do Século XX, Deus considerou oportuno devolver esta verdade à Igreja²². Antes do Século XX a experiência dos santos pós-apostólicos não esteve à altura das normas bíblicas, porque não tinham “um batismo pleno do Espírito Santo, não tinha um caráter milagroso e não estava acompanhado com línguas”²³.

O que isso quer dizer é que durante 1800 anos de história da igreja (com poucas e pequenas exceções) toda a igreja não logrou desfrutar a plenitude da experiência cristã que Deus tinha o propósito de conceder a seus filhos. Isso significa que gigantes como Calvino e Lutero não alcançaram a tamanha fé que os pentecostais têm hoje. Isso significa, como temos visto, que durante todos estes séculos a igreja esteve realmente sem condutor, sem todo o poder para o serviço, e sem a plena luz da verdade divina. Não apenas isso, mas que grande parte da igreja atual está similarmente impedida, posto que ainda não aceita esta última verdade que Deus tem revelado. A conclusão iniludível parece ser que somente os pentecostais estão com plena possessão da verdade divina; os demais permaneceremos em trevas parciais até que estejamos dispostos a aceitar seus ensinamentos.

No entanto, não nega esta doutrina que o Espírito Santo haja dirigido continuamente a sua igreja durante dezoito séculos de história eclesiástica? Esta pretensão, não faz periclitamente a verdade da universalidade da igreja de Jesus Cristo? Não implica que somente os pentecostais são o verdadeiro povo de Deus, cheio do Espírito? Uma coisa é admitir que todos os crentes não alcançam fazer a vontade de Deus e a entender completamente sua revelação, mas é completamente distinto pretender que o grupo a que alguém pertence é o único que tem a verdade neste assunto, enquanto todos os demais estão no erro.

Poderia alguém ainda perguntar se as observações feitas se aplicam aos neopentecostais ou mesmo que aos pentecostais. Desde logo, não temos nenhum livro sistemático em doutrina em que os neopentecostais exponham o que tem em comum. Sem dúvidas, há matizes de opinião entre os neopentecostais como os há entre os pentecostais.

É muito possível que muitos neopentecostais não compartilhem da posição comum dos pentecostais de que a glossolália é a evidência indispensável de que alguém recebeu o batismo do Espírito Santo. Se é assim algumas das considerações apresentadas não se aplicariam a eles. Mas como temos demonstrado, ainda a posição de que a glossolália é uma evidência de que alguém é cheio do Espírito Santo está em condições de ser seriamente posta em dúvida.

No entanto, devemos lembrar que o neopentecostalismo surgiu do pentecostalismo; portanto, é de esperar que nas questões que compreendem a importância e significado da glossolália os neopentecostais tenham muito em

²⁰ Ibid., p. 335.

²¹ Ibid., p. 335.

²² Ibid., p. 336.

²³ Ibid., pp. 337-338.

comum com os pentecostais. Ademais, temos notado que uns quantos neopentecostais proeminentes tomam a posição comum dos pentecostais quanto às línguas. Ainda temos visto uma declaração oficial da junta de diretores da Sociedade da Bendita Trindade que afirma que o batismo do Espírito Santo é confirmado pela glossolália²⁴. Portanto, pareceria provável que a maioria dos neopentecostais, até aonde tem pensado o assunto, tomem a mesma posição dos pentecostais quanto à importância da glossolália. Até onde este seja o caso, os comentários feitos neste capítulo se aplicam tanto aos neopentecostais quanto aos pentecostais.

²⁴Veja-se o capítulo 2

CAPITULO 5

O QUE PODEMOS APRENDER DO MOVIMENTO QUE FALA EM LÍNGUAS

A julgar pelo que temos aprendido acerca das doutrinas pentecostais até aqui, poder-se-ia ficar com a impressão de que nossa resposta ao pentecostalismo e ao neopentecostalismo deveria ser completamente negativa. No entanto, como se tem dado a entender antes, há muitas coisas que podemos aprender deste movimento. Portanto, neste último capítulo quero destacar os aspectos positivos do pentecostalismo e do neopentecostalismo, para ver que desafio tem apresentado o movimento da glossolália à igreja de hoje.

Um dos aspectos mais notáveis, e para os não pentecostais o mais assombroso, do movimento das línguas é o fato de que muitas pessoas que tem começado a falar em línguas informam que esta experiência lhes tem sido uma fonte de grandes bênçãos espirituais. Por exemplo, Carl Brumback, falando pelos pentecostais, afirma que há poucos exercícios espirituais mais edificantes para o indivíduo que o dom de línguas usado nas devocionais privadas¹. O artigo 7 da Declaração de Verdades Fundamentais das Assembléias de Deus afirma que ao batismo do Espírito Santo, do qual a glossolália é a evidência inicial, segue-se uma mais profunda reverência a Deus, uma intensificada consagração a Deus e dedicação a sua obra, um amor mais ativo por Cristo, por sua Palavra e pelos perdidos. Norton Kelsey informa que as sete pessoas cujas experiências de glossolália descreve em seu livro *Tongue Speaking* (Falar em Línguas) declararam que esta experiência era uma das mais valiosas de que tivera. Frequentemente se diz-se que as experiências que culminam com a glossolália tem transformado a vida das pessoas. Periódicos como Trindade e Voz estão cheios de testemunhos pessoais de indivíduos que dizem que tem recebido um novo impulso na vida espiritual por meio da glossolália.

Que diremos acerca de tudo isso? Como podemos explicar a explosão das línguas da atualidade? Como vamos explicar o novo vigor espiritual que a glossolália parece ter introduzido nas vidas de tantas pessoas?

V. Raymond Edman, ex-presidente de Wheaton College, resumiu muito bem o assunto quando disse que existem apenas três possibilidades: a glossolália atual é do diabo, ou é um dom genuíno do Espírito, ou é um fenômeno que sem ser primariamente inspirado pelo diabo ou pelo Espírito, tem sido induzido psicologicamente.

É possível que a glossolália que vemos na atualidade tenha sido instigada demoniacamente? Certamente não podemos descartar de todo esta possibilidade, Satanás, como Lutero dizia, é o “macaco imitador de Deus”, que constantemente vive imitando as obras genuínas do Espírito. Sabemos por 2 Coríntios 11: 14 que Satanás estava ocupado ainda em Corinto: “O próprio Satanás se transforma em anjo de luz”. Até os pentecostais admitem que às vezes o falar em línguas que se pratica nas igrejas pode ser uma algaravia fanática produto da carne e não do

¹O que quer ser isso?, p. 349.

Espírito². Sempre que a glossolalia contribui para o orgulho, que conduz a orgias emocionais nas quais todo o domínio próprio é lançado aos ventos, e se provocam amargas discórdias entre os cristãos que se devem conduzir como um em Cristo - certamente o diabo tem sua mão metida nessa situação.

Ainda que reconheça que a glossolalia pode ser demoniacamente induzida, sinto-me inclinado a estar de acordo com Edmam que este não é normalmente o caso. Que diria então acerca da segunda possibilidade, isto é, que a glossolalia da atualidade seja um dom genuíno do Espírito? Novamente, não podemos descartar completamente esta possibilidade. Nós não vamos limitar o Espírito dizendo que é impossível que ele outorgue o dom de línguas na atualidade. Quem sabe o que Espírito tem guardado para a sua igreja? Quem sabe que dons do Espírito podem ser dados no futuro para capacitar à igreja ante novos desafios específicos?

De pronto, concedemos que Paulo não proíbe o uso da glossolalia em I Coríntios 12-14. Também devemos admitir que o dom de línguas tinha certo valor para Paulo e para a igreja daquele tempo; ainda Paulo foi levado a dar graças a Deus porque falava línguas mais do que todos os coríntios (14:18). Certamente Paulo jamais diria isso se a glossolalia não tivesse algum valor.

No entanto, se o dom de línguas como dom especial do Espírito está na igreja na atualidade é uma questão discutível. Num capítulo anterior apresentei algumas das razões pelas quais creio que devemos ter sérias dúvidas acerca da continuação da glossolalia como um dom especial do Espírito; não tenho a intenção de repetir aqui essas razões. Se as línguas como um dom estivesse na igreja de hoje, os pentecostais não teriam direito de sustentar que a possessão deste dom, ainda como sinal físico inicial, prova de que alguém tem recebido a plenitude do Espírito. Se o dom estivesse ainda presente, as muitas restrições com que Paulo rodeia seu uso em I Coríntios 14 implicam que a glossolalia está longe de ser tão importante como os pentecostais pensam que é, e que de nenhum modo é o *sine qua non* da maturidade espiritual. E fica a desconcertante pergunta: Como podem os pentecostais e neopentecostais estarem seguros que o que se pratica nos círculos que falam em línguas é o mesmo dos dias do Novo Testamento? Sabemos exatamente qual era a glossolalia praticada pelos coríntios? Se não sabemos isso, como pode alguém estar seguro que o que se pratica nos grupos que falam em línguas é exatamente o mesmo que ocorria nos dias do Novo Testamento?³

Sinto-me inclinado a concordar com Donald S. Metz que a glossolalia que hoje vemos em sua maior parte, não é inspirada diretamente pelo Espírito de Deus, nem diretamente induzida pelos demônios, mas uma reação humana que tem sido psicologicamente induzida. Esta também parece ser a posição de George B. Cutten, reconhecida autoridade em glossolalia, que disse: "Até onde tenho conhecimento, não existe um só caso de falar em línguas estranhas que haja sido estrita e cientificamente investigado, que não possa ser explicado por leis psicológicas reconhecidas". No mesmo sentido há uma declaração do psiquiatra Stuart Bergsma, superintendente do Hospital Cristão Pine Rest, em Grand Rapids, Michigan. Depois de mencionar uma quantidade de experiências que lhe haviam auxiliado na realização de uma avaliação da glossolalia, diz: "Todas estas experiências me

²Ibid., p. 310.

³ Parece particularmente difícil manter esta identidade quando se tem em conta os muitos séculos em que a glossolalia esteve virtualmente ausente da igreja.

deixam com a convicção de que especialmente a glossolalia pode ser psicologicamente explicada e não é, em geral, um fenômeno espiritual". Outro psiquiatra cristão dá uma avaliação similar em um artigo em que analisa o fenômeno da glossolalia:

O produto de nossa análise é a demonstração dos mecanismos muito naturais que produzem a glossolalia. Como fenômeno psicológico, a glossolalia é fácil de produzir e prontamente compreensível (E. Mansell Pattison, "Speaking in Tongues and about Tongues" - Falando em Línguas e sobre Línguas, Christian Standard, Fev.15,1964).

Se as análises anteriores estão corretas, surge a pergunta: quais são os mecanismos psicológicos que operam na glossolalia? Quando refletimos no fato de que a glossolalia no passado ocorreu fora da religião cristã e ainda se dá noutras culturas, não é surpreendente que também se tenha introduzido nos círculos cristãos. O estímulo emocional que por vezes induzem as línguas nos círculos não cristãos poderia também ocasionar a glossolalia entre os cristãos. Deve-se reconhecer que o falar em línguas nem sempre se produz em uma situação que esteja altamente carregada no emocional e que poderia dar-se numa aprazível atmosfera devocional; mas ainda nessas circunstâncias debaixo da superfície poderia estar em atividade poderosas forças emocionais. Pode-se entender a atração que o misterioso tem em uma era que é eminentemente racional. É possível que grande parte da glossolalia nos grupos não pentecostais na atualidade represente uma reação emocional contra um tipo de pregação friamente intelectual ou contra uma liturgia estereotipada e formalista.

Também há outras possibilidades. L. M. Van Eetveld Vivier, em uma tese de doutorado sobre a glossolalia, informa que submeteu à provas um grupo de pentecostais que falavam em línguas e achou que haviam tido "um princípio próprio de vida psicologicamente pobre, caracterizado pela insegurança, conflito e tensões". Russel T. Hitt é da opinião de que muitos dos que têm experimentado o assim chamado "batismo do Espírito" esteja sofrendo profundos problemas pessoais e familiares, ou estão emocionalmente perturbados por suas próprias vidas espirituais. Para tais indivíduos o falar em línguas poderia prover uma válvula de escape para os problemas perturbadores, algum modo de obter um prestígio que de outro modo lhes resultaria inacessível.

Também podemos entender bem que a psicologia da sugestão poderia ter um grande papel na indução da glossolalia. Quando alguém pertence a um grupo em que se espera que os mais adiantados espiritualmente falem em línguas, quando se aplica muita pressão emocional na busca do dom de línguas, quando os que buscam o dom de línguas recebem instrução no sentido de que relaxem a língua repetindo "glória, glória, glória, gló, gló, glória, aleluia, glória" e coisas semelhantes, certamente seria estranho que alguém não começasse a fazer o que todos esperam.

Mansell Pattison lança uma luz que ajuda muito acerca dos mecanismos psicológicos que podem estar em ação na glossolalia:

A linguagem é um fenômeno complexo que inclui elementos conscientes, voluntários e padrões inconscientes, automáticos em circuitos psicológicos e fisiológicos. Todos estamos conscientes de que existem distorções de linguagem que são freqüentes. Quando estamos excitados gaguejamos, esquecemos o que estamos dizendo, dizemos algo distinto do que queríamos (*lapsus linguae*), ou ficamos sem fala... Às vezes quando começamos a falar nos sentimos confundidos e se nos trava a língua e dizemos um punhado de sons e sílabas. As pessoas que falam em sonhos com freqüência emitem uma algaravia ininteligível. O mesmo ocorre com os

pacientes que estão sob o efeito de sedativos ou de anestesia, ou em coma parcial. Todos estes exemplos indicam que há aberrações em nossos padrões usuais e normais da linguagem. Podemos observar que se nossa atenção é distraída do que estamos dizendo podemos seguir falando sob o controle de mecanismos inconscientes que poderiam ou não produzir uma linguagem inteligível. Qualquer um de nós poderia “falar em línguas” se adotasse uma atitude passiva quanto ao controle de nosso corpo e da linguagem e tivéssemos uma tensão emocional que estivesse pressionando por expressar-se. Um exemplo familiar é o riso explosivo e contagioso de um grupo que chega ao ponto em que cada um é “demasiado débil para deixar” de rir. Tentar falar enquanto alguém ri deste modo tem como resultado vocalizações que tem todas as características da glossolalia (Speaking in Tongues and About Tongues - Falando em Línguas e sobre Línguas- p. 2).

O doutor Pattison encontra paralelos à glossolalia em certos tipos de situações clínicas:

... Posso agregar minhas próprias observações em experiências clínicas com pacientes neurológicos e psiquiátricos. Em certos tipos de desordens cerebrais que são resultado de ataques, tumores cerebrais, etc., o paciente fica com certas desorganizações em seus padrões automáticos e físicos dos circuitos da linguagem. Se estudarmos estes pacientes afásicos, podemos observar a mesma decomposição da linguagem que ocorre na glossolalia. Decomposições similares se observam nos padrões de pensamento e linguagem do esquizofrênico, que é [sic] estruturalmente como o da glossolalia.

Pode-se entender que estes dados demonstram que os mesmos padrões de linguagem se dão quando o controle consciente e voluntário da linguagem se vê interferido por danos no cérebro, ou psicoses ou por uma renúncia passiva ao controle da linguagem pela vontade, isso confina nossa asseveração anterior de que a glossolalia é um padrão estereotipado de conduta vocal controlada inconscientemente e que aparece sob específicas condições emocionais⁴.

A conclusão a que chega o Dr. Pattison é que a glossolalia pode ocorrer quando algo interfere no controle consciente e voluntário da linguagem, e que no presente é um acompanhante regular de intensas experiências emocionais estáticas.

Mas se poderia perguntar, se a glossolalia na atualidade em sua maior parte não é um dom do Espírito, mas um fenômeno psicologicamente induzido, como explicamos os benefícios espirituais que se pretendem haver recebidos dessa prática? Deve-se observar, em primeiro lugar, que as línguas nem sempre tem trazido bênção espiritual, e que há casos registrados em que quem passou pelo dom de línguas mais tarde isso foi reconhecido como um engano, ou onde primeiro se pensou que era do Espírito mais tarde foi atribuído à carne. Já temos anotado a referência de Warfield a Robert Baxter da Igreja Católica Apostólica, que reconheceu que as línguas em que ele e outros falaram procediam de um espírito mentiroso e não do Espírito do Senhor. C. H. Darch, de Taunton, Inglaterra, conta de um homem que uma vez disse ter o dom de línguas, mas que mais tarde lhe disse: “Agora estou convencido de que não tive nada disso”. D. Robert Lindberg, graduado do Seminário Teológico Dallas, que foi missionário na China durante alguns anos e agora é pastor da Igreja Presbiteriana Ortodoxa, conta que uma vez

⁴ Nesta conexão, é importante notar que pelo menos dois lingüistas competentes, depois de analisar mossas de glossolalia gravadas em fitas magnéticas, chegaram a conclusões idênticas: o que ouviram não são idiomas reais mas formas de linguagem extática, com uma peculiar estrutura baseada em consonantes e com um muito limitado uso de vogais, que não tem semelhança com nenhum idioma falado na terra.

buscou e experimentou o que foi chamado dom de línguas. Ainda que no momento sentisse algo de gozo e emoção da quais outros haviam falado, mais tarde foi constrangido a reavaliar sua experiência. Depois de aclarar que não está criticando pessoas, mas movimentos, e depois de haver afirmado que não deseja negar que alguém haja tido uma experiência transformadora por meio da glossolalia, segue dizendo que agora está convencido que o movimento das línguas não é de Deus, mas que tem “em seu coração um falso misticismo que é contrário à palavra de Deus”. Depois de dar sete razões para emitir este juízo, conclui afirmando que a glossolalia que observamos na atualidade não é de origem divina, mas é o resultado de “auto sugestão, auto induzida - piedosa, sim, mas errada e não bíblica”.

Tenho em meus arquivos uma carta pessoal de alguém que foi pastor pentecostal durante nove anos. Durante estes anos falou em línguas, considerando sua experiência inicial de glossolalia como uma evidência do batismo do Espírito Santo. Depois chegou à convicção de que a ênfase particular do movimento pentecostal não tinha apoio bíblico; deixou a igreja pentecostal, e se fez ministro noutra denominação. Agora está seguro de que o falar em línguas que praticou no passado foi inteiramente da carne e não do Espírito. Escreve:

Eu não creio que as línguas tenham valor algum como exercício devocional, porque tenho provado isso em minha própria vida, porque minha devoção é mais espiritual agora que deixei de falar em línguas. Também meu ministério tem sido mais espiritual e frutífero desde que deixei a igreja pentecostal, e não tenho desejo de regressar.

Também afirma que nunca viu que as línguas foram legitimamente usadas como dom na igreja durante os anos que foi ministro pentecostal. “Houve ocasiões em que a gente falou em línguas na igreja, mas nunca se trouxe edificação a todo o grupo”.

No entanto, como temos notado anteriormente, muitas pessoas dizem que tem tido genuínas bênçãos espirituais por meio da glossolalia, e alguns sustentam ainda que a experiência tenha transformado suas vidas. Como podemos explicar estas afirmações? Creio que temos a resposta em duas afirmações feitas por duas pessoas que já temos citado. O Dr. Pattison, ao final de sua análise da glossolalia, faz o seguinte comentário:

“a glossolalia não tem valor espiritual intrínseco Poderia ser o adjunto psicológico de uma significativa experiência espiritual, mas deve ser considerada somente como incidental no alcance de metas espirituais” (obra citada, p. 2).

As palavras significativas aqui são: “Poderia ser o companheiro psicológico de uma significativa experiência espiritual”. A outra declaração é da carta do ex-pastor pentecostal:

Na avaliação da glossolalia em minha própria vida, diria que foi inteiramente da carne na análise final. No entanto, as muitas horas que passei sinceramente buscando ao Senhor foram de muita bênção.

Aqui vemos novamente expressado o mesmo pensamento, por uma pessoa que falou em línguas durante nove anos: ainda que a própria glossolalia não fosse de ajuda espiritual, a busca do Senhor que acompanhou ou precedeu à glossolalia o foi. Da mesma carta cito o seguinte:

A ênfase na oração tem trazido o calor da fé e experiência cristã ao povo pentecostal, coisa que muitas vezes falta em nossas igrejas. Penso que a maior parte do êxito do movimento carismático de hoje se deve a uma revolta contra o

frio engessamento do ensinamento ortodoxo que não aprecia a vida do Espírito.

Aqui novamente se diz que o que foi benéfico não foi o falar em línguas, mas a ênfase na oração que está inserida.

Penso que agora estamos em condições de ver como a experiência da glossolalia pode ser uma fonte de bênçãos reais para o povo. Quando esta é a situação - e não nego que muito freqüentemente pode ser o caso - sugeriria que o que é realmente a fonte da bênção espiritual não é a glossolalia como tal, mas o estado característico em que ocorre o que se diz que é a evidência, ou a disciplina espiritual que a tem precedido. Se um cristão tem buscado honestamente ser mais cheio do Espírito do que antes era, e se tem rendido mais completamente às indicações do Espírito, isso tem que trazer recompensa espiritual. Se um cristão tem estado mais tempo em oração que antes, buscando sinceramente seu enriquecimento espiritual, isso tem que produzir seus frutos. Ademais, quando uma pessoa começa a falar em línguas em um pequeno grupo neo-pentecostal, este fenômeno é a culminação de uma experiência de comunhão cristã, de estudo bíblico, e oração em um círculo estreito de amigos espiritualmente inclinados - experiência que tem que ser proveitosa. Noutras palavras, podemos dar razão do proveito ou das bênçãos espirituais experimentadas nestes casos deixando completamente de lado a glossolalia. Não estou pondo em dúvidas a sinceridade dos irmãos cristãos que tem tido estas experiências, nem a autenticidade de seu crescimento espiritual; somente estou dizendo que é muito possível que a chave destas bênçãos não tem sido a glossolalia mesmo, mas a busca de uma maior plenitude do Espírito que a precedeu.

Voltemos agora à pergunta com que começamos este capítulo: Qual é o desafio do pentecostalismo para a igreja de hoje? Certamente este turbilhão de línguas tem algo a dizer à igreja de hoje! A igreja jamais deve ficar satisfeita consigo mesma; sempre deve continuar confessando sua pobreza espiritual e seus fracassos. Em movimentos como o pentecostalismo e o neopentecostalismo podemos ouvir a voz de Deus. Se não houver fracassos na igreja, estes movimentos jamais encontrariam base.

Agora, quais são algumas das lições que o movimento pentecostal tem nos ensinado ao resto da igreja? Permitam-me enumerar algumas:

(1) A igreja de hoje necessita desesperadamente uma ênfase mais forte na necessidade de sermos constantemente cheios do Espírito do Deus vivo. Sem esse Espírito, toda sua ocupação, sua organização e todo seu equipamento não terão poder.

(2) A igreja deve ter uma maior preocupação do que antes por satisfazer as necessidades emocionais do homem. Não que devamos ir aos extremos encontrados nalgumas igrejas pentecostais aonde, é de temer, a excitação emocional às vezes é confundida com espiritualidade, e aonde o êxito do serviço às vezes é julgado pela altura que tem alcançado o fervor emocional. O emocionalismo excessivo não glorifica a Deus; "tudo, porém, seja feito com decência e ordem" (1 Coríntios 14:40). Mas o homem tem um lado emocional, e a igreja não deve descuidá-lo. Se perdermos as inescrutáveis riquezas de Cristo com a animação fúnebre que o locutor de uma rádio dá o informe do tempo, provavelmente conseguiremos que as pessoas abandonem a vida da igreja. Os que deixam uma denominação para unir-se a outra, normalmente não o fazem por questões doutrinárias, mas porque a igreja

que estão deixando não satisfaz algumas de suas necessidades básicas. Quem não assiste à igreja de sua vizinhança não será atraído por igrejas que são frias como o gelo ou por pregadores que são secos como poeira.

(3) Na igreja deveremos dar mais lugar à espontaneidade e mais lugar à resposta dos assistentes do que o que agora se acostuma. Não estou defendendo uma liturgia de “santa desordem”, mas o que estou dizendo é que um culto de igreja que se caracteriza pelo que Andrew Blackwood do Princeton Seminary chamava “imperfeição, insipidez e monotonia” não será de muita ajuda para as pessoas. Por que tem que ser sempre o mesmo indivíduo o centro do serviço litúrgico? Por que não pode haver mais intervenções do auditório? Se a ênfase corrente na execução especial dos hinos por umas poucas vozes treinadas traz um decréscimo na ênfase do encontro com o verdadeiro sentimento espiritual por toda a congregação, estamos realmente fazendo um progresso litúrgico, ou estamos retrocedendo?

(4) Também podemos aprender de nossos irmãos pentecostais e neopentecostais a importância da oração e do fato de nossa constante dependência de Deus. Em nossos fortificados castelos eclesiásticos, substituímos às vezes as reuniões de juntas, comitês, e de negócios por reuniões de oração? Tiago não teria uma palavra para nós: “não tendes, porque não pedis”?

(5) Podemos aprender de novo a importância de estar dispostos a testificar de nosso Senhor em todo tempo, e a necessidade de um maior zelo missionário. Os pentecostais normalmente não têm medo de testificar, e seus empreendimentos missionários de longo alcance deixam envergonhados a muitos outros grupos cristãos. Como vimos anteriormente, estima-se que o número de missionários pentecostais nos campos missionários na década de 1950 era três vezes e meia maior que a cifra estimada normal dentro do mundo protestante. Verdadeiramente o Senhor está falando à igreja de nosso tempo por meio deste movimento.

(6) Dos neopentecostais, particularmente, podemos aprender de novo o valor das reuniões de grupos pequenos para o estudo da Bíblia, a oração e a comunhão cristã. Em essas reuniões alguém se sente estimulado a entrar na vida de seus irmãos cristãos de um modo noutras circunstâncias seria quase impossível em nossas grandes e muito dispersas congregações urbanas. Os pequenos grupos de comunhão deste tipo podem proporcionar uma das melhores formas em que a igreja de nosso tempo pode enfrentar o problema da vida crescentemente impessoal.

Muito mais se poderia dizer acerca destas coisas. Apreciamos o cálido espírito evangélico de nossos irmãos pentecostais. Apreciamos sua posição teológica conservadora e sua oposição ao liberalismo teológico⁵. Apreciamos seu enorme zelo evangelizador, na pátria como no estrangeiro, e sua exemplar preocupação por estender-se o evangelho.

No entanto, neste ponto, quisera retornar ao primeiro ponto mencionado, nossa necessidade de estarmos mais cheios do Espírito de Deus. Nenhum de nós negaria que esta é a maior necessidade da igreja de hoje - a chave mais importante para a vida cristã vitoriosa e para o testemunho cristão radiante. Este é o

⁵ Se bem que se deve lembrar que há denominações pentecostais, como a Igreja Pentecostal Unida (Só Jesus), que são unitários, negando que há três Pessoas na Trindade. No entanto, a maioria das denominações pentecostais repudiam este ensinamento.

verdadeiro coração do pentecostalismo. A ênfase nesta verdade bíblica pelo movimento moderno das línguas é a contribuição mais importante ao mundo cristão contemporâneo - contribuição pela qual nos sentimos profundamente agradecidos.

Quero fazer justiça a esta dívida. A igreja tem frequentemente se confrontado com o perigo de esquecer a importância do ministério do Espírito e nosso tempo não é exceção nisso. Todos os que estudamos ou ensinamos teologia deveríamos estar dispostos a admitir que a doutrina da pessoa e obra do Espírito Santo não tem sido tratada de forma tão completa como, por exemplo, o tem sido a da obra de Jesus Cristo. As obras teológicas mais ambiciosas sobre o Espírito Santo que se tem escrito até agora são as de John Owen, puritano inglês, e Abraham Kuyper, o calvinista holandês, escritas em 1674 e 1888 respectivamente. Poderíamos dar um tratamento melhor a este tema vital, que possa levar em conta os recentes acontecimentos bíblicos e teológicos. Portanto, sentimos gratidão pelos pentecostais e neopentecostais por terem avivado a preocupação da igreja pela obra e o ministério do Espírito Santo.

No entanto, como se tem evidenciado, tenho sérias dificuldades com muitos ensinamentos pentecostais sobre o Espírito Santo. Não vejo que a Bíblia ensine que os crentes necessitam esperar um "batismo do Espírito" antes que possam desfrutar da plenitude do Espírito Santo. Na realidade, este ensinamento pode ser muito prejudicial. Ajuda, ou é uma perturbação, dizer a um cristão que espere o Espírito para fazer algo, quando realmente o passo seguinte, no que diz respeito a fruir a plenitude do poder do Espírito, cabe ao crente mesmo?⁶ Na realidade, a doutrina acerca de que alguém deve ficar esperando o batismo do Espírito, não poderia dar aos crentes uma desculpa pré-fabricada para deixar de lado toda a rendição ao Senhor por um longo período? (Lembre-se do homem que havia sido um "buscador" durante dez anos). Ademais, não se introduz uma confusão total quando se ensina aos crentes que a menos que falem em línguas lhes falta a prova mais importante de que tem recebido a plenitude do Espírito? Em contrapartida, se apenas a habilidade de falar em línguas é exaltada como prova positiva de que alguém recebeu a plenitude, não estará este ensinamento favorecendo certo tipo de relaxamento posterior ao batismo do Espírito Santo? Não existe o perigo muito real de que os cristãos que recebem o pretendido batismo do Espírito possam agora começar a pensar que tendo "chegado lá" espiritualmente, não necessitam mais "seguir adiante"?

Aqui queremos chamar a atenção do leitor para um livreto muito útil do qual tenho tido um grande proveito, *O Batismo e a Plenitude do Espírito Santo*, de John R. Stott. Este livreto contém a substância de uma mensagem dada na Conferência Eclesiástica de Islington em 7 de janeiro de 1964. Ainda que vá de encontro com a posição de que todo crente deve experimentar um batismo do Espírito Santo, posterior à conversão e evidenciado pela glossolalia, o Dr. Stott reconhece que muitos cristãos necessitam estar mais cheios do Espírito do que estão.

O argumento é este: ainda que os cristãos recebam o Espírito no momento da conversão, não permanecem necessariamente cheios do Espírito. Podem afastar-se da vontade de Deus e podem chegar a serem orgulhosos, contenciosos, desamorosos ou indulgentes consigo mesmos. Em tais casos, necessitam da

⁶ Aqui não se afirma que alguém pode render-se mais completamente ao Espírito por sua própria força, sem ajuda. Apenas estou dizendo que a Bíblia não ordena aos crentes que esperem um batismo do Espírito depois da conversão; mais bem lhes ordena que sigam andando no mesmo Espírito em quem vivem (Gál. 5:25).

recuperação da plenitude do Espírito que tinham quando se converteram. Bem, poderia ser verdade em muitos de nós na atualidade que ainda que tenhamos o Espírito Santo, o Espírito Santo não nos tem a nós. Então, como podemos ser mais cheios do Espírito? A resposta a esta pergunta é fácil de enunciar, mas difícil de executar: rendendo nossas vidas de forma mais completa ao Espírito.

Por exemplo, consideremos a ensinamento de Efésios 5:18-21:

E não vos embriagueis com vinho, no qual há dissolução, mas enchei-vos do Espírito, falando entre vós com salmos, entoando e louvando de coração ao Senhor com hinos e cânticos espirituais, dando sempre graças por tudo a nosso Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, sujeitando-vos uns aos outros no temor de Cristo.

Esta passagem deixa bem claro que a evidência de estar cheios do Espírito não é um sinal milagroso como a glossolalia, mas que consiste em certas qualidades e atividades espirituais. Segundo esta passagem, como revela alguém que está cheio do Espírito? (1) "Falando entre vós com salmos e hinos e cânticos espirituais" - provável referência à atividade de adorar juntos a Deus; (2) entoando e louvando de coração ao Senhor⁷ - o crente cheio do Espírito se deleitará cantando com o coração os louvores a Deus; (3) "dando sempre graças por tudo ao Deus e Pai, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo"; e (4) submetendo-nos "uns a outros no temor de Cristo" - o cristão cheio do Espírito é caracterizado não por fazer valer seus direitos, mas pela submissão de si mesmo. Então, estas são as marcas de que uma pessoa está cheia do Espírito.

Voltando a considerar o mandamento "enchei-vos do Espírito", notamos três coisas a respeito⁸:

(1) O verbo está no plural "sede todos vós cheios do Espírito" (*pleroúthe*). Portanto, o ser cheios do Espírito não é um privilégio reservado a uns poucos; todos os crentes têm que estar cheios. "A plenitude do Espírito Santo, como a sobriedade e o domínio próprio, é obrigatória, não é opcional⁹.

(2) O verbo está na voz passiva: "enchei-vos do Espírito"¹⁰. O pensamento é: deixe que o Espírito te encha. Como podes fazer isso? Obviamente, rendendo-se completamente ao Espírito. O Espírito não é uma substância que se possa colocar dentro de alguém; ele é uma Pessoa que vive dentro do crente, e nós podemos ser cheios dele somente rendendo-nos mais a ele e a sua bendita influência. Outras passagens da Escritura lançam luz sobre a forma que se deve realizar essa rendição: "se vivemos no Espírito" (Gál. 5:25); "pois todos os que são guiados pelo Espírito de Deus são filhos de Deus" (Rom. 8:14); "não andamos segundo a carne, mas segundo o Espírito" (Rom. 8:4); "não apagueis o Espírito" (1 Ts. 5:19); "e não entristeçais o Espírito de Deus, no qual fostes selados para o dia da redenção" (Ef. 4:30).

(3) O verbo grego está no tempo presente. Tendo em vista que o tempo presente em grego significa ação contínua, a ênfase específica do imperativo presente é indicar que algo que já começou deve continuar ou que algo que ainda

⁷É boa esta tradução de ARA/SBB "de coração", que sugere que este louvor pode ser até silencioso. O grego permite também a tradução "com os vossos corações".

⁸ Com muita gratidão reconheço minha dívida ao Sr. Stott por estas observações sobre esta passagem (Obra citada, pp. 30-31).

⁹Ibid., p. 31.

¹⁰ Realmente, o verbo poderia ser voz média ou passiva, mas aqui se ajusta melhor ao sentido a voz passiva.

não começou deve ser feito desde agora em diante como uma ação contínua. Portanto, o mandamento poderia ser traduzido do modo seguinte: “continues sendo cheios com o Espírito Santo” ou “sede continuamente cheios do Espírito”. “O presente do imperativo “enchei-vos do Espírito...” indica não alguma experiência dramática ou decisiva que solucionará de uma vez por todas o problema, mas indica uma aprovação contínua”¹¹.

Note-se que as pessoas a quem se dirige esta epístola são aquelas que já estão seladas pelo Espírito segundo se disse anteriormente (1:13; 4:30). Em cada uma destas duas passagens o verbo que se traduz selados está no tempo aoristo, que em grego denota uma ação simples que se faz de uma vez por todas. Como vimos anteriormente, não temos direito de restringir este selo do Espírito a certos crentes em distinção dos demais; todo crente foi selado pelo Espírito, e, portanto foi marcado como pertencente ao povo de Deus. Ao comparar Efésios 1: 13 e 4:30 com 5:18, chegamos a saber que ainda que todo crente tem sido selado com o Espírito Santo, nem todo o crente permanece cheio do Espírito. Os crentes que têm sido selados com o Espírito devem ser exortados a ser continuamente cheios do Espírito.

Por certo, isso não é modo algum uma coisa fácil. O presente imperativo nos ensina que não podemos em hipótese alguma pretender que temos recebido este enchimento de uma vez para sempre. Na realidade, o ser cheios continuamente do Espírito é o desafio de toda uma vida. Apenas a oração contínua, o uso continuado e fiel dos meios de graça, e a vigilância constante permitirão ao crente manter-se continuamente cheio do Espírito.

No entanto, há outras passagens das Escrituras que lançam mais luz sobre esta questão de ser cheios continuamente do Espírito. Pensemos, por exemplo, no ensinamento de Paulo no capítulo 5 de Gálatas. O argumento principal de todo o capítulo é que o povo de Deus no Novo Testamento, em distinção dos crentes do Antigo Testamento, já não necessita estar rodeado de uma rede de leis que cobre cada possível contingência moral, cerimonial e espiritual, porque agora tem que caminhar no Espírito que tem sido derramado sobre a igreja. Na realidade, este é o coração da liberdade cristã descrita em Gálatas: viver por princípio sob a direção do Espírito Santo, e à luz da Palavra de Deus. Agora notemos o que Paulo diz em 5:16: “Digo, porém: andai no Espírito e jamais satisfareis à concupiscência da carne”. O tempo grego da palavra traduzida andai é presente, denotando uma ação continuada: “seguis andando no Espírito”. Isso não é algo que devemos fazer ocasionalmente, certos dias da semana, ou quando estamos com certo tipo de pessoas, mas todo o tempo. A vida não pode ser dividida em departamentos sagrados e seculares; toda a vida é sagrada.

No entanto, alguém poderia perguntar: O que significa andar no ou pelo Espírito? Eu diria que significa duas coisas: viver sob a direção do Espírito, e viver pela força do Espírito. Viver sob a direção do Espírito significa esperar no Espírito, perguntando que é o que o Espírito quer que façamos, aonde que o Espírito quer que vamos. Isso inclui o estudo diário das Escrituras, uma vez que o Espírito não nos guiará a menos que pela Palavra. As supostas revelações diretas do Espírito jamais devem ser exaltadas acima da Palavra escrita, nem devemos esperar simplesmente receber uma espécie de mística “luz interior”. Quanto melhor

¹¹Ibid., p. 31.

conhecemos a Bíblia, melhor fruirmos o caminhar no Espírito. Negativamente, caminhar no Espírito é calar o clamor das vozes da carne, reprimir a energia da parte carnal, restringir todo impulso até que se haja provado o que é de Deus. Positivamente, caminhar no Espírito significa ser guiados por ele, prestar-lhe atenção a cada momento (à medida que ele se revela na Palavra), render-se a ele continuamente. Como a agulha da bússola que se volta para o norte, assim nossas vontades deverão voltar-se para o Espírito regular e habitualmente.

Viver pela força do Espírito significa apoiar-se nele para receber o necessário poder espiritual. Significa crer que o Espírito pode dar-nos a força adequada para cada necessidade, pedindo esse poder em oração sempre que o necessitarmos e usando esse poder pela fé na vida cotidiana. A única maneira que podemos caminhar no Espírito é mantermos em contato contínuo com ele. A diferença entre um aparelho de rádio movido à pilha ou a bateria e o que se conecta à corrente elétrica é que este último sempre deve ser conectado com a fonte de poder para que funcione. Deus nos dá força não segundo o princípio da pilha ou bateria, mas segundo o princípio da conexão à corrente elétrica; necessitamos dele em cada momento.

Quando andamos continuamente no Espírito, podemos pedir o cumprimento da promessa “jamais satisfareis à concupiscência da carne”. Este não é um segundo mandamento; é uma promessa. Deus sabe quão fácil é ainda para o crente cair em modos carnis de vida e de pensamento. Mas aqui está a promessa: se andarmos no Espírito, não satisfaremos os desejos carnis. Porque estes dois se opõem como o fogo e a água. É impossível combater o pecado com apenas dizer-lhe não; quanto mais se luta com um limpador de chaminé, mais sujo fica. Não devemos ser vencidos do mal, mas temos que vencer com o bem o mal.

Portanto, de Gálatas 5:16 aprendemos novamente que ser cheios do Espírito é muito mais que uma experiência de um momento instantâneo que um homem pode ter tal ou qual dia, às 10:45 da noite. Trata-se antes de um andar com Deus que dura toda uma vida, e que inclui uma dependência vitalícia da direção e da força do Espírito.

Consideremos mais uma passagem do Novo Testamento que se relaciona com isso, Romanos 12:1, 2:

Rogo-vos, pois, irmãos, pelas misericórdias de Deus, que apresenteis o vosso corpo por sacrifício vivo, santo e agradável a Deus, que é o vosso culto racional.

E não vos conformeis com este século, mas transformai-vos pela renovação da vossa mente, para que experimenteis qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus.

Nos capítulos anteriores desta epístola, Paulo apresenta de uma maneira magistral o caminho da salvação pela fé em Cristo. Nos versículos mencionados, que se inicia a seção de vida prática da epístola, Paulo resume numa oração magnífica todo o dever do redimido: “Rogo-vos”, diz, “pelas misericórdias de Deus” – as mesmas misericórdias que de forma comovedora e inspirada é descrita nos capítulos anteriores “que apresenteis vosso corpo por sacrifício vivo”. A palavra apresenteis, usada comumente para descrever a ação de levar um sacrifício ao sacerdote do templo, faz recordar a imagem de um fiel que conduz uma ovelha ou um bezerro ao átrio do templo, com a finalidade de oferecer como sacrifício a Deus. Atualmente, diz Paulo, vós que sois crentes do Novo Testamento, ainda sois chamados a oferecer sacrifício a Deus. Apenas que os sacrifícios que vós deveis

oferecer já não são os sacrifícios sangrentos prescritos pela lei do Antigo Testamento - estes foram todos abolidos. Os sacrifícios que deveis oferecer são vossos próprios corpos. Deveis oferecer vossos corpos a Deus de forma tão completa, tão irrevogavelmente como os fiéis do Antigo Testamento ofereciam os carneiros ou bezeros no templo. Uma vez que tendes dado vossos corpos a Deus, não podeis retornar pedindo-os de volta. Esta oferta é uma transação de uma vez para sempre; é uma decisão que determina o curso de uma vida¹².

Ainda que esta oferta deva ser apresentada de uma vez para sempre, no entanto, envolve um processo contínuo de transformação. Isso depreendemos do versículo 2. Aqui são usados dois imperativos, ambos em tempo presente, o primeiro na forma de proibição, o segundo na forma de um mandamento positivo. "Não vos conformeis com este século", e Paulo prossegue, "mas transformai-vos pela renovação da vossa mente". Não sigais sendo moldados por este mundo - de modo que alguém tenha que usar uma lente de aumento para notar a diferença entre vós os cristãos e a gente do mundo. Não sigais tentando ser como são os vossos vizinhos e amigos mundanos, o que evita que sejais destacados da multidão deste mundo, ou que pensem que sois de mente estreita ou exótica. Mas sede continuamente transformados pela renovação de vossa mente. Isto é, deixem que em vós haja uma gloriosa novidade! Que haja novos motivos, novas metas, novos propósitos, novos valores e novos motivos de deleite! Sejais cada vez mais distintos do mundo que os rodeia - o mundo de egoísmo, de cobiça, de concupiscências, de loucura pelo dinheiro. Porque esta transformação não é algo que ocorre instantaneamente; é um processo dinâmico que toma toda a vida. Cada ano, cada dia, cada hora, a transformação deve seguir. Somente o poder de Deus pode produzir isso. Somente pela oração perseverante podeis seguir sendo transformados cada vez mais à imagem de Cristo.

Então, que aprendemos de Romanos 12:1,2? Primeiro, aprendemos que deve haver uma rendição de uma vez para sempre na qual apresentamos nossos corpos a Deus como sacrifício vivo, para que por nosso meio seja feita sua vontade, esta rendição deve ter ocorrido no momento da conversão. No entanto, pode ocorrer que uma pessoa que pensa que se converteu ainda na pouca idade se dê conta de que realmente nunca havia se rendido a Deus antes, e, portanto o faz mais tarde na sua vida. Não seria adequado chamar isso de uma experiência de pós-conversão uma vez que a primeira experiência não foi uma experiência de conversão genuína. Outra possibilidade é muito mais comum. Os cristãos que se tem convertido verdadeiramente podem se encontrar em períodos de relaxamento espiritual, de modo que necessitam de vez em quando render-se novamente a Deus. Tais experiências, no entanto, deverão ser confirmações ou reafirmações de decisões feitas antes, não seria justo chamar a tais reafirmações "batismos com o Espírito" uma vez que as Escrituras ensinam que o Espírito mora dentro do crente desde o momento da regeneração e da conversão. Portanto, o argumento de Romanos 12: 1 é que deve haver uma rendição de nosso ser a Deus de uma vez por todas, ainda que esta rendição tenha que ser reafirmada de vez em quando.

No entanto, este não é o encerramento da questão. Mediante Romanos 12:2 sabemos que não apenas deve haver uma rendição decisiva de nossos corpos a Deus, mas que deve haver uma transformação continua de nossas vidas, uma

¹²O tempo do verbo traduzido por "apresenteis" é aoristo, implicando que é uma ação que se realiza de uma vez para sempre.

renovação diária de nossa mente, um provar a cada instante de qual seja a boa, agradável e perfeita vontade de Deus. Depois que alguém tem oferecido seu corpo a Deus como um sacrifício vivo, não pode ficar dormindo sobre os lauréis; deve continuar seguindo nessa rendição por meio de uma vida sacrificial cotidiana. Portanto, ter de reiteradamente nos render a Deus e sermos cheios do Espírito não é uma experiência de um momento na forma de crise, mas uma disciplina espiritual que compreende toda uma vida de esforço de consagração em oração, estudo e meditação da Palavra e participação em outros meios de graça.

Não podemos neste ponto nos acharmos num terreno comum com nossos irmãos pentecostais e neopentecostais? Damos graças a Deus por tudo o que ele tem feito por seu Espírito Santo nos corações e vidas destes irmãos cristãos na forma de uma maior devoção a Cristo, de um testemunho mais fervoroso do seu amor, e de um andar mais íntimo com Deus. No entanto, não estarão eles de acordo conosco em que não importa que experiências alguém tenha tido, não importa que "batismos do Espírito" creiam haver recebido, não importa que dons espirituais tenha exercido, nunca poderiam nesta vida dizer que por fim tem chegado ao alvo? Não é a vida cheia do Espírito Santo um desafio para toda a vida? E não deveríamos todos seguir dizendo o que um homem cheio do Espírito Santo, escrevendo sob a inspiração do Espírito, disse de forma tão eloqüente: "Uma coisa faço: esquecendo-me das coisas que para trás ficam e avançando para as que diante de mim estão, prossigo para o alvo, para o prêmio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus"?

BIBLIOGRAFIA

LIVROS

Obras escritas por pentecostais:

BRUMBACK, Carl. Que Quer Ser Isso? Resposta pentecostal a uma pergunta pentecostal. Miami, Florida: Editorial Vida, 1960.

CONN, Charles W. Pillars of Pentecost. (Colunas de Pentecostes). Cleveland, Tenn.: Pathway Press, 1956.

GEE, Donald, *A Respeito dos Dons Espirituais (Concerning Spiritual Gifts)*. Editora Vida - Deerfield, Flórida - 1987.

NELSON, P. C. *Doutrinas Bíblicas*. Uma Exposição das Declarações de Verdades Fundamentais das Assembléias de Deus. Editora Vida - Deerfield, Flórida - 1975.

RIGGS, Ralph M. O Espírito Mesmo. Miami, Florida: Editorial Vida, 1974.

ROBERTS, Oral. The Baptism with the Holy Spirit and the Value of Speaking in Tongues Today. (O Batismo do Espírito Santo e o Valor do Falar em Línguas Hoje). 96 pp. Tulsa, Okla.: Oral Roberts, 1964.

STILES, J. E. The Gift of the Holy Spirit (O Dom do Espírito Santo). Burbank, Calif.: Mrs. J. E. Stiles, sem data.

WILLIAMS, Ernest S. Systematic Theology (Teologia Sistemática). 3 volumes. Springfield, Mo.: Gospel Publishing House, 1953.

Obras escritas por não pentecostais:

ANDERSON, Robert. Spirit Manifestations and "The Gift of Tongue?" (Manifestações do Espírito e o Dom de Línguas). 31 pp. Nova York: Loizeaux Brothers.

BAUMAM, Louis S. The Tongues Movement (O Movimento das Línguas). 47 pp. Winona Lake: Brethren Missionary Herald Co., 1963.

BERKHOF, Hendrikus. A Doutrina do Espírito Santo. Buenos Aires: a Aurora, 1969.

CUTTEN, George Barton. Speaking with Tongues (Falar em Línguas): Consideração histórica e psicológica. New Heaven: Yale University Press, 1927.

FORGE, James Norman. The Doutrine of Miracles in the Apostolic Church (A Doutrina dos Milagres na Igreja Apostólica). Aula magistral inédita, Seminário Teológico de Dallas, 1951.

HAYES, D. A. The Gift of Tongues (O Dom de Línguas). New York: Eaton and Main, 1913.

KELSEY, Morton T. Tongue Speaking (O Falar em Línguas). Um experimento em a experiência Espiritual. New York: Doubleday, 1964.

KORNET, A. G. De Pinksterbeweging en de Bijbel (O Movimento Pentecostal e a Bíblia). Kampen: Kok, 1963.

KRAJEWSKI, Ekkehard. Geistesgabem (Dons do Espírito). Comentário de I Coríntios 12-14. 64 pp. Kassel: J. G. Onken, 1963.

KUYPER, Abraham. *The Work of the Holy Spirit (A Obra do Espírito Santo)*. Grand Rapids: Eerdmans, 1956.

LOMBARD, Emile. *De la Glossolálie chez les Premiers Chrétiens et des Phenomenes Similaires (A glossolálie entre os primeiros Cristãos e outros Fenômenos Similares)*. Lausanne: Bridel, 1910.

MACKIE, Alexander. *The Gift of Tongues (O Dom de Línguas)*. New York: George H. Doran, 1921.

MARTIN, Ira Jay, II. *Glossolalia in the Apostolic Church (Glossolálie na Igreja Apostólica)*. Investigação sobre o dom de línguas. Berea, Key.: Berea College Press, 1960.

MCCONKEY, James H. *The Three-Fold Secret of the Holy Spirit. (O Tríplice Segredo do Espírito Santo)* Pittsburg: Silver Publishing Society, 1897.

METZ, Donald, *Speaking in Tongues: an Analysis (Falar em Línguas: uma Análise)*. Kansas City: Nazarene Publishing House, 1964.

MOLENAAR, D. *De Doop Met de Heilige Geest (O batismo do Espírito Santo)*. Kampen: Kok, 1963.

MOSIMAN, Eddison. *Das Zungenredem geschichtlich unde psychologisch untersucht (Uma Investigação Histórica e Psicológica da Glossolálie)*. Tübingen: J. C. B. Mohr, 1911,

OWEN, John. *On the Holy Spirit (Sobre o Espírito Santo)*. 2 tomos. Philadelphia: Protestant Episcopal Book Society, 1862.

SHERRILL, John L. *They Speak with Other Tongues (Eles Falam em Outras Línguas)*. New York: Me Graw-Hill, 1964.

STOLEE, H. J. *Speaking in Tongues (Falando em Línguas)*. Minneapolis: Augsburg Publishing House, 1963 (Reimpressão de *Pentecostalism (Pentecostalismo)*, 1936).

STOTT, John R. W. *O Batismo e a Plenitude do Espírito Santo*. Miami, Florida: Editorial Caribe.

UNGER, Merrill F. *The Baptizing Work of the Holy Spirit. (A Obra batizadora do Espírito Santo)*. Chicago: Scripture Press, 1953.

VELLENGA, G. Y. e Kret, A. J. *Stromen van Kracht, de Nieuwe Opwekkingsbeweging. (Correntes de poder, o novo avivamento)*. 91 pp. Kampen: Kok, 1957.

VIVER, L. M. Van Eetveldt. *Glossolálie*. Dissertação inédita para o doutorado em Medicina na Universidade de Witwatersrande, Johannesburg, África do Sul, 1960.

WARFIELD, Benjamim B. *Miracles: Yesterday and Today (Milagres: Passado e Presente)*. Verdadeiros e falsos. Grand Rapids: Eerdmans 1953. (Originalmente publicado em 1918 por Scribner sob o título *Counterfeit Miracles (Milagres Falsificados)*, título com que foi publicado em 1972 por The Banner of Truth Trust).

ZODHIATES, Spiros. *Speaking with Tongues (Falando em Línguas) e outros títulos*. Seis folhetos. Ridgefield, M. J.: American Mission to Grecks, 1964.

Obras eminentemente históricas:

BARTLEMAM, Frank. *How Pentecost Came to Los Angeles. (Como veio o Pentecostes*

a Los Angeles). 2a. Ed. Os Angeles: Frank Bartlemam, 1925.

BLOCH-HOELI, Nils. The Pentecostal Movement (O Movimento Pentecostal). Sua Origem, desenvolvimento e caráter distintivo. Londres: Allen and Unwin, 1964.

BRUMBACK, Carl. Suddenly . . . From Heaven (De Repente... Veio do Céu). Historia das Assembléias de Deus. Springfield, Mo.: Gospel Publishing House, 1961.

CLARK, Elmer T. The Small Sects in America (As Pequenas Seitas nos Estados Unidos). Ed. rev. New York: Abingdom, 1949.

CONN, Charles W. Like a Mighty Army (Como um Exército Poderoso). Cleveland, Tenn.: Church of God Publishing House, 1955.

FRODSHAM, Stanley. With Signs Following (Os Sinais que os Seguem). A história do avivamento pentecostal no Século XX. Ed. rev. Springfield, Mo.: Gospel Publishing House, 1946 (a primeira edição foi publicada em 1926 pela mesma editora).

GEE, Donald. The Pentecostal Movement (O Movimento Pentecostal), incluindo a história dos anos da guerra, 1940-47. Londres: Elim Publishing Co., 1949.

HUTTEN Kurt. Seher, Grübler, Enthusiastem. 6a. Ed. Stuttgart: Quellverlag, 1960. As pp. 477-524 tratam o movimento pentecostal.

KENDRIK, Klaude. The Promise Fulfilled (A Promessa Cumprida), história do movimento pentecostal moderno. Springfield, Mo.: Gospel Publishing House, 1961.

KNOX, R. A. Enthusiasm (Entusiasmo). Um capítulo na história da religião com referência especial aos Séculos XVII e XVIII. New York: Oxford University Press, 1950.

LANG, G. H. The Earler Years of the Modern Tongues Movement (Os primeiros Anhos do Moderno Movimento das Línguas). 79 pp. Wimborn, England: G. H. Lang.

MEAD, Frank S. Handbook of Denominations in the United States (Manual de Denominações nos Estados Unidos). 2a. Ed. rev. New York: Abingdom, 1961.

STEINER, Leonhard. Mit folgende Zeichem (Com Sinais Seguindo). Basel: Missiom für das Volle Evangelium, 1954.

PERIÓDICOS

RACH, Marcus, "Whether There Be Tongues" (Se Há Línguas), Christian Herald, LXXXVII (Maio, 1964), pp. 10-11, 20-22.

Beare, Frank W. "Speaking with Tongues: a Critical Survey of the New Testament Evidence" (Falar em Línguas: Síntese Crítica da Evidência Neotestamentária), Journal of Biblical Literature, LXXXIII (Sept. 1964), pp. 229-46.

BERGSMA, Stuart. "Speaking with Tongues" (Falando em Línguas), Torch & Trumpet, XIV (Nov. e Dic., 1964), pp. 8-11, 9-13.

EDMAM, V. Raymond. "Divine or Devilish?" (Divino ou Diabólico?), Christian Herald LXXXVII (Maio, 1964), pp. 14-17.

EHRENSTEIM, Herbert Henry. "Glossolália: First Century and Today", (Glossolália: primeiro Século e Agora). The King's Business, (Nov., 1964), pp. 31-34.

FARRELL, Frank. "Outburst of Tongues: the New Penetration" (Explosão de Línguas:

a Nova Penetração), *Christianity Today*, VII (13 de Set., 1963), pp. 3-7.

FINCH, John G. "God-Inspired or Self-Induced?" (Inspirada por Deus ou Auto-induzida?), *Christian Herald*, LXXXVII (Maio, 1964), pp. 12-13, 17-19.

HITT, Russell T. "The New Pentecostalism: an Appraisal" (O Novo Pentecostalismo: uma Avaliação), *Eternity*, XIV (julho, 1963), pp. 10-16.

LAPSLEY, James M. e Simpson, John H. "Speaking in Tongues" (Falando em Línguas), *Princeton Seminary Bulletin*, LVIII (Feb., 1965), pp. 3-18.

LINDBERG, D. Robert. "... Try the Spirits..." (Provais os Espíritos), *Presbyterian Guardian*, XXXIV (Feb., 1965), pp. 19-24.

Macdonald, William G. "Glossolalia in the New Testament" (Glossolalia no Novo Testamento), *Bulletim of the Evangelical Theological Society* (Primavera, 1964), pp. 59-68 (pode-se obter também em forma de folheto de Gospel Publishing House, Springfield, Mo.).

MAY, L. Carlyle. "A Survey of Glossolalia and Related Phenomena in non Christian Religions" (Síntese sobre a glossolalia e outros Fenómenos Relacionados em Religiões não Cristãs), *American Anthropologist*, LVIII (Feb., 1956), pp. 75-96.

PATTISOM, E. Mansell. "Speaking in Tongues and about Tongues" (Falar em Línguas e Sobre as Línguas), *Christian Standard*, Cincinnati, Ohio (Feb. 15, 1964), pp. 1-2.

PHILLIPS, McCandlish. "And There Appeared to Them Tongues of Fire" (E Ihes Apareceram Línguas de Fogo), *Saturday Evening Post*, (16 de Maio, 1964), pp. 31-33, 39, 40.

RUNIA, K. "Speaking in Tongues in the New Testament", "Speaking in Tongues Today" (O Falar em Línguas no N. T.; o Falar em Línguas no Presente). *Vox Reformata*, No. 4 (Maio, 1965), pp. 20-29, 38-46.

"SYMPOSIUM ON SPEAKING WITH TONGUES" (Simpósio Sobre o Falar em Línguas), por J. B. Hanson, G. Krodel, H. Kasse e Orne Suerala, *Dialog*, II (Primavera), 1963, pp 152-59.

TRINITY (Trindade), revista, ed. Jean Stone. Publicação Trimestral. Van Nuys, Calif. Várias edições.

VAN ELDEREN, Bastiaan. "Glossolalia in the New Testament", (Glossolalia no Novo Testamento), *Bulletim of the Evangelical Theological Society*, VII (Primavera, 1964), pp. 53-58.

VIEW (Ponto de Vista), Ed. Jerry Jensen, Publicada Trimestralmente em Los Angeles, Calif. Várias edições.

VOICE (Voz), (Revista dos Homens de Negócios do Pleno Evangelho), Ed. Jerry Jensen. Publicada trimestralmente em Los Angeles, Calif. Várias edições.

SOBRE O LIVRO:

Título original: What about Tongues Speaking?

Traduzido do espanhol "¿Qué de las lenguas?"

Tradução: Presbítero Anamim Lopes da Silva (IPB Brasília-DF)

SOBRE O AUTOR:

Anthony A. Hoekema (1913-1988).

Anthony A. Hoekema formou-se em psicologia pela Universidade de Michigan. Recebeu o Bacharel em Teologia do Calvin Theological Seminary, e doutorou-se pelo Seminário de Princeton. Ocupou a cadeira de Teologia Sistemática no Calvin Theological Seminary, antes ocupada pelo conhecido teólogo Louis Berkhof.